

LEILA CRISTINA FAJARDO NICOLITTO

**ADÉLIA PRADO E O DIÁLOGO COM
MULHERES BÍBLICAS**

**ASSIS
2004**

LEILA CRISTINA FAJARDO NICOLITTO

**ADÉLIA PRADO E O DIÁLOGO COM
MULHERES BÍBLICAS**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP, para obtenção do título de Mestre em Letras, na área de concentração Literatura e Vida Social.

Orientadora: **Profa. Dra. Cleide Antonia Rapucci**

**ASSIS
2004**

**Catálogo na publicação elaborada pela Divisão de Processos Técnicos da
Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina.**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

N644a Nicolitto, Leila Cristina Fajardo.
Adélia Prado e o diálogo com mulheres bíblicas / Leila Cristina Fajardo Nicolitto. – Assis, 2004.
200f.

Orientadora: Cleide Antonia Rapucci.
Dissertação (Mestrado em Letras) – UNESP. Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2004.
Bibliografia: f. 190-195

1. Prado, Adélia, 1936- – Crítica e interpretação – Teses.
2. Poesia brasileira – História e crítica – Teses. 3. Mulheres na literatura – Teses. 4. Religião e literatura – Teses. I. Rapucci, Cleide Antonia. II. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras de Assis. III. Título.

CDU 869.0(81)-1.09

LEILA CRISTINA FAJARDO NICOLITTO

**ADÉLIA PRADO E O DIÁLOGO COM
MULHERES BÍBLICAS**

COMISSÃO JULGADORA

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE
Faculdade de Ciências e Letras - UNESP
Área de Concentração: Literatura e Vida Social

Presidente e Orientador

Dra. Cleide Antonia Rapucci

2º Examinador

3º Examinador

Assis, ____ de _____ de 2004

A DEUS

Pelo dom de minha vida, esta que me foi concedida sem que tivesse merecimento algum e por ser meu pastor, nada em minha vida faltará.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho só foi possível graças à colaboração direta ou indireta de muitas pessoas. Manifestamos nossa gratidão a todas elas e de forma particular:

à orientadora, competente e amiga eterna Prof^a Dr^a Cleide Antonia Rapucci, mentora intelectual de mais esse processo de pesquisa de minha vida;

aos professores Luiz Roberto Velloso Cairo e Ana Maria Domingues de Oliveira pela participação especial no Exame de Qualificação, enriquecendo meu trabalho com suas apreciações críticas, meu muito obrigada.

às professoras Gizelda Melo do Nascimento e Ana Maria Domingues de Oliveira pela participação na defesa, contribuindo para o crescimento do trabalho.

a Henrique Nicolitto, meu esposo, por superar comigo todos os momentos difíceis de meu mestrado, o meu abraço e o meu amor;

à Elizangela Tainá Batista Nicolitto, a qual digitou todo o trabalho, meu muito obrigada;

aos meus filhos: Fernando e Mayara; meus pais e irmão: Antonio, Maria Luiza e Welington pelo amor, segurança, apoio e credibilidade;

a todos os professores e funcionários da UNESP de Assis;

à minha amiga Carla pelo companheirismo;

a Deus, porto seguro, no qual sempre encontrei apoio, consolo e forças para continuar.

*Das tripas,
Coração.*

ADÉLIA PRADO

NICOLITTO, Leila C. Fajardo. *Adélia Prado e o diálogo com mulheres bíblicas*. 2004. 200f. Dissertação (Mestrado em Letras – Literatura e Vida Social) – Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista, 2004.

RESUMO

A finalidade deste trabalho é evidenciar, nas figuras adelianas, aspectos que possam caracterizá-las como influências sociais e religiosas de todos os tempos. A partir da análise de suas poesias dentro do livro *Poesia Reunida* (2001) verifica-se que a situação particular vivida pela autora em sua condição de mulher e a aproximação com o universo religioso marca de forma decisiva seu discurso, influenciando tanto a escolha dos termos como sua linguagem poética, e ainda a própria valorização estética de sua obra. No primeiro capítulo analisamos a autora Adélia Prado, sua criação, a influência de Minas em sua vida, como menina criada no interior, professora de filosofia e sua prática religiosa a qual se reflete em muitos de seus escritos. Nos dois próximos temos as pressões sociais e patriarcais que influenciaram a mulher em sua formação feminina dentro do pátrio poder. Utilizamos para isso uma teoria advinda de Rosaldo e Lamphere que demonstra a mulher na sociedade, na cultura e no trabalho. Evidentemente, pesquisamos outros autores que estudaram o feminino, a religião e Adélia Prado como Stein, Duby, Sicuteri e a própria Bíblia. Além disso, toda a parte religiosa fixou-se também com Leonardo Boff, crítico religioso deste novo aspecto da mulher dentro da Igreja como renovadora. No capítulo quatro, deu-se a análise de mulheres bíblicas e não bíblicas como Lilith e Eva na composição de suas figuras femininas. E, por fim, procedemos a análise de dezenove poemas adelianos com todas as considerações já citadas. Concluímos que a autora exprime, por meio de um tom feminino, uma perspectiva feminina. Além disso, acreditamos que as figuras femininas têm algo a dizer como instrumento de análise literária, podendo auxiliar na compreensão de muitos aspectos existentes em sua obra, principalmente naquelas que mostram uma psicologia estrutural alicerçada e modificada com as décadas. Este estudo fornece importantes bases descritivas e interpretativas, todas elas plenamente possíveis de enriquecer o âmbito da análise.

Palavras-chave: Adélia Prado; poesia; mulheres; literatura brasileira; religião; feminismo.

NICOLITTO, Leila C. Fajardo. *Adélia Prado and the dialogue with biblical women*. 2004. 200f. Master's thesis (Literature and Society) – Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2004.

ABSTRACT

The purpose of this study is to evidence, in Adélia Prado's female characters, aspects which can characterize social and religious influences of all decades. Analyzing her poetry in *Poesia Reunida* (2001) it becomes evident the particular situation lived by the author as a woman and closing with the religious universe as the decision form at her discourse, influencing both the choice of terms and her poetical language, moreover to increase esthetics valorization in her literary composition. In the first chapter, we analyze the person Adélia Prado, her raising, Minas influences in her life, as a girl educated in interior of Brazil, a philosophy teacher and her religious practice that reflects in many of her works. In chapters two and three we see how the social and patriarchal pressure influenced woman in her feminine formation in patriarchy. We employ to that a theory by Rosaldo & Lamphere. They show woman in society, in culture and at work. It's obvious that we deal with other authors that studied the feminine, religion and Adélia Prado such as Stein, Duby, Sicuteri and the Bible. Moreover, all the religious part was based on Leonardo Boff, too, a religious critic of the new woman's aspects into the church as renewer. In the fourth chapter, there is the analysis of biblical and non biblical women like Lilith and Eve in the compositions of her female figures. And finally, we proceed an analysis of nineteen Adelian poems with all the considerations named. In conclusion, the author manifests, in a way that is female, a female perspective. Furthermore, we believe that female figures have something to say as an instrument of literary analysis, helping comprehension of many aspects in her literary composition, mainly in those that show a structural psychology modified and consolidated with the decades. This study supplies descriptive bases important as explanation, all over possible to enrich the work and analyses.

Keywords: Adélia Prado; poetry; women; Brazilian literature; religion; feminism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 - Adélia Prado, Fogo, Fogo de Deus	18
1.1 Simplesmente Adélia	20
1.2 Adélia Mulher	27
1.3 Adélia e Religião	31
1.4 Adélia e a Crítica	32
CAPÍTULO 2 - A Presença Feminina na História Social	42
2.1 A Mulher e a Sociedade	44
2.2 A Mulher no decorrer dos Séculos	56
2.3 Mulher e Família	60
CAPÍTULO 3 - A Presença Feminina na Religião: Liliths e Marias	69
3.1 Religião e Mulher	71
3.2 Deus e a Mulher	91
3.3 Lilith e as Mulheres Bíblicas	99
3.3.1 Rute	100
3.3.2 Ester	105
3.3.3 Judite	109
3.3.4 Eva	115
3.3.5 Maria	120
3.3.6 Lilith	125
CAPÍTULO 4 - O Universo Feminino em Adélia Prado	131
4.1 Seus poemas: suas mulheres em busca de uma identidade	133
4.1.1 “Enredo para um tema”	134

4.1.2 “Briga no beco”	137
4.1.3 “Dona doida”	140
4.1.4 “Com licença poética”	142
4.1.5 “A Treva”	146
4.1.6 “Gênero”	147
4.1.7 “Saudação”	150
4.1.8 “Tal qual um macho”	153
4.1.9 “Miserere”	155
4.1.10 “Sagração”	162
4.1.11 “Lembrança de Maio”	165
4.1.12 “Sedução”	168
4.1.13 “Festa do Corpo de Deus”	170
4.1.14 “Entrevista”	172
4.1.15 “O encontro”	174
4.1.16 “Grande Desejo”	176
4.1.17 “Os acontecimentos e os dizeres”	177
4.1.18 “Dolores”	179
4.1.19 “Agora, ó José”	181
CONSIDERAÇÕES FINAIS	184
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	190
ANEXOS	196

INTRODUÇÃO

Nos últimos tempos, com as mudanças políticas, econômicas e sociais, as mulheres alcançaram alteração de seu papel social. O fato de fazerem parte de um grupo social marginalizado reflete em recebimento de um tratamento desigual e de domínio. A autoridade masculina, aos poucos, foi sendo reduzida pelo fato de as mulheres controlarem suas próprias informações e recusarem-se ao simples fornecimento de serviços sexuais e do lar. Igualadas a crianças e loucos, sofreram discriminação e foram consideradas como sexo frágil, necessitando de “proteção” contra os males do mundo e de si mesmas. Buscam, então, sua identidade feminina por meio de questionamentos dos papéis sociais que vêm sendo desempenhados e impostos ao longo dos séculos.

A esses fatos, que são universais, elas foram tecendo modos de resistência e controle da própria vida. Houve a inaceitabilidade, por parte das mulheres, de pertencerem ao segmento de seres inferiores, e repulsa a essa imagem depreciativa e constrangedora. Assim, elas evoluíram para a autoconsciência e julgamento próprios de ações e sentimentos. Muitas mulheres já investem em sua carreira profissional e ocupam, muitas vezes, cargos de destaque, posicionando-se assim de forma diferenciada da vivida até então.

Dentro da literatura produzida por mulheres, elas passam a defender uma produção que não se construa em representações estereotipadas e estigmatizadas pelo patriarcalismo, e não se conformam com a situação de que seus escritos sejam considerados inferiores ao dos homens, simplesmente pelo fato de possuírem, na maioria das vezes, apenas o discurso masculino acerca da mulher e de sua produção. Ao utilizarem a linguagem, o contexto marca e posiciona uma reivindicação implícita na igualdade de tratamento e consideração enquanto geradoras de arte.

A Bíblia, tendo nascido e sendo interpretada dentro de um ambiente patriarcal, privilegia o homem e os seus valores, apesar de ser uma proposta de libertação do ser humano. Há caminhos e modelos para que haja o resgate do feminino, mas o que verificamos

é a repressão e a imposição de condutas que estão intimamente ligadas por visões distorcidas das mulheres que ocuparam o Antigo e Novo Testamento.

A desvalorização do feminino está ligada ao desenvolvimento do patriarcalismo. As mulheres, consideradas seres humanos de segunda categoria, são culpadas da própria condição de ser mulher. Consideradas seres frágeis e psicologicamente inferiores, alcançam o falso preconceito de que necessitam de tutores que cuidem de suas almas e de seus corpos, passando a vigília de sua conduta dos pais aos maridos.

A Bíblia foi utilizada também para inferiorizar as mulheres e subordiná-las ao homem. Passam a ser consideradas apenas pelo seu caráter reprodutivo. É uma forma de conter as necessidades sexuais femininas e moldá-las dentro dos padrões vigentes, nos quais incentiva-se a sexualidade precoce entre os meninos para que se prove sua masculinidade, e virgindade para as meninas que obterão o contrato de casamento por meio de seu hímen, como se o pequeno pedaço de tecido fosse o representante de sua dignidade e caráter. A Bíblia prega a castidade para ambos os sexos, embora a sociedade apenas empregue isso à mulher.

A proposta do presente trabalho é apresentar Adélia Prado pessoa e poetisa e o estudo de mulheres sociais, bíblicas, a fim de analisar as figuras femininas se assemelham em sua poética, mulheres oprimidas que se tornaram fortes e assumiram posições, mulheres que rejeitam e lutam contra as opressões patriarcalistas e ainda, mulheres que têm na atualidade sua sexualidade assumida, fazem escolhas, ainda que a sociedade as julgue. Nesta proposta social está a análise das mulheres de Adélia, de modo temático, que representam e apresentam a história feminina dentro de um contexto sociocultural.

Como objetivo inicial, o presente estudo tem a intenção de analisar as figuras femininas presentes na poética de Adélia Prado, que mostra em seus poemas um grito de liberdade em relação à sua própria condição de ser mulher. A partir desse eixo surgem outras

constantes como a necessidade de enfatizar o valor de sua obra e de sua escrita bem como tornar acessível e demonstrar a mulher na análise de seus poemas.

Ao fazermos utilização de figuras femininas neste estudo, a preocupação é analisar os poemas de Adélia Prado por meio das transformações femininas ao longo dos séculos. Concentramo-nos em atingir esse universo através da causalidade tanto social quanto bíblica, e ainda a importância do sistema patriarcal como caráter motivador. Dessa forma, podemos destacar sua estrutura poética através de teoria sobre a mulher em diversos âmbitos como família, relacionamentos, religião.

Sabemos que a mulher, implícita ou explicitamente no texto, é um elemento para a compreensão da literatura como um ramo de conhecimento. Contribui com o valor inegável de variados prismas e a estes a obra literária permite diversos e tantos aspectos. Nosso enfoque é para uma contribuição e melhor compreensão dos poemas de Adélia Prado, e ainda a análise de diversos tipos femininos, tendo em vista a religiosidade, principalmente ligada ao feminino, em seus poemas.

Ainda nessa contribuição, abordamos o universo feminino criado pela poetisa, porém não pretendemos que seja considerada palavra final. Com a utilização teórica advinda de Duby (2001), Rosaldo e Lamphere (1979), Cavalcanti (1993), Sicuteri (1998) entre outros, podemos perceber elementos possíveis que se fizeram instrumentos de interpretação como a percepção da forte influência do patriarcalismo, modelo proposto ao feminino, acompanhado sempre pela Igreja, também órgão opressor. A mulher é considerada vulnerável, está mais próxima do erro, sendo inferiorizada e desvalorizada perante preceitos sociais e religiosos.

São de suma importância os estudos sobre a presença feminina na história; estes fornecem bases importantes que descrevem e interpretam a situação feminina dentro do desenvolvimento social. E a presença feminina na religião e fora dela possui algo a colaborar como instrumento de análise literária, podendo e sendo auxiliares importantes na

compreensão de aspectos existentes na obra, principalmente quando o mundo do eu-lírico, mulher que respeita a religião, prevalece ou soma-se ao mundo exterior.

Dois aspectos em sua poética: mulher participante da religião e da sociedade foram o eixo norteador para que se realizasse esse trabalho. Muito consta sobre escrita feminina e cotidiano, pouco sobre erotismo e análises de sua poética visando a figura feminina dentro da evolução social e considerando a influência religiosa em sua confecção de figuras femininas.

Tudo isso demonstra que essa poetisa está despertando pesquisas e estudos deixando de ser uma poetisa menor no conceito dos literatos. Contudo, preferimos deixar em um outro plano os transtornos tendo uma única certeza: eles seriam o impulso e o desafio para a promoção dessa pesquisa.

Apresentamos no primeiro capítulo sobre Adélia Prado, uma fortuna crítica; sua posição feminina, contato e influência religiosa em sua vida. O segundo capítulo constitui-se da presença feminina na história social, a evolução e família como partes integrantes de um processo de crescimento. A seguir, a presença feminina na religião vem no capítulo três, confeccionado por um estudo de mulheres bíblicas e não bíblicas para que no capítulo seguinte, quatro, a análise de dezenove poemas pudesse ser feita. Os mesmos foram selecionados pela temática religiosa e feminina. Assim, utiliza-se todo o referencial teórico citado acima, procurando focar o universo feminino, social, cultural ou religioso na poética de Adélia Prado.

Adélia Prado conduz seus poemas para a vertente de questionamentos dos dogmas católicos. Constrói e vivencia o espaço erótico – sagrado da existência que se alterna entre prazer e terror. Nos poemas analisados existe a finalidade da busca da integridade e identidade femininas, com o resgate de referências que inserem a mulher no contexto cultural, por meio

de uma construção impositiva de identidade social e religiosa que agiu e que deseja a imposição até hoje.

A influência do cristianismo em sua poética é evidente, e o que cabe ou não no destino feminino, ou nos questionamentos de identidade é representado na voz feminina. Essa não compartilha do discurso religioso que estigmatiza a mulher como ser referente ao mal, sempre ligada à Eva ou a Lilith, ou o exemplo virtuoso e sem pecado a ser seguido com Maria.

O método do trabalho consiste em aplicar a temática mulher, ora a simbologia das figuras femininas da obra, ora uma análise social e religiosa, verificando o que representam e usando para isso termos, conceitos, sociedade e história dentro da teoria proposta. Também se buscou apoio na obra completa de Adélia Prado, nos estudos sobre a mesma e suas obras como em autores que expuseram estudos sobre história, família, patriarcalismo, religião, sociedade e cultura em poemas de Adélia Prado. Essas teorias serviram como base para o desenvolvimento do trabalho. Assim, encontramos referências sobre o tema abordado. O tema possui um caráter dúbio que prevalece na obra ora libertação ora escravidão, e ainda outros aspectos que demonstramos no decorrer da análise.

Desta forma, os poemas permaneceram como objetos centrais da análise, ponto de partida e de chegada para a reflexão proposta. O resultado da pesquisa foi um enfoque sociocultural e religioso, uma contribuição para o entendimento de seus poemas; porém, não é a palavra final, mas um caminho que se inicia, livre, para um universo, uma identidade que continuará a nos instigar como seres autênticos, evolutivos e reflexo do sistema sócio-religioso.

É esta a poetisa Adélia que mostramos, literária e mulher acima de tudo. É Rute, é Judite, é Eva, é Maria, é Lilith... é apenas mulher! Mulher como todo e não em partes, atual. Tem desejos, questiona, revolta-se e luta contra a opressão do dito sexo frágil considerado

incapaz. É a mulher: fêmea e feminina em diversas épocas e em vários contextos com imensas variações. É a representação da mulher por meio de mulheres sociais, culturais, inteligentes, bíblicas, antigas, novas, conscientes, oprimidas... São mulheres que se levantam e reagem a um sistema imposto, não pela Bíblia, mas pelos homens que a traduziram, interpretaram e a usaram como utensílio de dominação masculina durante muitos séculos.

CAPÍTULO 1
Adélia Prado, Fogo, Fogo de Deus

1.1 Simplesmente Adélia

Quando Adélia Luzia Prado de Freitas conheceu a poesia, considerou-a um fenômeno. Sentia-se cumprindo a sua sina, carregando a sua bandeira através da graça que havia recebido. É essa a sua preciosa bagagem. A letra é sua, a mensagem é de Deus. Jesus é Jonathan, afirma ela em entrevista dada a *Cadernos de Literatura Brasileira* (2000).

Cresceu e se multiplicou em vários livros, colocando neles alegrias e medos, misturando o profano ao religioso na revelação de suas mais profundas angústias e até depressões. Em cada poema lê-se a mulher, esta que é social, religiosa, profana, com sua vida que escorre pelos dedos através de suas palavras. É Eva, é Maria, é Lilith; mulher oprimida, reprimida, livre, oferece e mostra um caminho.

Carlos Drummond de Andrade (ADÉLIA PRADO, 2000, p. 5), encantado com sua forma de escrita disse: “Adélia é lírica, bíblica, existencial, faz poesia como faz bom tempo: esta é lei, não dos homens, mas de Deus.”

Algum tempo depois dessa declaração e da ênfase dada a sua escrita por Drummond, Adélia publicou seu primeiro livro, *Bagagem* (1976) com direito a uma igreja e a chorar, pois era sua maneira de agradecer. Ao ir a um ambiente sagrado, une emoção e realização, os quais se concretizam no lançamento, ambos associados ao seu agradecimento a Deus através da reza e do choro.

Assim, ela atribui o mistério de sua criação ao Dom, pois considera o seu ato de composição um meio de uso divino, como se Deus a usasse para falar através de seus escritos. Considera ainda que seus poemas são pobres na matéria e ricos na espiritualidade. Dessa forma, aborda tranqüilamente livros bíblicos como Gênesis e o Evangelho. Deus passa a ser Jesus e principalmente Jonathan para ela.

Ela cresce e com ela crescem seus poemas e romances. Sua produção integral relaciona-se à Bíblia, mostra no íntimo a história e o sofrimento dessas mulheres que social e religiosamente, não por Cristo, mas pela humanidade, sofreram e sofrem grandes injustiças e sofrimentos de corpo e de alma. Seus poemas são visões do mistério da fé, já que atribui a Deus a sua escrita. Por isso, é considerada muitas vezes poetisa menor.

Adélia Prado nasceu em Divinópolis, pequena cidade do interior de Minas Gerais, no dia 13 de dezembro de 1935. Iniciou sua alfabetização no Grupo Escolar Padre Matias Lobato, na mesma cidade, concluindo a fase primária quatro anos depois. Estudou também no curso de Magistério na Escola Normal Mário Casassanta, concluindo o curso em 1953.

No ano de 1955 começou a lecionar na Escola Estadual Luiz de Mello Viana Sobrinho. Somente dez anos depois ingressou juntamente com seu esposo no curso de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Divinópolis. Formou-se em 1973. Ainda nesse ano enviou cartas com os originais de seus poemas a Affonso Romano de Sant'Anna, que teceu comentários a Carlos Drummond de Andrade.

Quando da publicação de um livro de poemas de Marly de Oliveira, Drummond sugeriu ao editor Pedro Paulo de Sena Madureira que publicasse os poemas de Adélia Prado, pois esses eram “fenomenais”, segundo ele. Encarregou-se, então, de enviar os textos para o editor. Com isso Drummond publicou uma crônica no *Jornal do Brasil* chamando a atenção para o despertar da nova poeta, como dizia ele, Adélia Prado.

E no lançamento de seu primeiro livro *Bagagem* (1976), que acontece no Rio de Janeiro, estiveram presentes: Antonio Houaiss, Raquel Jardim, Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector, Juscelino Kubistchek, Affonso Romano de Sant'Anna, Nélida Piñon e Alphonsus de Guimaraens Filho.

Sairia dois anos mais tarde, em 1978, *O coração disparado*. Com este novo livro de poemas ganhou o Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro. Na prosa, publica em 1979 *Solte os cachorros*.

Após vinte e quatro anos abandonou o magistério, tendo trabalhado no Instituto Nossa Senhora do Sagrado Coração, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Divinópolis, Fundação Geraldo Corrêa - Hospital São João de Deus, Escola Estadual São Vicente e Escola Estadual Matias Cyprien lecionando educação religiosa, Moral e Cívica, Filosofia da Educação, Relações Humanas e Introdução à Filosofia.

Já em 1979, seu auto de Natal *O clarão*, escrito juntamente com Lázaro Barreto, foi encenado em Divinópolis. No ano seguinte, dirigiu o grupo teatral Cara e Coragem na encenação de *O auto da compadecida*, de Ariano Suassuna. Em 1981 esteve na direção de *A invasão* de Dias Gomes.

Adélia Prado começou a ser estudada no exterior. Ann Carter apresentou o primeiro estudo sobre a obra adeliana no Department of Comparative Literature, da Princeton University (EUA-1980). Nesse mesmo ano, Adélia Prado publicou o romance *Cacos para um vitral*.

No ano seguinte lançou *Terra de Santa Cruz* (poemas) e em 1983 assumiu o cargo de chefe da Divisão cultural da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Divinópolis, função na qual permaneceu até 1988.

Seu terceiro romance, *Os componentes da banda*, foi publicado em 1984. Participou no ano seguinte, 1985, de um programa de intercâmbio em Portugal. Esse encontro reuniu autores brasileiros e portugueses. Em Havana, Cuba, participou do II Encontro de Intelectuais pela Soberania dos povos de Nossa América.

O espetáculo *Dona doida: um interlúdio* estreou no teatro Delfin (RJ), em 1987. É baseado nas obras: *Bagagem*, *O coração disparado*, *Terra de Santa Cruz*, *Solte os cachorros*, *Os componentes da banda* e *O Pelicano*, este último publicado no ano da apresentação da peça. A montagem teve como protagonista Fernanda Montenegro e foi dirigida por Naum Alves de Souza. Percorreria então diversos estados brasileiros, além de EUA, Itália e Portugal.

Lançou no ano seguinte, *A faca no peito*, livro de poemas, e apresentou-se em Nova York na Semana Brasileira de Poesia. Em 1989, em Berlim, Alemanha, participou também de um encontro de escritores latino-americanos e alemães.

E em 1991 a primeira edição de *Poesia reunida* e dois anos mais tarde integrou a orientação pedagógica da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Divinópolis.

Mas, antes de lançar seu livro *O homem da mão seca* (1994) foi acometida de uma profunda depressão que interrompeu seus escritos por quase dez anos. Precisa, nessa etapa, de uma psicanalista. O primeiro capítulo desse livro ficou engavetado por aproximadamente cinco anos até ser retomado. Segundo Adélia Prado, sua produção literária ficou bloqueada.

Já, em 1996, no Teatro Sesiminas, houve a apresentação da peça *Duas horas da tarde no Brasil*, texto de Adélia Prado adaptado por Kalluh Araújo e por sua filha Ana Beatriz Prado.

Aconteceriam novos lançamentos simultâneos em 1999: *Manuscritos de Felipa* (romance) e *Oráculos de maio* (poemas). Participou em maio, no IMS-SP, da série *O escritor por ele mesmo*. Em Belo Horizonte entrou em cartaz *O sempre amor*, espetáculo de dança de Teresa Ricco, dirigido por Rui Moreira, baseado em poemas de Adélia Prado.

E em São Paulo, no ano de 2000, fez-se a estréia do espetáculo *Dona da casa*, adaptação de *Manuscritos de Felipa* por José Rubens Siqueira, sob a forma de monólogo. A direção ficou com Georgette Fadel e Felipa foi interpretada por Élide Marques.

Ainda, Fernanda Montenegro encenou *Fedra* em São Paulo, peça em que ambas, Adélia e Fernanda, trabalharam em torno do feminino e da religiosidade. Três anos depois do primeiro encontro é que a peça foi encenada. Deu-se o mesmo com *Dona doida*. Adélia dirigia-se, então, para o grande público.

Com Affonso Romano de Sant'Anna havia uma amizade que se solidificou através de cartas. Em 1976, ele e a esposa receberam Adélia e o marido. Nessa data

Drummond, Rubem Braga e até Juscelino Kubitschek estavam na noite de autógrafos. Ganhos e perdas estiveram presentes em sua vida: perdeu um prêmio em Brasília, outro no não mais existente Estado da Guanabara.

Em *O Pasquim*, foi exposta ao ridículo quando enviou seus poemas, e somente na *Veja* daquela época, com a abertura para novos escritores, é que Adélia sentiu-se redimida e retratada. Ela amadureceu sua escrita como mulher provinciana; somente assim poderia expor-se. Para ela, originalidade é obrigação. Sua voz é voz social e a Bíblia se encontra de maneira entranhada nos seus textos e em sua ética.

Já em entrevista dada a *Cadernos de Literatura Brasileira* (junho/2000), Adélia afirma gostar de dar entrevistas, mas para ela esse processo de concessão está ligado à dor, pois não se sente à vontade ao falar de si e de seus escritos; e o ficar frente a frente com pessoas as quais não conhece gera nela um processo que se assemelha à dor. Ao mesmo tempo, afirma ela, é bom falar e mostrar um pouco de sua pessoa e de sua escrita, como uma satisfação oferecida aos seus leitores. E ainda, todo esse processo (entrevista – dor – satisfação) relaciona-se com a Bíblia que mostra o desconforto e sofrimento, como o de Maria (alegria e dor encontram-se intimamente ligados no nascimento e morte de Cristo), pois dentro dos sentimentos marianos encontram-se a representação do sentimento de muitas mulheres ainda hoje no mundo.

Segundo Drummond, Adélia alcança sua majestade sendo a escolhida para alcançar a poesia brasileira de mais alto gabarito já elaborada por qualquer voz. Com seu primeiro livro, tornou-se a nossa mulher literária com a singeleza dos afazeres diários: fazer pão, rezar, escrever.

Para Adélia, Deus a usa como se fosse um oráculo. Por meio de suas palavras Ele fala. Seus temas possuem muito de personagens e histórias bíblicas: do religioso à mulher. Essa introspecção religiosa se faz mediante termos e palavras que muitas vezes se tornam

fardo pesado para que ela suporte. Suas obras confeccionam-se com base na infância, no real vivido por ela, e este passa a ser o sofrimento que a condição humana apresenta. O homem se dá na fé, a experiência se torna poética e religiosa ao mesmo tempo.

Como podemos perceber, Adélia teve o aval e reconhecimento de grandes escritores e críticos. Dessa forma, seria inoportuno dizer e até considerar, como fazem certos autores, que suas obras não passam de histórias pura e simplesmente feministas, como se isso fosse um defeito. Como sabemos o feminismo não exclui o teor literário.

Também, percebemos que a morte de seus pais se encontra relacionada de maneira estreita com a sua produção poética. Dessa forma, a infância é sua herança, pois tem como base o fator psicológico. Este se refere à condição feminina e suas obrigações dentro e fora do lar, bem como a educação religiosa.

Os recursos para a sua escrita são buscados dentro da necessidade da experiência de vivenciar o mundo. À sua poesia atribui-se caráter melancólico, como a tristeza familiar que se encontra relacionada à época da Quaresma, a qual oferece emoções fortes como amar e servir a Deus. É uma emoção ligada ao plano religioso; é a fé que se concretiza com os sentimentos presentes e aguçados das festas religiosas. A Quaresma é considerada uma época de grande reflexão para os católicos, e fica muito mais ligada, na mentalidade do povo, à morte do que a vida.

Poesia, então, passa a ser dádiva e sua crença cristã vocaciona-a para o real dentro do plano humanístico-cristão da população. Isto não implica em sofrimento, nem em masoquismo, mas constata que há dor na condição de ser e estar humano. Pecado e dor caminham paralelamente dentro da existência humana, e estão intimamente ligados a Cristo, que apresentou sua paixão e morte com um corpo carnal.

A linguagem poética, além de simbólica, é sentimento místico, compara-se a São Francisco, cego. A realidade acaba sendo o sustento de Deus na fé. Prece e poesia estão no mesmo nível. E quanto à liberdade, Adélia acredita ser possível experimentá-la.

Experiências religiosas e poéticas fazem parte, para ela, de uma única categoria, pois experiências se revelam em palavras e em sentido, como fenômenos naturais e divinos. Morte e vida estão no mesmo patamar. Ainda no sentido religioso, Adélia considera Deus atemporal, existência, holocausto e regeneração. É a plenitude que se foca em não estar nem no bem nem no mal.

E relacionando ainda suas leituras, cuja base lhe é firme, temos Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector, a Bíblia, John Donne. A poesia é mística e a sexualidade é sagrada, sendo o corpo precioso e erótico ao mesmo tempo. A liturgia é carnal, comer e beber é o ritual do banquete, por isso trata-se de uma questão erótica em si, é a transubstanciação.

Seus poemas iniciais, um deles, aos 18, “O sineiro apaixonado”, mostram a sua escrita. Esses seus primeiros escritos eram enviados ao namorado Zé, hoje seu esposo, mas segundo ela, seus versos eram incômodos, pois pareciam salmos. Sua poesia real veio depois de 1973, com a morte do pai. Conseguiu, então, arrojar sua escrita, expondo-se bem mais que antes.

Para ela, o poema é um indivíduo e necessita de atenção, e algumas vezes de reparo. Estabelece a poesia relação com o poeta, pois este está em estado de graça. Sua poesia cotidiana se entrelaça ao trabalho de outras mulheres, além de falar algo que se estenda às pessoas. Escreve de forma muito simples, utiliza um “caderninho” porque ainda não se adaptou ao computador. Essa tarefa, os poemas irem para o computador, é do marido.

Quando escreve *O homem da mão seca*, ela passa por um período depressivo, o que faz com que sua produção pare. Foram sete anos de jejum, incluindo análises, e com esta narrativa, identifica-se com o homem que possui a mão seca.

Na sua escrita não há impasse, nem negação, a escrita é muito forte e trata do espírito. O passar do tempo a leva a acreditar somente na alma, e a morte passa a ser uma crença doutrinária. Quando perto é sentida diferente, de uma forma ainda não experimentada, e o ser humano ao defrontar-se com ela entra em pânico. Sua obra *Bagagem* é comparada por

José Francisco Navarro Huamán com *Grande Sertão: Veredas*, como uma travessia que foi analisada semanticamente.

Em relação à adaptação de suas obras para peças teatrais, fez alguns rascunhos que desapareceram. Com um amigo fez a peça *O clarão*. Quanto à TV, não admite a possibilidade, por enquanto; e em relação aos prêmios literários admite precisar muita humildade para recebê-los. Adélia não se esconde e nem se exhibe. Sua maturidade é ponto fundamental, mas lembremos que não podemos confundir obra com autor, conteúdo e recipiente.

Para ela, poeta e Deus estão igualados em um sentido: criar poesia é estar bem próximo de Deus. “O poeta não cria do nada e Deus cria do nada” (ADÉLIA PRADO, 2000, p. 38). Apesar de gostar, recusa-se, muitas vezes, a dar entrevistas, pois considera-se tímida para falar sobre e de sua escrita. Esse fato não afeta de forma alguma seu público, muito pelo contrário, acaba sendo cada vez mais conhecida.

Se parasse de escrever, para ela, seria a morte!

1.2 Adélia Mulher

Adélia casou-se e parou de lecionar. Teve cinco filhos. Seu primeiro poema aconteceu após a morte da mãe; estava com aproximadamente quatorze anos de idade. Ficou então, responsável pelos irmãos e a poesia, esta, só se concretizou em 1972 quando o pai desapareceu. E em suas leituras, a Bíblia sempre esteve presente, desde o início.

Em sua escrita, quando começou, houve muita crítica sobre o seu novo tipo de discurso literário, inclusive e principalmente sobre seus temas que utilizavam o cotidiano e

pelo fato de possuir simples vocabulário. Revela ainda seu fervor religioso e percorre o espaço entre o lírico e o irônico.

Nessa época, década de 70, o feminismo começava a despontar. Adélia parecia ultrapassada porque seus poemas tinham a interferência do religioso e muitos outros expunham a questão masculina que vigora até então.

Em *Bagagem* (1976) nada parecia ser de estrepante, mas confeccionado com certa desenvoltura poética. Os blocos são ligados entre si. Carolyn Richmond quando traduz o referido livro para o inglês, comenta a ideação do livro, a ligação entre os blocos. Foi sua identificação artística e literária em si mesma. Todos os seus poemas encontram-se relacionados a textos bíblicos. É como se houvesse uma readaptação dos textos do Velho Testamento, conforme afirma em entrevista concedida a *Cadernos de Literatura Brasileira* (ADÉLIA PRADO, 2000, p. 75-76).

Também afirma em sua entrevista que o nome sempre aplicado e referente a Deus – Jonathan – é uma constante em seus poemas; é um nome advindo do hebraico e significa a dádiva de Deus. Geralmente usa-o como vocativo, um chamamento a Deus.

Já seu livro *O Pelicano*, de acordo com Antonio Hohlfeldt, encontra-se ligado aos livros Sapienciais que representam potencialidade e significação. A palavra torna-se a metáfora de Deus. Em *A faca no peito* o assunto principal é a criação da poesia; mostra a flexibilidade do poema, e a ligação do amor e Deus.

Em *Oráculos de Maio*, ela retoma o tema de *O Pelicano*: é uma releitura de si e de sua obra. Faz referência à Virgem Maria e a Maria. Demonstra ser ela o elo de ligação entre o poeta e Deus; é sua experiência com Deus. Mostra a epifania, permitindo a revelação da realidade. O seu desejo é se tornar oráculo de Deus, como muitas vezes demonstra em seus escritos.

Ela revela ainda a divindade, o humano e o cotidiano na busca da verdade, por isso seu espaço é fechado: casa, família, cidade. Explora, ainda, a mulher e o feminino, altera

a tradição patriarcal cujo sistema oprime as mulheres; é um auto-retrato histórico e econômico. Dá novo tom ao ser mulher, colocando a valorização, o corpo, os gestos, afetos. É questão de amor próprio.

Ainda em entrevista dada a *Cadernos de Literatura Brasileira* (ADÉLIA PRADO, 2000), ela diz acreditar ser o segundo lugar o da mulher. A criação, segundo ela, é masculina, inclusive sua escrita. É como se fosse um homem quando escreve. Assim, assume humildemente sua condição de poeta e mulher, aumentando a experiência com Deus e com o horizonte poético. Sobre o direito da mulher, não há discussão; o que pensa, porém, é que o homem veio primeiro, e há direitos e deveres que não têm como ser mudados. Seria uma questão de aceitação.

Isto citado provoca frisson nas pessoas que lêem, mas o que não pode deixar de ser posto é que há diferenciação, na sua escrita, entre o masculino e o feminino. Tal prática literária provoca reação junto ao cânone literário. Ela busca a identidade com a figura ou a personagem feminina, mostrando ser livre tanto no ser quanto na experiência. A mulher se manifesta na biologia do corpo, e Deus se mostra nesse corpo através do orgasmo de suas figuras e personagens.

Representa todas as mulheres que de uma forma ou de outra passaram e foram escritoras, muitas vezes, barradas pela sociedade, pois a literatura entrou verdadeiramente na vida das mulheres aos poucos, seja como leitoras ou escritoras. A literatura é a observação do mundo, difunde pensamentos e comportamentos. A obra feminina requer intimidade e liberdade de espírito.

Em seu mundo predomina a feminilidade, e ao homem, a virilidade; sem ameaça; lugar onde a mulher também é plena e dominante, sendo sagrada e feminina ao mesmo tempo. Sendo assim, seu discurso apresenta-se inovador, revela e reparte, sendo ao mesmo tempo profética e literária, fêmea e feminina.

1.3 Adélia e Religião

Sua confecção poética refere-se à Bíblia. Demonstra ser muito religiosa em seus escritos e em suas entrevistas. Coloca ainda anjos, igreja, corpo, salmo e oração na união da vida com Deus. O Verbo é espírito, é carne. E mostra em sua poética: cores, visões e profundezas místicas. É o seu cotidiano buscando e rumando para a lírica. Suas palavras demonstram o Ser absoluto, a perfeição divina. Não pode ser visto, mas pode ser revelado através de palavras e da espiritualidade de cada ser, de cada ato, de cada coisa.

Levando em conta sua opinião sobre Igreja, ela comenta que há algo equivocado, e que missas e casamentos perderam a unção, ou seja, a beleza e a benção da união entre a humanidade e Cristo. Sente pelas cabeças católicas que não perceberam isso e pelos evangélicos que se equivocam ao confundir fé com dinheiro. A evangelização se dá na busca da conversão, complicando-se quando se faz apelo a espetáculos.

Em um primeiro momento, Adélia considera Deus terrível, e somente com a vinda de Jesus é que ele perde um pouco de espaço. Em seus versos, notamos que Deus é Pai misericordioso, e o pecado é o ser e não o fazer. O pecado desvia o ser humano, pois se nasce pecador. Fé não se separa do emocional, muito menos do psicológico. Ainda na entrevista concedida a *Cadernos de Literatura Brasileira* (ADÉLIA PRADO, 2000) afirma que o evangelho que mais a toca é o de São João, pois concede força espiritual.

Quanto à religiosidade dos filhos, ficou preocupada na adolescência deles, mas sente Deus muito mais neles do que nela própria. Para ela a Igreja não se acabará, pois milhões de pessoas precisam dela; apesar de ser uma instituição pode acabar-se um dia, mas permanecerá no sentido espiritual.

O silêncio que não é mais tido hoje nos cultos a faz sentir falta da paz. Ela trabalha com o silêncio que as palavras deixaram para trás, pois esse vazio passa a ser

conteúdo a partir do momento em que é considerado e analisado. Deus é apontado em suas obras, identifica-O nas estrelas e no infinito, enfim, nos seres que habitam o mundo.

A Bíblia é um livro no qual, pela sua diversificação, encontra-se desde um conselho até uma história. A raiz bíblica apresenta vários enfoques: universo, consciência, sofrimento, que são analisados e permitidos por Deus. Em sua escrita, Adélia pratica uma liturgia de acordo com o seu ser e o seu mundo.

Como sua poética é feita de metáforas, a comparamos com Tomás de Aquino e Teresa de Ávila, e usa, bem como eles, os poemas para ganhar força dentro do religioso. Sua palavra apresenta simbologia e pode ser pensada e questionada a partir disso, pois apresenta Deus como uma paixão erótica. Através de sua palavra também é possível a revelação do sofrimento e a busca dos limites da linguagem, suas significações articuladas e reais.

Consegue ser utópica e misteriosa tanto quanto Cristo, pois crê e escreve sem saber. O Senhor é sua paixão divina. Admite que a alma seja erótica, estando o amor acima das virtudes. E a melancolia se dá no encontro do social, do político e do histórico; associa-se à teologia da libertação – inserir a mulher na igreja e na religião como ser agente e não paciente. Assim, proclama a fé com a esperança.

Também, marcada pelas mulheres, muitas bíblicas, coloca elementos poéticos como referenciais, e estes vão desde o leite até o ventre. Enfim, a poesia adeliana é a proclamação do amor, através da religiosidade e da oração.

1.4 Adélia e a Crítica

A obra poética de Adélia está entre o cotidiano, o religioso e o erotismo. Para ela, a poesia é vital e ela é a escolhida para a tarefa da escrita. Ela resgata a condição feminina e o cotidiano das mulheres em seus acontecimentos domésticos, principalmente na religiosidade.

Como o trabalho pretende destacar as figuras femininas relacionadas à religião, ressaltamos que a poetisa firma-se como uma voz feminina, que para José Nêumane (2003), tem “poesia e prosa com fé no chão”, e é ainda uma voz que referencia o masculino através de Jonathan, pois para ela, a poesia é advinda de Deus.

Adélia Prado desperta, atualmente, o interesse de muitos e a análise crítica de suas obras iniciou-se há pouco tempo. Os objetos de estudos críticos sobre sua poética e narrativa dão-se no âmbito da religiosidade, erotismo e feminino. A grande dificuldade de selecionar e procurar material para esta pesquisa foi justamente a escassez de material que tratasse de mulheres sob o prisma religioso, das influências, das inferências, da liberdade ou opressão dessas mulheres na vida e prática poética de Adélia. E é justamente por este motivo que este trabalho desenvolve-se.

Sobre Adélia Prado e sua escrita, pouco se tem, mas muito se está estudando, por ser uma poetisa que começa a transparecer para o público crítico e leitor. Isso dificulta a seleção e encontro de material para que se possa pesquisar melhor. Os artigos, dissertações, teses, comunicações que são encontrados tratam da religiosidade dela na escrita, mas pouco sobre a presença de figuras femininas bíblicas em sua poética, ou o mito de Lilith.

Além de seus romances e poesias, há traduções de suas obras para o inglês e espanhol como os livros de poemas *Bagagem* e *O coração disparado*, entre outros. Há ainda depoimentos e leituras que constam de um cassete e fita VHS do Instituto Moreira Salles de 1999. Há também, participação em antologias e parcerias no teatro com Fernanda Montenegro, por exemplo.

Estudos, dissertações e teses começaram em 1984 com Irene Vieira da Silva que estudava a sua poética. Dentre os estudos, encontramos sua obra associada à filosofia, feminino, esperança e misticismo. Adélia também foi estudada no exterior: México, Princeton, sendo dois doutorados e um bacharelado.

Há ensaios e artigos incluídos em livros, jornais e anais que datam inicialmente de 1981. Há entrevistas e artigos sobre ela, sua escrita em jornais e revistas, inclusive virtuais. E, ainda, documentários e adaptações de obras que foram ao teatro. Muito se tem visando ser uma poetisa, de certo ponto, anônima. Mas é necessário analisar que sobre sua poética e suas mulheres nada consta até o presente andamento desta pesquisa.

Em *Cadernos de Literatura Brasileira* (ADÉLIA PRADO, 2000) uma entrevista apresenta Adélia Prado pessoa, poetisa e autora. Há, nessa mesma revista, uma relação de artigos, teses, adaptações e trabalhos sobre ela. Drummond foi seu padrinho, o qual lia e recomendava seus poemas a editores e a leitura a outros autores colegas.

No livro *Literatura e Feminismo* (RAMALHO, 1999) há um artigo sobre Adélia “Vivência erótica do cotidiano na poética de Adélia Prado” de Cimélio Senna que discute a influência da eroticidade nas mulheres que atuam hoje. A revista *Cult* (1999) apresenta uma entrevista com Adélia Prado. Nessa entrevista a poetisa fala sobre *Manuscritos de Felipa* e *Oráculos de Maio*, os livros recém lançados na época. Ainda faz observações sobre a religiosidade e o cotidiano em sua obra.

Em artigo de Elódia Xavier (2003), há observações e comentários sobre Adélia e seu livro *O homem da mão seca*. Elódia, apresenta o livro sob os aspectos: religiosidade, carência, ligação entre os evangelhos de Marcos, Mateus e Lucas com a epígrafe do livro e ainda o milagre operado a ela (Adélia considera isso em relação à sua escrita) que estabelece relação com a Bíblia.

No I Encontro Internacional “A Representação da Imagem Feminina”, realizado na UEL – Universidade Estadual de Londrina em 2001, assistiu-se à comunicação sobre Adélia de Ester M. da Cruz (doutoranda da Unesp/São José do Rio Preto) a qual referia-se à religiosidade e a voz feminina.

Em o jornal *O Estado de S. Paulo* (15/08/2000), o jornalista José Castello faz um comentário completo sobre o CD de Adélia Prado. Inclui em suas observações a música de

fundo e como Adélia fez as leituras do poema: ora solta como se estivesse em sua casa, ora insegura e intimidada por todos os equipamentos presentes no estúdio Bermot, em BH. E no final da reportagem apresenta um poema inédito intitulado “Expiatório”. Ele considera Adélia uma excelente intérprete, até mais que João Cabral. Também é considerada, no momento, do mesmo nível de Manoel de Barros e Hilda Hilst. Comenta ainda que o exercício da leitura literária no Brasil é visto como antiquado ou exibicionista, mas que começa a ser alterado e a sugestão é que não houvesse som juntamente com a leitura. Coloca o CD como um indicativo de poesia vigorosa, pois as palavras possuem poder.

Continuando o comentário sobre a fortuna crítica de Adélia, em “Mulher e Literatura”, no Seminário Nacional Mulher e Literatura, realizado em Niterói, em 1997; há dois artigos sobre a referida poetisa. No primeiro “Memória Poética e Crítica da Ideologia em bagagem de Adélia Prado” por Angélica Soares (1999b), discutem-se o discurso adeliiano e a ideologia social que rege o desempenho “ideal” de mulher no sistema patriarcal. Trata, também, de uma forma superficial, sem abordagem profunda, até mesmo por ser um artigo, da formação religiosa da mulher no Brasil, bem como a permanência de estados psíquicos que são constantes nos poemas de Adélia Prado.

Já outro artigo do Seminário Nacional Mulher e Literatura “O desejo no olhar: o gozo outro na poesia de Adélia Prado” por Claudius Bezerra Gomes Waddington (1999), apresenta a inconformidade de Adélia em a mulher ser um objeto para o homem. Mostra que a sua poética busca a emancipação da mulher e a construção de sua própria identidade. Sua poética, o seu discurso, metaforiza a não focalização perceptiva do homem, libera o ser mulher por meio da escrita.

Nelly Novaes Coelho (1993) no artigo “Adélia Prado no resgate da vida cotidiana” apresenta a poetisa no seu livro *Bagagem*. Diz ser Adélia uma poetisa que chega a ultrapassar a vertente poética de Drummond. A poesia de Adélia, segundo Nelly, é gerada no

mesmo universo de Guimarães Rosa. Também é um eixo rompedor do sexo castrador, e isso é rejeitado por ela.

No livro *O vazio e o pleno*, em um trecho veiculado na internet, Vera Queiroz (2003) afirma que Drummond pensava que a popularidade nada tinha a ver com a boa poesia. Em relação à Adélia Prado, ele, Drummond, fez uma crônica para Affonso Romano de Sant'Anna, antes do lançamento do primeiro livro. Essa poetisa possui o aval de ambos. Ainda se fala sobre sua nova atitude poética: corpo erotizado, Deus humanizado e a mulher. Encontra-se, segundo Vera Queiroz, junto a Guimarães Rosa, Murilo Mendes, Fernando Pessoa, Castro Alves e Drummond.

No *Jornal da Tarde* (17/04/99), José Nêumanne (2003) cita a indicação, por Drummond, dos versos de Adélia a um editor. Cita o lançamento de *Oráculos de Maio* e *Manuscritos de Felipa*. Comenta o fato de ser uma senhora de Divinópolis que escreve muito bem e com crença religiosa; conta passo a passo como foram recebidos seus versos: com catolicismo, mas não o dos doutores da Igreja. O editor, sentindo a transcendência de seus versos, compara-a com Gerard Manley Hopkins. Juscelino Kubitschek esteve no lançamento de seu livro *Bagagem*. Também há breve comentário de alguns poemas seus, e ao ser comparada com Hopkins que queimava seus poemas, Adélia confessa e explicita a fraqueza e o demoníaco nas palavras. Sobre a narrativa *Manuscritos de Felipa* afirma seguir a escrita de seu interior, pois o sacramento é sua realidade.

José Castello (2003), em *O Estado de S. Paulo* (22/05/99), comenta a ausência de sua escrita por cinco anos, apenas com as crônicas semanais do *Correio Braziliense*. Vinte dessas crônicas seriam os vinte primeiros capítulos de *Manuscritos de Felipa*. Tanto *Oráculos de Maio* quanto *Manuscritos de Felipa* assemelham-se pelo diálogo com Deus, sendo o leitor testemunha e invasor. Em entrevista que se segue à reportagem, ela explica que a longa ausência deu-se pela desolação (período de depressão), afirmando que escrita e religião, para

ela, são a mesma coisa. Quanto aos preconceitos intelectuais, diz que as coisas variam e rebate que religioso também é matéria de poesia.

Manoel Ricardo de Lima (2003) no jornal *O Povo* (18/09/2000) faz um comentário sobre espécies de poesia dentro dos quais foram retirados espetáculos de dança. Faz um breve comentário sobre uma moradora de interior escrever versos eróticos e católicos, e também comenta sobre *Cadernos de Literatura Brasileira* (ADÉLIA PRADO, 2000). A questão dona-de-casa é rebatida por Soares Feitosa que classifica o termo “dona de casa” como elemento que não deve ser considerado para que a poética seja valorizada ou não.

É uma poetisa que inspira muitos estudos, em todas as áreas que se referem aos mais diversos temas. O tema para este trabalho não apresenta muitas obras e referências para estudo, e esse é justamente o motivo pelo qual foi escolhido: mulher bíblica e social juntamente com a literatura feminina.

O texto de Adélia Prado está longe de ser simples. Sua linguagem é como matéria densa, não foi tomada de empréstimo dos homens. A verdade de sua experiência feminina completa-se com sua fidelidade à sua paisagem ambiental. Sua poesia vem do sertão.

Em sua obra *Bagagem* a poesia é de gosto humano, universalizante, valorizando o cotidiano. Ela revaloriza a linguagem falada de todo dia. Realiza o antiformalismo, com acuidade para a expressividade rítmica das palavras, muitas vezes intuitiva, mas exata. Seus poemas exprimem a sensação de ser espontaneamente.

As citações bíblicas que faz não chegam a ser uma influência, pois sua religiosidade é mais das igrejas interioranas. Ela apresenta o moderno renovado por meio de um distanciamento da necessidade de um pioneirismo pela boa poesia acima do Modernismo.

Seu prêmio Jabuti em 1978 marca a presença de Deus neste mundo. Muitas vezes é criticada por fazer catequese, mas o que é certo é que encontra poesia na simplicidade do

dia-a-dia. Em *Com Licença Poética* retoma a personagem gauche de Drummond, para marcar o avesso de sua história, pois ser gauche é muito difícil para uma espécie ainda envergonhada.

Em relação à literatura feita por mulheres, ela registra uma experiência feminina do mundo, mas para ela o ato de escrever é masculino. Adélia, de certa forma, não consegue ver-se escrevendo, então como uma “desculpa” imagina-se homem. Se este ato para ela é inconcebível, seria incoerente todo o seu “hall” de trabalhos, pois mais tempo imaginou-se homem e por pouco tempo foi mulher.

Adélia, não podemos nos esquecer, foi proclamada por Drummond, em 75, sem livros editados. Sua literatura se mistura com erotismo, religiosidade e simplicidade, tendo o cenário de Divinópolis e foi isso que lhe rendeu tema do samba enredo da Escola de Samba Tupi, de Nono.

Para Adélia a família e a escola são duas células básicas do corpo social, pois deveriam dar às pessoas um conjunto de valores humanos e cristãos, porém isso não acontece pois ambas estão em decadência. Ela preza a família e as tarefas ditas e consideradas femininas.

Adélia não acredita numa literatura feminina; o que existe para ela é literatura boa ou má, só isso. Cada qual deixa sua experiência no que escreve. Quando escreve se acha homem, como se sua parte masculina fosse exercida.

Em reportagem de *O Globo* (1988) assinada pelo correspondente em Nova York, Regis Nestroski, com o título de “Manhattan estremece com Adélia”, este conta que a poetisa se encontrava em Nova York a convite da Comissão Internacional de Poesia, participando da Semana Brasileira de Poesia, Manhattan Theatre Club, juntamente com João Cabral que não pôde comparecer.

Affonso Romano de Sant’Anna, em *O Estado de Minas* (03/09/87) percebia que em Adélia havia uma coisa forte que era de passar por cima de celebrarismos técnicos e se

atrelar ao cotidiano do interior mineiro. Essa é a função de sua poesia: ser simples, erótica sem ser pornográfica e mística sem ser piegas.

Adélia considera a poesia andrógina, não tem sexo. As cores usadas em seus poemas, são consideradas como um aspecto material da concretude do mundo.

Em relação à *Teologia da Libertação*, ela considera uma descoberta de vivência religiosa que nasce da fé e é vivida em muitos países dominados e subdesenvolvidos. É algo político e é fé. Da vivência da fé decorre uma ação política inevitável. A *Teologia da Libertação* veio para resgatar valores cristãos que estão na Bíblia.

A religiosidade de Adélia Prado revela seu ineditismo. Adélia revela a mulher provinciana cuja eroticidade só se torna conhecida por resultar de conflitos e paradoxos. Adélia supera atitudes do Modernismo, indicando a voz feminina, o interior brasileiro e a família burguesa.

Seu livro *O Pelicano* (1987) dissipa o temor, ingressa na tradição brasileira que produziu a melhor poesia cristã. O Pelicano é a ave na qual o cristianismo encarnou a natureza humilde e sacrificada desse animal que fura o próprio peito para retirar alimento para sua prole. É imagem de doação que se fez símbolo de Cristo, associado à chaga do coração de onde escapa o sangue de Deus.

Na sua poesia confessional, de purgação, busca perdão para uma infância erotizada, o que lhe causa culpa e pede o paraíso. Essa ambigüidade é a melhor contribuição de Adélia, pois une o humano com o espírito e assim a punição para a mulher. *O Pelicano* traduz a existência erótica como um sintoma de criação. Nesse livro despe-se o corpo da mulher para apontar carnalmente as contradições de Deus, Eva e Maria.

Jonathan, que quase sempre surge em seus poemas, representa uma dimensão a um só tempo, representa uma dimensão ao mesmo tempo terrena e imaginária, boa ou má, idealização de uma moça romântica, educada dentro da religião, logicamente que considerando a educação atual, como é e pode ser levada pela sociedade ou pelos pais.

O erotismo não entra em conflito com sua concepção cristã. Sagrado e Profano se misturam no mundo adeliانو. Neles estão o imediato e o transcendental, o cotidiano e o sobrenatural. A voz feminina afasta a sua maneira masculina de dizer o mundo.

A poesia de Adélia Prado é intertextual. Suas principais fontes são a Bíblia (Êxodo, Salmos, Cântico dos Cânticos), Carlos Drummond de Andrade, Guimarães Rosa, Orações Religiosas, Freud, Machado de Assis, Fernando Pessoa, Contos Populares da História Antiga.

Adélia lembra Santa Tereza de Ávila, pois funde erotismo e misticismo. E ainda acredita em inspiração com Drummond. É a partir de seu experimento que ela escreve, pois sente a compulsão de expressar o que sente. Ela serve-se de leituras para atingir o auto conhecimento. Lê Jung, Octavio Paz entre outros.

O seu processo de criação inicia-se com uma perturbação inicial, que pode vir de uma pessoa, fato ou idéia. É nessa hora que sente a necessidade de escrever. Há a perturbação e para ela isso é transcendência de beleza, de Deus, valores de ordem espiritual que permeiam nossa vida.

Para Adélia, não há mais o Deus atemorizante, mas o demolidor do terror. Ela harmoniza sexualidade e santidade. Ela rompe a barreira que separa a carne do espírito e reaviva uma das formas pela qual os povos antigos imaginavam a sagração religiosa: a união de Deus como união sexual.

Maria é orientada para a humanização do divino e conseqüente reversão do processo: a divinização do corpo enquanto índice de humanidade. Ela devolve aquilo que deseja ocultar a mística cristã, pressupondo amor e o desejo de união e êxtase. Ela retoma o culto da sensualidade interrompido pela cultura judaica.

Ela oscila entre o Antigo e o Novo Testamento; de modo geral, fica clara a preferência da escritora pela tradição bíblica. Os textos de Santa Tereza de Ávila tratavam da união mística da alma com Deus; processo este tentado e alguns momentos conseguido por

Adélia: unir alma ao corpo sem danos “morais” para a mulher dentro do proposto como papel pela e para a sociedade.

Estão presentes em sua poética as festas de santos, feriados, imagens, compondo o conjunto da religiosidade popular mineira e a religiosidade aparece entrelaçada com o sentimento amoroso, sendo Deus a personificação do amor ideal e pleno.

Adélia resgata para a poesia os acontecimentos mais íntimos, Deus humanizado, a mulher. O seu cristianismo também é aquele que São Francisco de Assis, que se volta para os seres mais ínfimos, o universo dos desvalidos e dos humildes.

A não idealização do divino e sua aproximação com o humano e suas contingências mostram-se ainda na forma como a tematização do amor erótico perpassa as obras.

A poesia de Adélia e o processo de que se utiliza para a recuperação dos resíduos de linguagem é um desejo de apreensão da poesia em si.

Depois de referirmo-nos à vida e obra de Adélia Prado, partiremos agora para uma nova etapa que se consolidará nos estudos das mulheres perante a sociedade, como elas eram e são agora, e ainda considerando as formas de serem avaliadas e educadas pelo sistema sócio patriarcal.

CAPÍTULO 2
A Presença Feminina na História Social

Com o conhecimento de Adélia Prado, pessoa e poetisa, no capítulo anterior, preocupamo-nos com a presença feminina na família e na sociedade, pois bem sabemos que sua condição pouco foi modificada, ou mesmo, as formas de existência, sobrevivência e considerações sociais. Dessa forma, o capítulo que se segue mostra as seqüências evolutivas da mulher durante os séculos, pois ela é o elo de ligação com a poética de Adélia Prado e a verificação da importância de suas figuras femininas, bem como a influência social e bíblica para a sua composição e a nossa pesquisa.

2.1 A Mulher e a Sociedade

Dentro de um rito social, considera-se que as mulheres geram e os homens matam, como se fosse esse o princípio da diferença sexual. Para a mulher caberia gerar vidas, como dom de Deus e ao homem, para continuar com papel social proposto, a matança; o ato de não ser piedoso, o que seria ponto primordial para todas as mulheres, mas não para os homens. Esses são pensamentos e práticas estigmatizadas por uma sociedade vista e tida como machista. E apesar de estarmos no século XXI, as mulheres apresentam um perigo negro, um mistério desconhecido e ignorado por muitos, talvez por medo e não por curiosidade.

As mulheres durante muito tempo foram consideradas o segundo elemento. E é através da reflexão desse ser secundário que há interesse na cultura e na sociedade, considerando os pensamentos desenvolvidos como um fator de crítica à subordinação feminina. Este capítulo tratará exatamente disso. Com a exploração de toda a cultura que envolve as mulheres, traça-se o objetivo de analisar como as mulheres modificaram seus papéis, atingindo e examinando os problemas de significado humano, ou seja, no mundo tudo pode ser criado, pensado, salientado e modificado.

Assim, as mulheres que atuam na esfera social atualmente atingem seu ápice conhecendo o sofrimento, opondo-se ao que não lhes é correto e tentando assumir seu campo. Competem com ou sem a obtenção do sucesso. Tornam-se mulheres inteiras, e juntamente com os homens começam a perceberem-se como seres diferentes, autônomos e dignos de sua própria identidade.

Sua identidade é que caracteriza e define o ser como parte integrante do universo. As mulheres possuem sua fala, raciocínio, lógica. Não são mais as mulheres que vivem pelo sofrimento e são consideradas boas mulheres por serem frígidas, aceitarem e delimitarem comportamentos, principalmente os sexuais. As mulheres são capazes de produzir e só aceitam isso quando exigem de um todo social, suas próprias vontades.

Essas mulheres, novas, renascem como um *condor*, com vontades e desejos próprios, associando sentimentos e razão. As mulheres optam pela defesa da vida, lutam, exigem, geram e libertam-se das amarras sociais que as levam para o patriarcalismo. Soltam-se da opressão, pedindo a vez e a concessão da voz.

Portanto, as mulheres conscientizadas tentam resgatar suas verdadeiras imagens, alcançando um novo desempenho social, apagando a imagem de desmoralização que sofreram e ainda sofrem. Há então o reequilíbrio da cultura.

O feminino é representado pela sabedoria; ficou em segundo lugar, pois em primeiro estava um ser masculino: Jeová. Maria, ao ser obediente, define sua identidade como a mãe de Deus – Filho. É através dessa aceitação que há a realidade divina.

O mais importante é que as mulheres busquem suas próprias identidades, e o grande desafio está em unir o social com o cultural, pois ambos são extremamente masculinos. Não há mais a aceitação por parte de todo um contexto social de que as mulheres são inferiores e isto está em seus destinos, portanto há de se questionar o ser mulher.

O seu destino é humano, não quer necessariamente precisar de opinião/imposição falocêntrica. O cuidado então, redobra-se, pois não há sociedade justa com a troca do poder de mãos, mas com valorização de oposições.

Consideradas por Simone de Beauvoir (1949) como segundo sexo, temos hoje a perspicácia e a audácia de podermos alterar isto. É importante que aprendamos a ser mulheres, deixar de lado todo estereótipo aplicado pelo social às mulheres. Geralmente somos objetos, mães devotadas, esposas obedientes. O que não se pode negar é que há diferença social e política entre os sexos.

Michelle Rosaldo e Louise Lamphere (1979) citam a existência de diferenciados tipos de cultura, e em cada uma as mulheres assumem um tipo de comportamento: em umas cultivam, em outras são rainhas ou ainda submetem-se a homens. E diga-se também que possuem atividades diferenciadas como criação de filhos e guerras. E o fato de ter que dedicarem-se mais tempo aos filhos, faz com que o homem cresça socialmente, sendo isento de cobranças familiares ou demasiadamente sociais.

Já a questão familiar determina a vida social. Ao menino, requer-se o entrosamento social; à menina, compreender e ser amável. A mãe é quem determina a psicologia ora masculina, ora feminina. As mulheres reconhecem sua maturidade sendo educada e compreensível, o homem colocando sua autoridade. Dessa forma, a relação da mulher com o homem é que delimita o status que ela pode alcançar socialmente, tendo em vista que é o homem quem domina o ambiente social e esse status depende dele, de suas considerações.

O homem determina toda essa classificação cultural. O que gera conflito é que as mulheres desafiam essa razão social masculina. Dentro de toda uma desigualdade que é universal, as mulheres podem ser oprimidas ou valorizadas. Para isso, muitas vezes, busca-se

a igualdade, concentrando-se em atividades masculinas e dentro desse reconhecimento social, a abolição de uma estrutura já moldada ao modo masculino.

No final do século XVIII e início do século XIX, se vestiam para o trabalho, como homens, conseguiram consideração pois imitavam os homens em suas vestimentas e atitudes, e, consideradas seres inferiores e dignas de pena, tinham que negar a própria existência feminina. Os homens eram o centro de julgamento e classificação das mulheres, esses apontavam e consideravam as qualidades como boas ou inferiores.

Papéis masculinos e femininos são determinados e perpetuados desde séculos atrás. Esses padrões referem-se tanto à biologia quanto a valores emocionais. O desenvolvimento em si depende das mulheres que educam os filhos, sobrepondo-se aqui na relação de mãe-filho, o que contribuirá mais tarde para o ego feminino. Para Nancy Chodorow (1971) o “feminino” não é problemático para as mulheres, pois estas não necessitam de outro ser feminino para se delinear na vida adulta, mas sim de um parâmetro que dite semelhanças e diferenças para a constituição do ser humano na sociedade.

Consideraria-se a individualização feminina menos complicada que a masculina, pois não é tão problemática, segundo a autora citada acima. Lembremos também que essa individualização assume e é reproduzida na vida sexual adulta. A personalidade, como já exemplificamos acima, nada mais é que o relato de experiências sociais. Todas elas são organizadas e selecionadas pela criança e mais tarde formarão o caráter pessoal de cada indivíduo. Essa interiorização é o reflexo da personalidade, inclusive o que se espera socialmente de nosso ser, reações, atitudes, comportamentos e postura.

Já no desenvolvimento sexual, a menina diferencia-se do menino. As atividades femininas identificam-se com as mulheres, especialmente as mães, pois o menino tem o pai distanciado, o qual cobra atitudes masculinas como revidar brigas, não chorar, ligar-se afetivamente a uma só pessoa. Isso implica em afetividade, pois a menina sempre teve

relações afetivas com a mãe. É como se fosse um vínculo eterno e com a infância. E dentro do papel sexual, encontra-se o inconsciente, pois as mulheres relacionam-se com a afetividade. Em muitas sociedades a menina ora está com a mãe ora com parentes, sempre cuidada e considerada como pequenas mulheres. Observemos que o mesmo não ocorre com o menino.

O desenvolvimento do papel sexual da menina complica-se na modernidade; a tecnologia e a escola estão à sua disposição, porém o papel de esposa-mãe remete a uma cobrança social ainda muito forte. Enquanto as mulheres passam por essa implicação, o menino pode retirar-se e ter um autodesenvolvimento, juntando-se a outros, sem envolvimento com o mundo familiar e adulto.

Esse processo faz com que os meninos não se vinculem tão forte e afetivamente quanto as meninas. Elas, em contraponto, são obrigadas a relacionarem-se com a família, possuírem vínculo e negarem o envolvimento com os garotos, o que não acontece com os meninos. Os meninos buscam a atuação e as meninas a comunidade; seria então uma socialização de personalidades. Segundo nos diz Gutmann (1965 apud ROSALDO; LAMPHERE, 1979), *alocêntrico* ao participar de uma organização social e *autocêntrico* buscando vínculos afetivos.

Já para Cohen (1969 apud ROSALDO; LAMPHERE, 1979), as meninas misturam os modelos cognitivos: *analítico* (orientação ao real) e *relacional* (relação ao seu contexto social). Isto implica nas mulheres, mais tarde, a confusão entre os dois tipos de funcionamento, revelando dessa forma conflitos internos, pois assim a socialização feminina assegura personalidade à mulher. O não social vivido pela mulher através das gerações faz com que se propague essa dificuldade de identificação própria: identidade e personalidade.

Isso pode implicar em confusão, para as mulheres, entre os dois tipos de funcionamento. Se não detiver orientação para seus processos pessoais e psicológicos haverá deterioração de sua socialização que é a responsável pelo seu tipo de personalidade. A parte

social não experimentada através das gerações provocará uma propagação de sua própria identidade à qual estão intimamente implicados o ser e a personalidade, não as moldadas pelo patriarcalismo, mas aquelas vivenciadas a partir de sua própria experiência, emoções e reflexões.

Portanto, se as mulheres não se diferenciarem do resto do mundo, dos domínios impostos pelo patriarcalismo, a culpa estará presente através de uma sensação e responsabilidade em coisas que não dependem somente das mulheres. Isto se encontra diretamente ligado a casos familiares, pois muitas mulheres se projetam nas mães, o que provoca uma confusão de limites, pois não pode haver uma quebra psicológica ou a solução por um determinado tempo. E as mulheres passam a ser o que mais abominam: suas próprias mães, incluindo ações e reações.

A não diferenciação das mulheres, por si mesmas, dos princípios impostos pelo patriarcalismo, exibirá uma sensação de culpa que se apresentará por responsabilidades independentes unicamente de sua pessoa. É tomar para si atos e decisões que pertençam também a outrem. Logicamente, pensamentos e posições como estes pertencem ao sistema patriarcal que atribui à mulher a culpa, mesmo sem haver.

Dentro de nossa sociedade, as mulheres procuram a ajuda das mães para conselhos, cuidados com os filhos, companheirismo e amizade, como se esta fosse psicóloga ou pediatra. Os homens vivem à parte dessas relações familiares. Verificamos, então, que a presença da mãe é importante e fundamental dentro de uma valorização social. Importante observar é que a mãe não impede a individuação, mas há a identificação dentro do seu envolvimento pessoal com a mãe. Até mesmo o trabalho feminino não é tão importante, mas este pode revelar a sua auto-afirmação/definição, comparando-se ao papel doméstico.

O cuidado com os filhos implica também nas mulheres com situação de culpa, ansiedade e preocupação. De acordo com Chodorow (1971) é uma forma de se auto-afirmar,

ou ser fraca no envolvimento com os filhos, na dependência disso. Passa então por uma opressão social e psicológica que demonstra e reflete dentro da moldura da personalidade, porém tudo depende da sociedade. A cada um é importante o próprio desenvolvimento pessoal.

É notável que dentro de diferentes culturas, as mulheres possuem uma avaliação cultural: em alguns momentos conseguem sua valorização, em outras, sua inferioridade. E em um contexto universal, a presença do macho é altamente dominante. Assim sendo, “fêmeas” são subordinadas, e em alguns casos satisfeitas, desde que o homem gere a proteção, mesmo que não haja experiências mais significativas de vida.

As mulheres, consideremos, estão sendo vistas e identificadas como símbolos de desvalorização, inferiorizadas pela sua própria condição biológica de ter nascido mulher. A sociedade necessita de sistemas, mas que ajam de acordo com os interesses de poder ou meramente sociais, que afinal não deixam de estar ligados entre si. Sendo assim, pensamos e refletimos se a cultura realmente é a noção consciente do ser humano, pois ela manipula, delimita processos vitais bem como poderes. Transforma condições em propósitos.

De acordo com Sherry Ortner (1979), as mulheres são identificadas com natureza e o homem com cultura. A cultura transcende a natureza, então a subordinação da natureza pela cultura é condição normal, sem estar relacionada à opressão. As mulheres são participantes de processos especiais pela procriação e sua fisiologia. O corpo da mulher é seu determinante social. O homem, então, é considerado superior pelo processo cultural e tradicional.

Dentro da psicologia feminina que se encontra estreitamente ligada ao social, as mulheres acabam por serem vítimas de si mesmas, pensam e agem conforme o sistema que apresenta e dita normas. Segundo Beauvoir (1953), citado por Ortner (1979, p. 103), “a mulher muito mais do que o homem é a vítima das espécies”. A biologia feminina está ligada

à procriação e as mulheres, muitas vezes, sentem-se destinadas somente a esse campo. Portanto, o homem não tem essa ligação de gerar, apenas encontra-se conectado à artificialidade e à tecnologia. Suas criações são elementos técnicos, pertencentes à prática social vivenciada e cobrada até então; já as mulheres geram humanos e nunca experimentaram tais práticas, talvez por não lhes ser permitido.

Se a mulher é ligada ao natural, possui consciência igual a do homem. Faz parte de uma raça e é importante nesse processo cultural, pois seres humanos completam-se, pensam e falam. A consciência feminina a esta altura já está envolvida culturalmente, seja com sua aceitação ou desvalorização. É comum ouvirmos de mulheres, que sendo homem, tudo pode, e para a mulher as coisas são assim mesmo. Existe um conformismo aplicado ao cotidiano feminino para justificar muitas coisas que acontecem, como por exemplo, o estupro, no qual se julga muitas vezes que as mulheres os provocaram. Na cultura as mulheres raramente têm razão, e isso é, muitas vezes, aceito e compartilhado por elas.

As mulheres criam naturalmente, e os homens artificialmente, e por isso, dizem que seu lugar é em casa. Existem até piadas, ditos populares e muitas outras coisas em relação à mulher. Um exemplo seria o castigo de Deus dado às mulheres por causa do pecado de Eva: ficariam com a dor (do parto), as sujeiras infantis e a submissão, pois tinham, todas, através de uma única, demonstrado irresponsabilidade pela desobediência a Deus.

A mulher se circunda com os afazeres domésticos e o homem, que não possui uma base natural para a orientação familiar, se preocupa com as relações interfamiliares. Dessa forma, a cultura do homem é ser dono da religião, do ritual, da política, de pensamentos sociais, culturais e artísticos. A cultura feminina, então, inferior, leva a mulher apenas à relação doméstica. Isso a coloca no meio cultural a cuidar da criança; é uma socialização, mas limitada e vigiada. Ortner (1979) afirma que o ato de cozinhar é para as mulheres dom natural, representa a transição da cultura como um processo de culturação. Quando há

novidades, grandes chefs, pratos refinadíssimos, o privilégio é dos homens. Isto requer uma simples interpretação: a cultura é restrita aos homens.

Ainda segundo Ortner, as mulheres possuem um montante de diferenças em relação aos homens. Inicia-se com o corpo, passa pela cultura e chega ao psíquico. No mundo, mulheres possuem sentimentos concretos, particulares e personalizados. Homens apresentam espaço, tempo e objetividade; mulheres, interpessoalidade e subjetivismo. São diferenças universais.

Apesar de ser fato universal, a personalidade feminina é considerada menos apta que a do homem do ponto de vista cultural. As mulheres se relacionam de modo imediato e o homem se relaciona mais com categorias do que propriamente com pessoas. Seu papel é importante e poderoso no processo cultural, fragmenta a solidariedade do grupo.

Se as mulheres, de uma forma geral, são agentes da socialização, ficam sujeitas mais ainda a restrições e limitações, pois essa intermediação entre natureza e cultura contribui para demonstrar seu status inferior, e assim a variação de escolhas de atividades é mais limitada ainda. Muitas vezes têm que passar por testes maiores para provar o grau de sua qualificação.

Concordamos, que a partir daí as mulheres passam então a ser mais rigorosas que os homens. Não se trata de desvalorização, mas de restrição cultural, controle. Não se pode negar que elas são intermediárias e que ambos possuem criatividade, o que pode representar o progresso da cultura com e não em relação à natureza. Uma vez que o mundo doméstico pertence às mulheres e o político aos homens, a vida familiar e social apresenta conflitos de interesse e cooperação.

Dessa forma, dá-nos a entender que a identidade feminina é construída a partir do social e do histórico e isso ajuda a manter a mulher subordinada ao homem, dando e atribuindo esses caracteres às mulheres como fator de natureza feminina. Trata-se de uma questão de ideologia.

Verificamos que mulheres reforçam o momento histórico de um determinado grupo social, ordenando, através de diferenças biológicas, a significação social. Essa identidade foi a sociedade patriarcal que inventou e isso se transmite por meio de um discurso ideológico. É aquele que até pouco tempo dizia que bolas e carrinhos eram para os meninos e bonecas e casinhas para as meninas.

Mas, ainda hoje, podemos perceber essas ideologias, como nas músicas: poposudas ou Amélias, a sensualidade ou a aceitação dentro do lar. Ainda assim, as mulheres estão condicionadas a uma subjetividade imposta pelo homem.

Assim sendo, Vera Paiva (1990) afirma que a realidade requer flexibilidade, pois a cultura mesma padronizou a comunidade, e esta media a experiência entre os indivíduos, pois há padrões nos quais valores e idéias estão ordenados.

Isso já faz parte de nossa tradição, um sistema que implanta a repressão patriarcal através do sacrifício do indivíduo. Dentro de todas as revoluções femininas, foi isso exatamente o que aconteceu, uns defendem, outros ignoram e outros ainda propõem modelos, como se fosse uma moda a seguir.

Segundo estudos, o corpo é o modelo e representa a emotividade e o desenvolvimento, seja cultural ou psicológico. O desempenho de muitas funções serve de apoio para que percebam a combinação entre o masculino e o feminino.

Já o impulso do poder é indispensável ao desenvolvimento do patriarcalismo, poder este que as mulheres vêm buscando e negando sua própria condição de ter. Segundo nos afirma Eduard Whitmont (1991), a luta pelo poder já é antiga. Começou com o pré-cristianismo. O herói era o ideal. Assim, o homem foi-se tornando ideal dentro da comunidade, seguindo apenas uma tradição.

Ainda de acordo com o autor acima, sendo as mulheres caracterizadas como seres de segunda categoria, sua auto-imagem também se deteriora. As mulheres acabam reprimindo

a si mesmas em função de uma sociedade patriarcalista, muitas vezes mais que os homens. A feminilidade é que foi declarada inferior.

O patriarcalismo nada fez, além de seguir o modelo proposto, principalmente pela igreja. A mulher era considerada vulnerável pela sua emotividade enquanto o homem não, porque a emotividade deixa-a mais próxima do erro. Em Whitmont (1991, p. 143) encontramos: “Santo Agostinho tinha declarado que as mulheres não têm alma”.

Percebemos que a desvalorização do feminino tem suas raízes em preconceitos que se tornaram destrutíveis ao desenvolvimento da consciência feminina; e o fato de considerada como não possuidora de alma, a deixa frágil para pecar e, conseqüentemente leva o homem juntamente consigo. Como se ele dependesse única e exclusivamente da mulher, sem sistema de opressão. Aliás, este já é um sistema opressivo; colocar o “pecado” como exclusivo das mulheres é dar-lhes barreiras e moldar seu comportamento.

Dessa forma, as mulheres, como já dissemos, eram mantidas em posições subordinadas, e a feminilidade deveria limitar-se à obediência ao lar e à maternidade. As próprias mulheres eram ensinadas a desconfiar de si mesmas, de suas emoções, de seus próprios corpos.

Mas surge o novo feminino após as revoluções femininas e segundo Whitmont (1991), as mulheres descobrem o valor de sua interiorização, mostram-se abertas a alegria e dores. Seu novo desafio é a própria cura, de corpo e alma. Isso se concretizará na conscientização, é o arriscar-se, mostrando que pode e deve quebrar o estereótipo antigo. Passa a ser um canal de percepções, assume sua nova realidade.

E se afastando de filhos e projetos, muitas vezes sofre e entra até em depressão, pois faz parte do ser humano requerer a proteção maternal. Mas as mulheres têm mais facilidade de se mover perante as dimensões de vida; é o mistério de tornar-se permanente em contato com o mundo, fazendo parte de um processo interminável de crescimento humano.

É de considerar-se que com toda esta trava social, o homem age pelas mesmas linhas anteriores e a mulher, embora tenha saído do ambiente familiar, geralmente com uma profissão, ainda continua ligada a este meio ou está fortemente ligada a ele. Juntamente a isso vem a questão da confiança. Muitas mulheres não confiam em seu potencial, pois a imagem que possuem de si é negativa.

Percebemos que a ideologia passada pela sociedade e que se perpetua até hoje, embora com muitas reações, é que a posição do homem é mais forte socialmente do que a das mulheres. Isso afeta tanto as mulheres que mesmo dentro de uma nova década e novas visões, elas não abandonam seu estigma anterior: o de boas esposas e o da maternidade. E muitas vezes, quando fazem opção por não casar, ou não ter filhos, acabam sofrendo sérios ataques sociais, ou ainda, ficando extremamente ansiosas.

Essa ansiedade complica toda sua vida emocional por querer resolver todos os problemas, ou não deixá-los acontecer. Em relação ao homem, essa ansiedade vem triplicada, pois na ânsia de querer deixar tudo certo e mostrar que pode perante a sociedade e que é competente, assume um acúmulo de cargos, dentro e fora do lar.

Esses compromissos obrigam-na a múltiplas atividades e sem ter consciência disso, como uma obrigação a cumprir, deixa de mostrar o potencial que realmente tem. Sua jornada começa a ser tripla, pois tem filhos, casa, trabalho, marido, é esposa, amante. O homem continua apenas com seu compromisso de antes, apesar de a mulher hoje em dia exige muito mais dele, e não aceita somente o que pode ofertar, haja vista a parte financeira e as cobranças femininas.

Na realidade as mulheres não deixaram, ou pelo menos não conseguiram, livrar-se totalmente do estereótipo de que a mulher é fraca, e não serve para comandar, pois seu intelecto e seu emocional são leves e frágeis, não fazendo frente a qualquer homem que seja.

As mulheres passam a não se contentar com o que lhes foi ofertado, começam a exigir já que são as responsáveis pelo andamento da casa e as atividades filial e marital.

Esse problema agrava-se quando seu rendimento monetário passa a ser maior, e às vezes muito maior em relação ao do marido. Instaure-se então, um descontentamento matrimonial devido à ideologia estigmatizada da sociedade de que o homem deve ser o provedor da família.

2.2 A Mulher no decorrer dos Séculos

Na antigüidade as mulheres eram deusas, mas o poder era dado ao homem embora se cultivasse o culto à fertilidade que está ligado ao feminino, segundo afirmam Rosaldo e Lamphere (1979). Biologicamente há diferenças, tanto na resistência física, como na questão cultural e esta demonstra claramente a desigualdade, imposta socialmente pelo homem, tornando as mulheres seres irrelevantes e dependendo do reconhecimento deste.

Essa desigualdade já começa na infância, quando na sua socialização as mulheres obedecem a estereótipos: formas de pensar, ser, agir. Maria Lúcia Rocha-Coutinho (1994) cita que, na década de 1970, não se questionava a maneira como eram educados meninas e meninos. Havia duas identidades: a masculina e a feminina, e formas de ver e agir para o ser humano.

As mulheres eram orientadas para o relacionamento, ou seja, para outros. Deveriam ser dóceis, boazinhas, e nunca dizer não. Eram mulheres elaboradas para serem donas-de-casa. E sendo considerada inferior, ela mesma acreditava nessa inferioridade.

Mas, a partir da referida década acima, as mulheres assumem o papel de trabalhadoras com direito a carreira. Muda então sua essência. Questiona toda e qualquer

doutrina que fosse propagada e cobrada das mulheres. As mulheres buscam seu novo papel na sociedade: pensam e agem por si só, de acordo com Nicolaci-da-Costa (1985 apud ROCHA-COUTINHO, 1994). Porém, muitas vezes, não conseguem correlacionar todos os fatores físicos e emocionais, chegando a fazer opção entre carreira profissional e casamento – maternidade. A visão das mulheres se abrem, não deixando agora dominarem-se por uma ideologia.

No Brasil Colônia, também não havia problemas em relação às mulheres, do ponto de vista patriarcal, pois elas não precisavam se ausentar qualquer que fosse a atividade. O mascate era o seu elo de ligação com o mundo. E quanto mais filhos as mulheres tivessem, mais era provada a virilidade do homem e marido. As mulheres ainda não tinham tomado consciência da exigência de sua própria identidade.

Já com a Corte Portuguesa no Brasil, o homem utiliza os dotes físicos das mulheres para sua elevação social conforme cita Rocha-Coutinho (1994). Elas não deveriam saber ler, senão livros de orações. Havia ainda diferença entre o currículo proposto para o ensino de meninos e meninas que recebiam a educação de preceptores. Ao menino caberia tudo que fosse do âmbito social, político e econômico. À menina, tudo que seria referente ao lar. Talvez, às mulheres, era permitido ensinar, como se a profissão professora fosse adequada e uma extensão do lar. E se o piano e o francês entravam no currículo era para que agradassem mais aos futuros esposos e tivessem um leque maior de prendas domésticas, pois este era o objetivo da educação feminina: o casamento.

Somente no século XIX é que se abre a escola normal. Esta possibilita ao público feminino almejar uma oportunidade profissional e social dentro de uma sociedade constituída de maneira severamente machista. A situação financeira das mulheres contribuía para que elas se acomodassem muitas vezes, e não procurassem realização profissional, ainda que remota. Não lhes era necessário uma carreira, já que esta era o casamento.

Acompanhando ainda Rocha-Coutinho (1994), até o final do século XIX tanto as mulheres casadas quanto as solteiras ficavam em casa e tinham seu trabalho nesse ambiente. E com a industrialização, famílias menos abastadas permitiam que as mulheres trabalhassem nas fábricas. Um exemplo é que em São Paulo, em 1872, dos 10256 operários do algodão, 9514 eram mulheres.

E no século XX, verificamos que as mulheres também começaram a exercer a função de vende-doras e secretárias. Em 1931, houve um inquérito de Departamento Nacional do Trabalho que afirmava que as mulheres eram indispensáveis às atividades por serem mais dóceis, pacientes e dedicadas ao serviço.

Com o final da Segunda Guerra Mundial as mulheres são chamadas a voltarem ao seu “destino biológico”, deixando os lugares para serem ocupados por homens que voltavam do *front* de guerra. Assim, apregoava-se novamente a boa mãe no lar, e desnaturada aquela que abandonasse seus filhos, caso trabalhasse fora de casa. É mais uma forma de detenção sexo-cultural, conforme nos coloca Rocha-Coutinho (1994).

Estudos psicológicos feitos nessa época mostravam que se as mães não cuidassem de seus filhos e maridos, gerariam uma doença social que era resultante da falta de atenção das mulheres para com os seus. Dessa forma, todo o mal social e familiar era colocado e cabido às mulheres. Era a ideologia do momento, concordássemos ou não. As mulheres, então, tinham que se abandonar em causa de outrem.

E no final da década de 1970, ainda de acordo com Rocha-Coutinho (1994), o papel das mulheres começa a mudar com as inovações. Em 1968 na França, ocorre o movimento dos direitos humanos, juntamente com os Estados Unidos. Quebram o poder institucionalizado. Questionava-se o direito à diferença e eliminação de marcas opressoras patriarcalistas. As mulheres então se vêem possibilitadas a separarem a sexualidade da procriação. Percebem essa função diferenciada, e o é. Tudo o que se conhecia e fora tido como correto e impassível de questionamentos e dúvidas, anteriormente, foi questionado.

Percebemos que a sociedade orienta de forma masculina, por isso muitas vezes as mulheres repudiam o que são, identificando-se muito mais com os pais do que com as mães as quais não querem e não desejam ser como são.

A situação feminina em si está desgastada e humilhada, então as mulheres muitas vezes rejeitam a própria condição. As mulheres, hoje, passam por uma transição e buscam, às vezes, nem sabem o quê. Sabem o que não querem: o modelo antigo. E nessa busca desenfreada pela liberdade acabam confundindo-se em muitos momentos da vida, não tendo consciência de seus próprios limites, só para “provar” a esta instituição denominada patriarcado que elas também são capazes.

2.3 Mulher e Família

Dentro de tantas mudanças ocorridas na estrutura sociofamiliar, o ciclo desenvolve-se sofrendo um processo de transformação social e econômica. A família em um processo de desenvolvimento tem como posição primordial o homem. A autoridade se dá com o homem e dentro de um grupo familiar; o casamento, direitos e deveres são transferidos ou criados dentro desta instituição. Muitas vezes as mulheres passam do jugo do pai para o do marido, mesmo em tempos pós-modernos.

Os direitos femininos dentro da família passam apenas a ser o trabalho doméstico, filhos e sua sexualidade, desde que convenha aos padrões pré-determinados. Tem-se em vista que as mulheres, em tese, dependem econômica e socialmente do homem. Esse controle feminino acaba por passar despercebido, pois os meios dentro dos quais as mulheres resistem a esse controle não são discutidos.

A detenção do poder dentro de uma família, afirma Lamphere (1979), dependerá da hierarquia e da posição de um determinado grupo; há homens que ainda sustentam suas famílias com a ajuda dos pais. Nesses ambientes, sabemos que é considerado direito legítimo de tomada de decisão ao homem, enquanto as mulheres fornecem serviços sexuais. Dentro do relacionamento, o poder se dá pela consideração de fins particulares.

Dentro ainda de todo esse contexto, as atitudes femininas são uma reação a essas autoridades, pois agem com persuasão. É então uma importante arma, pois se transforma em influência. Quando as mulheres induzem a uma ação ou alguém a uma decisão, mostram sua influência dentro desse contexto, assumem então o seu poder. Mas, elas só podem influenciar o homem dentro de seu centro de poder masculino e quando este as deixa, quando assume uma nova postura social e cultural que não seja o patriarcalismo. Esse rege a sociedade com regras e comportamentos conforme o sexo que se tem.

Para isso, há o conhecimento de que a decisão será melhor para seu próprio interesse. Assim, objetivos femininos diferem-se por uma posição social. As mulheres não têm a chance do poder familiar, raras as exceções, quando provém a casa e os filhos. Adquire então, poder e ação. Com essa forma de atuar estrategicamente alcança seus objetivos e solidariza-se com outras mulheres de seu grupo.

Segundo Lamphere (1979) em sistemas sociais como os esquimós, a autoridade era igual, as decisões femininas eram compartilhadas com os homens. Já na classe operária, as mulheres controlam as atividades econômicas sem tomar decisões sociais. As mulheres mudam de acordo com a sociedade e a época. O capitalismo afetou e muito esta relação homem/mulher, definindo as mulheres como subordinadas, inclusive na ajuda dada financeiramente. Era aí também, uma forma de controle.

A família atualmente é econômica, e por ser o homem em primeiro momento o provedor oficial da família, as mulheres ficam com os cuidados aos filhos, sem contribuírem

com a renda dentro do lar. Já num segundo momento, as mulheres dentro de uma sociedade industrializada, lançam mão da prestação de seus serviços, e acabam também por proverem financeiramente a casa, ajudando o homem na manutenção desta.

Mas, neste primeiro momento se vêem escravizadas pelo poder; pois elas são mais uma fonte de renda, e não consideradas dignas por sua prestação de serviços. Com isso, muitas vezes, acabam provendo totalmente a casa e sendo submissas a um homem que acaba tendo função cultural e não social, e de forma hipócrita.

Ainda em relação à família, da feudal para a burguesa, houve muita mudança. Acentua-se a partir de então a intimidade, a individualidade, as entidades, uso de nomes e sobrenomes. Com a vinda da sociedade industrial, a individualidade se desenvolve. A prioridade da vida se reorganiza.

Antes, a família quando recebia um jovem, este era incorporado e aprendia uma profissão dentro desse núcleo familiar. Aprendiam-se técnicas para o desempenho na produção familiar.

Rocha-Coutinho (1994) afirma que com as transformações sociais, o público e o privado, além da família começam a mudar, assumindo novas posturas, mudando ideologias e estrutura. Com essas mudanças troca-se o sistema de consumo, e o trabalho mais que nunca passa a ser necessário para a família. Então ao homem cabe a reprodução financeira e às mulheres a reprodução sexual e trabalhos domésticos, pois esta organização representa a futura organização de trabalho.

Mostra-se e forma-se então a instituição social e sacralizada: o casamento, tido por amor, transforma as relações pessoais de toda a família, pois existe aí uma relação de bem-querer que postula às mulheres em mais um sistema opressivo. Muitas vezes só elas amam e abrem mão de sua vida em nome do amor. Quantas donzelas morreram ou se resignaram em nome do amor?! Quanto aos homens não presenciamos o mesmo fato. É o que

Shorter (1975 apud CHODOROW, 1979) denominou de Revolução Sentimental do Século XVIII, pois consta do aparecimento do amor materno, conjugal e a intimidade, porém, será mais uma algema para as mulheres.

Tudo isso proporcionou a mudança de vida do casal e da própria família. A família se preocupa mais com as mulheres como pessoas e essas com os filhos. Então, neste momento, o romantismo é usado como forma e condição de opressão feminina, pois objetiva alienação e imposição dos papéis de esposa e mãe, impostos pelo sistema patriarcal.

A família começa a ser independente, com entradas particulares, processo este denominado de independência conjugal e afetiva; marido e mulher se assumem, não dependem mais do grande clã. Rocha-Coutinho (1994) diz que a criança passa a ser o motivo de preocupação dos pais; cria-se então a questão psicológica, tê-la e segurá-la em casa. Isso gira em torno da mulher. Ao pai cabia o sustento e o trabalho.

O afeto, ponto forte nessa época, não só entre marido e mulher, e também entre pais e filhos, acaba por acarretar às mulheres uma certa prisão de amor à família: filhos, esposo, casa. E qualquer mulher que não se mantivesse dentro dessa linha, era muito criticada, pois tudo o que se referisse ao mundo exterior deveria ficar ao homem.

E ainda como afirma Rocha-Coutinho (1994), dentro desse quadro, temos a representação da pureza para as mulheres principalmente dentro da sexualidade. Preocupa-se com o corpo, a gravidez. A questão da valorização da criança resume-se a uma igualdade com a mulher; ambas são dependentes do homem e não podem tomar certas decisões. Mas é sobre as mulheres que recaem a educação e criação dos filhos mesmo sendo emotivas, dependentes e passivas.

O trabalho doméstico não era prestigiado socialmente, mas tornou-se uma economia paralela segundo Duran (1983 apud ROCHA-COUTINHO, 1994). As donas-de-casa não possuem os benefícios dos outros trabalhadores. As mulheres têm, então, um cargo

subalterno ao homem. Estando no lar, continua num sistema opressivo, ao qual se submetem. Assim, levam o título de rainha do lar como uma recompensa; escondendo o real motivo, engrandecem-na. Como possuidoras de autoridade em casa, não enfrenta tentações externas, sendo de fácil controle ao poder masculino, pois não se exteriorizam, e mantêm-se frágil a manipulações ideológicas e culturais. Quanto à sexualidade, dentro do casamento, é certa a repressão sexual; existe o submeter-se à prática sexual por amor e nisto está e reside sua realização e sua felicidade.

O poder que é determinado sobre as mulheres, as subordina à casa, filhos e esposo. Isso implica no desprezo de suas próprias vontades, frente à realização de outras da família. Essa subordinação, consideremos, acaba por ser considerada natural, sem que as mulheres tomem o real conhecimento disso, pelo menos não por enquanto. Preferem não tomar consciência dessa realidade, por isso enchem de atividades domésticas o seu dia-a-dia, ou quando não, evadem-se nelas, praticando-as com perfeccionismo.

Com todas essas características femininas, e ainda ligadas à boa mãe e esposa, estão intrinsecamente ligadas à sua própria desvalorização dentro da vida pública. Então, tudo que se refere a intelecto, profissão e política é visto e entendido como pertencentes ao mundo masculino, não sendo de forma alguma feminino.

O enclausurar das mulheres reforça o item acima. E mesmo com as mulheres trabalhando fora, acabam sendo responsáveis e muitas vezes, sozinhas, pelo trabalho doméstico e educação dos filhos. Isso tudo pode ser sentido e vivido ainda hoje.

Assim como as mulheres aprendem a ser mulher, o homem aprende a ser pai, e isso não quer dizer que o homem abandone tudo para o ser. Então, por que o projeto de vida das mulheres tem que ser mãe? O homem ainda se percebe que quer muito ser pai; quanto às mulheres já não podemos dizer o mesmo. Hoje, verifica-se uma transformação social que muda a posição das mulheres no Brasil e no mundo.

Ainda seguindo esta linha, Rocha-Coutinho (1994) afirma que a mãe torna-se elemento de honra familiar e ocupa posição social. Inclusive, muitos homens casavam-se com mulheres parecidas com suas mães, e quando não eram, faziam de tudo para transformá-las em mães.

O casamento era visto como enaltecimento da situação feminina. Era uma ascensão social, advinda de um esforço próprio, e quando o marido escolhido não as agradava, muitas fugiam, em sinal de protesto ao pai e para ficarem com o grande amor.

Nessa época ainda, pregava-se mais que nunca a virilidade para o homem, que mesmo casado, podia freqüentar qualquer lugar, e às mulheres, somente alguns ambientes e sempre acompanhadas por homens, isto sem citar a castidade que era imposta apenas às mulheres.

A sociedade considerava que a sexualidade masculina deveria ser bem ativa, enquanto a mulher resguardava-se para o futuro marido. Essas relações masculinas continuavam mesmo depois de seus casamentos, inclusive, muitas vezes, com o conhecimento das esposas que nada alteravam desde que as aparências fossem mantidas.

Segundo Rocha-Coutinho (1994) a dependência financeira fazia com que as mulheres que não se casassem fossem consideradas como gastos a mais e eram desprestigiadas por toda a sociedade, principalmente pelas outras mulheres. Eram exploradas e deveriam ser a mais obediente de casa.

Mas com a função feminina, social e trabalhista, fora do lar não mudou em nada a sua situação familiar. O seu trabalho fora de casa só era aceito para complementação de renda, e não como profissionalização. E o Estado sempre controlava as atuações femininas. Reforçava sua tarefa de reprodução no lar, e guardava sua tarefa industrial, na reserva, caso precisasse lançar mão de seu trabalho sempre que fosse interesse da Nação.

Nas décadas de 1960 a 1970, ainda de acordo com Rocha-Coutinho (1994), o casamento assumia o papel fundamental na vida de uma moça, pois como profissão não existe mais. Atualmente isso é inválido a este fato, se completava com os filhos. Quem não os pudesse ter, era digna de pena. Após o casamento, cuidava do lar ou supervisionava quem o fizesse. As mulheres então eram isoladas, não existia sua sociabilidade. Surge a depressão feminina. O valor social feminino era alcançado através do mando. Era inapropriado às mulheres ter inteligência superior, ou fazer questionamentos sobre sua posição e imposições masculinas. Muitas vezes não tinha consciência disso, pois até o pensamento era moldado.

Quanto à sexualidade, o que se pregava nessa mesma época era que o homem possuía impulso biológico, e se algo existisse fora de casa, necessário seria fazer de conta que nada existia, desde que não interferisse na parte financeira da família. Aos filhos era dada maior liberdade que às filhas, porque para as mulheres o sexo servia para a procriação e não para a satisfação. As mulheres poderiam ficar mal faladas, virarem “vassourinhas”, pois nesta época as mulheres se dividiam em duas classes: as castas para o casamento e as prostitutas para a satisfação das necessidades sexuais masculinas.

O casamento era visto como indissolúvel, e sua longevidade era dedicada única e exclusivamente às mulheres. Inclusive revistas da época davam dicas de como as mulheres deveriam “segurar” seus maridos e casamentos.

Mas muitas mulheres sentiam-se descontentes com essa situação, e na educação das filhas passavam mensagens duplas: ou sugeriam a libertação ou que continuassem na maternidade.

Atualmente são muitas as mulheres responsáveis pela sua própria sexualidade, incluindo todas as conquistas feministas das últimas três décadas, porém lembremos que muitas ainda não conseguiram abandonar o modelo antigo. E ainda observamos muitas mudanças em relação ao casamento. As mulheres fazem opção positiva ou negativa em

relação a eles, bem como ter ou não filhos, ou ainda qual a melhor época para tê-los. Agora, nada mais se resume ao social e por imposição ideológica.

A influência se dá das mulheres para os homens quando estas os induzem a alguma decisão mostrando seu interesse. E dentro do campo profissional, quando casadas e com filhos, é bem mais difícil seu reconhecimento, pois elas continuam a serem vistas como esposas.

Segundo afirma Silvia Pereira (1985) a alegria feminina foi rebaixada pela repressão que sofreu através do patriarcado. E mais, sua sensualidade foi reduzida a sentimentalismo ligado ao materno, ou ainda pior, coisa de prostituta. Sonhos e ideais femininos tornaram-se longe de ser alcançados.

Ainda citando Pereira, a situação chegou a tal extremo que se tinha inveja do pênis que representava o poder, e assim as mulheres o queriam. Querem a fusão com o masculino, mas sem se submeter à autoridade patriarcal. A relação interior das mulheres é modificada.

Dessa forma, renovação x tradição, entram em confronto dentro da sociedade e das famílias. Ao mesmo tempo em que as mulheres e a sociedade mudaram, permanecem, ambas, ligadas a um passado não muito distante que a impede da verdadeira mudança. Algumas mulheres e homens conseguem mudar o íntimo de seu relacionamento tendo em vista as novas propostas sociais, com respeito mútuo e de identidade. Outros, apesar da tentativa, estão presos ao molde tradicional; outros ainda nem sequer cogitam a mudança.

Percebemos que o problema realmente acontece quando as mudanças ocorrem e a liberdade de outro tem que ser cuidada e respeitada. A manipulação do homem para com as mulheres está tão enraizada que muitos nem percebem o massacre emocional que fazem às mulheres e outros acreditam piamente que nada mudou até esse nosso século.

Tudo depende principalmente da consciência das mulheres, e apesar de toda essa modificação social e dos sexos, mesmo sem perceber, ainda não conseguiram libertar-se dessa amarra chamada “machismo”. Este nos cerca, principalmente, pois quem educa os homens somos nós, e estes, são os maiores responsáveis pela degeneração de nosso lado feminino.

É muito clara toda a pressão e opressão que as mulheres vivenciaram até hoje. E ainda, foi necessário que elas utilizassem os mais variados métodos para que pudessem ter sua própria identidade. E até poderíamos dizer para que pudesse ter a palavra “mulher” como sinônimo de respeito e de consideração por toda a sociedade a qual, elas ajudavam a manter. A ideologia do “machismo” e da “inferioridade mental, intelectual e corporal feminina” apenas é uma forma de controle e princípios (masculinos, é claro), ideais e detenção de poder.

No encerramento deste capítulo, é bom que fique claro que as mulheres buscaram no decorrer dos séculos suas próprias vidas e “mutações” que nada mais são do que a transformação social elaborada por elas mesmas, de maneira árdua mas com grandes conquistas para todos os segmentos sociais. Já no capítulo seguinte, verificaremos as mulheres dentro do âmbito religioso, como eram consideradas e se suas lutas foram transitórias e definitivas para que a sociedade e seus pensamentos modificassem-se, dando novas oportunidades para as mulheres e suas famílias, podendo assim, talvez, ser definitivamente “mulheres”.

CAPÍTULO 3
A Presença Feminina na Religião:
Liliths e Marias

No momento atual a mulher reivindica a própria emancipação, pois deve ser dona de si e de sua própria personalidade. A sua natureza prevê o desdobramento de sua feminilidade, portanto é preciso mostrar que a natureza humana não pode ser ou não deveria ser dividida, e assim, ser mulher ou homem é uma simples questão de identificação e aptidão individual. Na religião, são fortes os traços de machismo, principalmente as traduções que muitas vezes ignoram a real interpretação bíblica e acabam por usar a Bíblia como um meio de dominação até o ponto que seja interessante para o âmbito sócio religioso.

3.1 Religião e Mulher

Dentro dos novos questionamentos sobre a própria identidade, as mulheres rejeitam imagens estereotipadas e buscam novos métodos interpretativos buscando a filologia e a história. Acaba então a autoridade e surge uma nova consciência histórica. De acordo com Valério (1992 apud LUNEN-CHENU; GIBELLINI, 1992), na religião ocorre uma nova relação existencial, problemática e interrogativa que a mulher instaura com as fontes religiosas.

A novidade do sujeito feminino comporta interrogações sobre a responsabilidade do cristianismo em suas doutrinas e estruturas. Pela primeira vez, procura uma revisão desse patrimônio tradicional, na qual a teologia ainda reflete o androcentrismo de um sistema patriarcal no qual o homem é privilegiado na perspectiva universal.

A crítica, segundo Valério (1992 apud LUNEN-CHENU; GIBELLINI, 1992), se orienta pela antropologia que aviltou a natureza da imagem feminina, dentro do horizonte religioso e da moral sexual. Coloca-se a mulher como secundária, pois foi tirada da costela de

um homem; subordinada, criou-se em função dele e para a procriação; passiva, recebe e nutre o sêmen; imbecil, sem vigor racional e força decisória; impura, a menstruação é vista como doença e conseqüência do pecado original. Caracteriza-se então o homem como ser único que recebeu de Deus o poder de governar, sendo sua imagem. Mas as mulheres não foram feitas à sua semelhança.

Para as teólogas que ainda consideram o cristianismo significativo, existe um paradigma teológico, por meio do qual se faz necessária a releitura da Escritura e da história, ambas de forma crítica. Com isso, objetiva-se a recuperação de uma visão global e cultural, considerando o contexto patriarcal de tais escritores.

E assim como nos afirmam Lunen-Chenu e Gibellini (1992, p. 24) “o feminismo dá uma nova forma de humanismo e representa para as nossas igrejas um desafio ético sem precedentes”. É necessário então, além de reconhecermos estes três termos: mulher, feminismo e teologia, encontrarmos um jogo de relações possíveis entre eles. Quando se trata de homem e teologia, percebemos que o sentido é único, o que não ocorre com a mulher.

Assim, se o feminismo não significou Deus, ou se Deus significou o feminismo de modo tão diminuto, se o feminismo permanece excluído como sujeito, como significante e significado, a mulher é atingida no próprio cerne do seu desejo e da sua potencialidade de transcendência.

Criticar o androcentrismo equivale a definir-se como feminista, e a redação do Código de Direito Canônico fornece um exemplo claro desse embasamento, sendo teológico ou não, quando do trato da mulher. Lunen-Chenu e Gibellini (1992, p. 18) citam ainda que a fórmula de exceção do sexo (presente no antigo cânone 87) foi evitada, e o novo cânone 96 que estipula os direitos e deveres dos batizados recorreu a seguinte frase: “cada um segundo a sua condição”. Ou seja, que as mulheres fiquem onde as colocaram e aceitem sua condição de segundo sexo, menos importante para Deus e a humanidade.

O que é necessário discutir aqui é que na recusa ao androcentrismo e a misoginia, o feminismo é uma das formas de humanismo que pratica uma história: a das mulheres. Pois a cultura, queiramos ou não, é ainda e muito patriarcal. E assim citamos a perspicaz afirmação da jovem Shulamith Firestone (1970 apud LUNEN-CHENU; GIBELLINI, 1992, p. 20): “A desigualdade entre os sexos é tão profunda que se tornou invisível”.

Notamos que o fato da criação feminina que sucede a do homem tenta sempre demonstrar a superioridade de Adão e supressão de Eva, que não teria sido tirada do pó, mas do humano, e concebida dentro do paraíso. Mas como afirma Christine de Pisan (1967 apud LUNEN-CHENU; GIBELLINI, 1992, p. 24): “o Criador colocou uma alma igualmente nobre e inteiramente semelhante tanto no corpo feminino como no masculino”. Chega-se a comparar as mulheres com Cristo, mas não é um conceito retido pela humanidade. O comentário é bem diferente da prática social, religiosa e cultural.

Quanto aos propósitos da Igreja, de forma oficial, sobre as mulheres e o feminismo, trata-se de certa forma com indiferença com golpes de misericórdia. Assim, Pellé-Douel (1969 apud LUNEN-CHENU; GIBELLINI, 1992) cita que o problema da mulher na igreja está ligado à mulher em geral; se os direitos femininos enquanto pessoas não são reconhecidos, também é negado no campo espiritual. Seria muita ingenuidade aceitar e acreditar que a mulher possui duas funções socioculturais diferenciadas em uma mesma sociedade. Os princípios são os mesmos, o que pode mudar é a ideologia incutida para e nas mulheres.

É necessário a elaboração de uma “her-story”, não mais e exclusivamente uma “his-story”. A igreja adotou um tipo de sociedade e modelos para a mesma. Citemos Maria que submissa, acaba sendo modelo imposto para mulheres de muitas raças, classes e credos. É um modelo para elas. Entre as mulheres, a igreja é composta de casadas, virgens e mártires. Santo Agostinho vangloria a mulher quando esta se torna gloriosa pela sua fragilidade. Faz-se

importante lembrar aqui que Santo Agostinho foi uma das pessoas que mais discriminou a mulher, tanto na religião quanto na cultura.

O Papa Paulo VI afirma que muitas mulheres esclarecem fatos e pensamentos com seus escritos e ainda nos coloca a advertência de São Paulo, sugerindo muito sutilmente, que as mulheres se calem em assembléias, pois são consideradas seres inaptos à fala, e o que dizem pode não ter coerência e ser uma tentação ao homem. Esse fato pode ser percebido, ainda hoje, na exclusão feminina do magistério e do ministério religiosos.

Na época moderna, o feminismo se interessou em criticar o estatuto de inferioridade ou de exclusão da mulher. Elas costumam denunciar essas experiências místicas de alienação característica da mulher quando esta descobre que, como diz Ida Raming (1976 apud LUNEN-CHENU; GIBELLINI, 1992, p. 40): “o seu sexo é eliminado do próprio cerne da transcendência: a idéia de Deus é marcada com a efígie do homem”. O homem impõe, mas a mulher rejeita essa imagem. Não se trata de insinuar aqui que as mulheres o fariam melhor! Trata-se da denúncia de um sistema, o androcentrismo, que exclui mantendo cada vez mais a tradição.

As mulheres refletem sobre suas experiências humanas e cristãs, e pela primeira vez colocam criticamente seus pensamentos. A Bíblia é conectada à experiência atual das mulheres, bem como a cultura imposta pela igreja e pela humanidade. A consciência das mulheres passa por uma transformação. A Deusa entra em questão. Ela aniquila a desvalorização do feminino bem como a cultura que foi gerada pelo patriarcalismo. Luta-se por uma cultura nova que também dá força e poder para as mulheres.

O livro no qual tudo se inicia é o Gênesis. Mas não podemos nos esquecer que no livro de Siracides 42,14: “mais vale a maldade do homem do que a bondade da mulher”. No Gênesis há a criação, a mulher é criada em segundo lugar e formada de Adão, é ela quem leva este ao pecado. Theodor Reik (1968 apud LUNEN-CHENU; GIBELLINI 1992, p. 91)

escreveu: “o relato bíblico do nascimento de Eva é a brincadeira mais pesada que os milênios dirigiram à mulher”.

Mesmo que haja rejeição, os fatos e as traduções colocam seus princípios morais e sociais para a mulher que demorou muito tempo a reagir e questionar sobre sua existência, seja do ponto de vista social ou religioso. O que se procura hoje é uma interpretação feminista pós-cristã que apresenta a exegese bíblica com outro valor teológico e histórico, de forma não condicionada pelo patriarcalismo.

Observamos também em São Paulo uma postura ambígua, pois ao mesmo tempo em que afirma liberdade e igualdade, estabelece limites de participação das mulheres nas assembléias cristãs. Conferimos isto em Carta aos Colossenses e Efésios nas quais fica clara a submissão das mulheres ao marido dentro da ordem patriarcal.

E no texto Romanos 16,7, Brooten (1977 apud AUTRAN, 1992) cita a Carta de São Paulo mostrando a saudação de Paulo aos apóstolos Andronico e Júnias, mas este último passa a Júnios no século XIV porque não se via uma mulher com o nome de apóstolo, ou simplesmente pelo fato de a sociedade não aceitar mulheres como discípulas de Cristo, por não ser considerada digna dos ensinamentos Dele. Esse preconceito patriarcal denigre e rejeita a mulher como fonte de evangelização.

Já em tratando-se de mariologia, possui também certa ambigüidade. De um lado recupera a imagem do feminino, mas também é clara a sua subordinação. O feminino se subordina ao masculino e representa a feminilidade de Deus. Apesar de haver o altar para Maria, o recomendável é que não se despatriarcalize Deus e sua linguagem.

Percebe-se então que com o cristianismo, o feminino, como mito e em sentido negativo, alcança uma revalorização através da Virgem Maria. Somente no Concílio de Éfeso em 431 d.C., conforme afirma Lúcia Furlani (1992, p. 50), há a consideração da maternidade de Maria como divina. Antes do cristianismo o homem mandava absolutamente, inclusive em

filhos que fossem casados. Em divórcios, os filhos ficavam com o pai. Somente a partir do século II é que a mulher começou a ser companheira do homem. Foi uma evolução, pois no A.T. sua posição era secundária. Filhas chegavam a ser vendidas.

Na Idade Média as mulheres foram consideradas eternas menores, dependendo sempre do pai ou do marido. A fidelidade, segundo Furlani (1992) também preocupava, pois era a mulher herança do homem. Criou-se então o harém, o cinto de castidade, a clitoridectomia. Tudo era usado para refrear sua sensualidade. As adúlteras foram apedrejadas, fechadas em conventos. As mulheres foram consideradas parceiras do diabo.

A Inquisição atingia de forma preconceituosa e em maior escala as mulheres, como nos mostra o livro *Summa Demonologica* ou *Malleus Maleficarum* de Heinrich Kramer e James Sprenger (1486 apud FURLANI, 1992, p. 59). Diziam que a bruxaria poderia ser encontrada em maior número nas mulheres, já que intelectualmente eram consideradas crianças, perversas, fracas na mente e no corpo. Se tivessem o equilíbrio de um homem, eram suspeitas de bruxaria. Já como modelo de esposa, a unidade – homem e mulher – tem força sacramental desde o início, no qual Cristo é o corpo e a Igreja é o povo.

Assim como o racismo, o machismo domina e interioriza a dominação da mulher pelo homem. O respeito pela alteridade feminina é a chave da consciência e do processo de maturação do ser humano dentro de um processo sociocultural.

Sendo assim, a espécie é também considerada origem do mal e do pecado, portanto uma fonte pervertida. Mas segundo Dattler (1984 apud BUCKER, 1995) o que fazia falta era a comunicação e não o domínio e conhecimento superior, e isso sim é uma nova visão. Elas, as mulheres, são semelhantes em tudo a Adão; foram feitas a partir do solo, modeladas como ele. A costela significa igualdade com o homem e não matéria-prima. Não é cópia e nem reprodução, possui suas particularidades. Juntos completam a espécie.

São Bernardo não culpa Eva pela tentação, pois Adão aceita sem ser obrigado. Porém, é freqüente a visão negativa do feminino. Esse papel, o feminino, tem que ser redescoberto dentro de uma sociedade que é patriarcal, que busca inferiorizar o outro ser, então, o que se propõe é que ambos influam na conduta para a libertação plena da humanidade.

Como o novo sistema patriarcal tinha substituído o antigo papel das mulheres nas aldeias, e este se refletia no mito da Grande Deusa-Mãe, as mulheres ainda persistiram dentro de certos limites. De acordo com Carol Meyers (1988) documentos de cidades mesopotâmicas e egípcias mostram mulheres envolvidas em posições públicas, exercendo direitos legais e econômicos.

O cenário mais importante onde as mulheres exerciam seus poderes era o santuário. Serviam deuses e deusas, eram funcionárias públicas. Algumas delas prestavam serviços sexuais, outras abstinham-se tanto do matrimônio quanto dessas atividades. Era uma garantia para as não casadas e aquelas que não queriam aderir à maternidade.

Ainda nesta mesma época, a energia sexual não poderia ser admitida, era proibida, a não ser para a procriação. Pela rejeição da sexualidade e sua vinculação ao urbano, e sob a pressão para concentrar as energias femininas no lar e na família, surge o sacerdócio como ocupação masculina.

É irônico saber que essa canalização de energias das mulheres, mesmo passada a crise, persistiu fundamentando a ideologia de que as mulheres são seres inferiores e subordinados. Tribble (1984 apud MEYERS, 1988) cita que a urbanização e a instalação de escravos no império davídico contribuiu para a desvalorização das mulheres.

Possuímos em contrapartida a liderança de mulheres como Míriam ou Débora que são remanescentes dinâmicos de uma época em que as mulheres exerciam posições de liderança nas comunidades. O que importava era o seu papel e não sua condição social. Mas

com o sistema patriarcal, Tribble (1984 apud MEYERS, 1988) afirma que as mulheres deixaram de participar da vida política e pública assim como do sacerdócio. As mulheres bíblicas citadas lideravam e eram aceitas pelo seu poder de liderança.

Nos conselhos do Sirácida, Pereira (1987 apud MEYERS, 1988) coloca que há a consideração extrema da família; mas as mulheres são somente esposas, e fora desta relação elas não têm dignidade, não representam um valor positivo. Ou é a esposa que auxilia o marido ou é a sedutora quem o arruína. Afirma ainda em 25,24 que todos nós morremos, porque foi pela mulher que o pecado começou e que o homem não deve se deixar seduzir por ela.

A fábula da serpente no paraíso denegriu a imagem da mulher, fazendo-a responsável por toda a espécie de males. Angel Núñez (1995) afirma que as mulheres enquanto filhas, depositam as decisões de toda sua vida nas mãos do pai, como esposa nas mãos do marido e filhos. Logicamente as mulheres não são posse do homem como rebanhos e escravos, têm iniciativa e são donas de suas palavras, mas estão submetidas a alguém.

Por outro lado podemos constatar a referência ao despertar da consciência daqueles que não cumprem as leis. As mulheres aparecem, de fato, reivindicando seus direitos de acordo com o contexto vivido. Tamar faz isso exigindo a descendência de seu sogro Judá. Ester garante que a lei seja respeitada e cumprida, mas através do matrimônio. Judite garante a salvação do povo, conforme nos afirma Raïssa Cavalcanti (1993).

Para Judite a sabedoria está muito relacionada com o zelo pela justiça e com os sinais dos tempos e ambos estão ligados à própria experiência de vida, esperar o momento oportuno para realizar e concretizar os gestos.

Assim sendo, as mulheres sentes-se chamadas a preservarem a continuidade da vida do povo e não permitirem a dissolução da aliança com Deus. A comunidade é elemento essencial para o ministério feminino. As profetisas surgem em momentos nos quais os homens não conseguem mais liderar o povo ou estão cansados e desanimados.

Júlia Kristeva (1982) afirma que a Virgem Maria assume um papel subversivo para o monoteísmo, pois personifica a feminilidade apenas como maternidade e submissão. Ficam assim, as mulheres, afastadas do discurso religioso como do filosófico e do psicanalítico, por serem consideradas incapazes para tal tarefa.

É público que a mulher não fazia parte dos doze apóstolos, mas havia a prática como companheiras de missão, portanto havia homens e mulheres na missão de Cristo. Eram colaboradoras, mas trabalhavam no mesmo nível. Ficou comprovado que Febe, Priscila e Júnica desempenharam papel como evangelistas assim como Paulo. As mulheres também assumiam funções masculinas, embora muitas vezes isto foi ocultado e mudado na tradução, como nos afirmam Reimer e Reimer (1999).

O feminino é a representação da liberdade e aceitação, e não submissão. O mito de Lilith nos mostra a busca da identidade feminina, pois busca um lugar junto ao homem. Com ela a paixão entra no paraíso, mas sai com Eva. Essa é culpada, sozinha, pela perda de graças, passa então por uma estereotipação sendo obrigada a ser objeto de domínio e ideologias, por ser considerada a única responsável pelos males do mundo.

Deus torna-se masculino em todas as suas características, apesar das afirmações religiosas que possuem ambos os sexos, então todos os elementos femininos não são confiáveis, muito menos iguais. A maior parte das traduções bíblicas, se não elimina, troca as palavras para que nada de feminino se assemelhe a Deus.

Sendo impura, desperta o desejo sexual, e para muitos é importante que se elimine este impulso ou que o desperte em alguém. Os livros sagrados só eram permitidos aos homens porque as mãos femininas eram consideradas impuras. Maria quando está prestes a menstruar tem que ser retirada do templo para que suas mãos impuras não o toquem.

O mundo pertence ao homem e a casa – lar pertence às mulheres. O seu próprio corpo muitas vezes é tido e consumado pelo homem, mesmo que as mulheres não consentam.

Nem o próprio corpo lhes pertence. Nas mulheres temos a representação de Lilith, que é a inaceitabilidade de imposições. Eva é a identidade perdida que viveu em função do homem e com a culpa da Queda.

As mulheres, na era cristã, continuam sob o controle do patriarcado e sua virgindade está sobre o controle masculino. Verificamos que as mulheres somente são respeitadas quando virgens e essa película é o elemento chave para a sua venda. Se não for virgem não é digna, mas sobre o homem que contribuiu no ato sexual nem ao menos se comenta. Como percebemos é um objeto que se tiver laço é valorizado, se não, não o é. Uma mulher “deve” se casar virgem, mas o homem é incentivado à prática sexual, pois nada “perde”.

Quando se cria a identidade de seres puros e frágeis que necessitam de amparo masculino ocorre um rompimento psíquico que esconderá o seu potencial. E Cavalcanti (1993) afirma que a mãe torna-se mais valorizada que a esposa, pois só assim se redimirá do pecado sexual. Os filhos passam a ser a garantia de sua identidade. E o sexo, desligado da procriação é mal e desvirtuoso.

Corpo e espírito entram em conflito, pois ela deve servir à família e suas qualidades femininas ou outras, que possua, não significam nada, mesmo que isso as realize, seja no trabalho ou nos estudos. O homem domestica as mulheres e lhes dão nova identidade cultural, mas aquela que lhe convém é a que domina. É o seu status que prevalece agora.

Para Cavalcanti (1993), Adão era, portanto, macho e fêmea. Foi separado quando viu os animais acasalando, e quis para si uma companheira. Dessa forma, Adão torna-se um homem completo, interagindo com o masculino e o feminino, diferenciadamente.

Apesar da Bíblia ser um referencial masculino, é também uma proposta de libertação e redenção para o ser humano. Cristo, com sua vinda, tenta resgatar e até afrontar uma sociedade para resgatar a mulher e o feminino. Ele coloca as mulheres em destaque, o que não é aceito pela sociedade e muitas vezes pelos próprios apóstolos.

Nancy Qualls-Corbett (1990) afirma que a desvalorização da mulher representa a fraqueza do homem, pois no feminino está a ação perturbadora da natureza. Com o surgimento do militarismo e da política, a mulher torna-se ainda mais subordinada, pois o seu papel social não tem valor. Deus é criado sob o ponto de vista masculino; estabeleceram-se normas e regras, e a mulher ocupa o lugar que lhe foi designado pelo homem.

O casamento passa a ter finalidade de gerar almas para a adoração. O relacionamento sexual servia apenas para a procriação. A imagem do homem para com a mulher prossegue do sensual ao divino. Sendo considerada propriedade do homem, é considerada como sua prostituta, mas sagrada. Com o gozo, suas ações eram recriminadas e questionadas. Maria, com seu papel de intercessora, conduz o homem para sua imortalidade. Maria Madalena, prostituta, passa de hábitos “impuros” para os “puros”. Não há lugar para a mulher dentro de uma sociedade em que ela não seja nem solteira e nem prostituta. A repressão de Maria Madalena a torna penitente, assim como a proposta para todas as mulheres.

No livro de Juízes ficam bem claros os ensinamentos bíblicos nos quais as mulheres trouxeram o pecado e a morte. É por causa delas a queda da raça humana. O casamento é destinado a um estado de escravidão; a maternidade é período de angústia. Dependente do homem em todas as suas necessidades, elas têm que obter permissão do marido para qualquer coisa.

Na história de Agar (Gn 16), ela, mulher escrava e estrangeira consegue sua libertação. Deus fica de seu lado, assegurando sua libertação. Sara, na tentativa de garantir a posteridade, mesmo sendo estéril, garante a legítima relação do esposo com a escrava. Agar, quando dá à luz, descobre que não é dependente da patroa, mas a patroa depende dela. É dela que vem o poder de gerar. Ela realiza o projeto e facilita o encontro da ação da mulher na Bíblia e na realidade: discriminação e ação da mulher que acredita na vida.

Já Rebeca transmite a memória de uma época na qual se viveu de perto o projeto de Deus. Mulher livre e esperta, capaz de tomar decisões, age também como símbolo de relacionamento igualitário dentro de casa. No capítulo 24 do Gênesis, sua presença é marcante, bem como a de sua mãe, pois possuem o poder de decisão. É a mãe que abençoa a filha como a benção de Abraão. A mãe é portadora de mais prestígio que Labão e Batuel.

Raab, em Juízes 2,1-21, recebe os homens em sua casa e o rei manda dizer-lhe que os mande embora. Mas ela dá as informações e pede que poupem a sua vida e a dos seus. Mesmo sendo mulher, estrangeira e prostituta, faz opção pelo Projeto de Javé. Ainda em Juízes 4 e 5, aparece-nos Débora, uma profetisa que julgava em Israel. Tinha por companhia Barac, e era casada com Lapidot. Ela é livre para trabalhar a favor do Projeto.

Jael é mulher da tenda, livre para receber Sísara e aplicar o Projeto de Deus. É por meio das mãos de uma mulher que o projeto se realiza, e o povo alcança sua liberdade. Ela o acolhe e o mata. Raab é respeitada pelo rei e seus soldados. Tem posição social, mas a sua casa é o lugar de salvação. A mulher é colocada em lugar determinante na realização de seu projeto. Com Débora e Jael, a presença da mulher tem sentido significativo, pois libertam o povo oprimido e sem liberdade.

Baruc reconhece a autoridade de Débora, pois amedronta-se com o mando de Deus que lhe diz seguir para a libertação do povo. Só vai se Débora for com ele. É o momento que o homem desafia as leis, assumindo a necessidade e apoio de uma mulher para sua missão. Jael, esposa de Héber, mata o general Sísara. Acolhe-o em sua tenda, alimentá-lo e depois, com uma das estacas e com um martelo, crava-lhe a estaca até que esta entre na terra. Dentro do processo libertador, a mulher tem voz decisiva. Seu povo está oprimido, mas seu potencial libertador lhe dá forças. Débora possui influência político-religiosa. Ela julga e aconselha Jael, e mesmo sendo estrangeira, (portanto menos considerada ainda) é ela quem toma o lado do povo oprimido vence opressor. Verificamos que a importância feminina já nos é mostrada desde o A.T.

Para Edith Stein (1999), de acordo com o caráter peculiar da educação feminina, prevê-se o desdobramento de sua humanidade, feminilidade e individualidade. Também considera que o protótipo feminino se encontra em Maria denominada nova Eva. As mulheres são chamadas para desempenhar, pela sua natureza, o papel de esposa e mãe. Esposa é sinônimo de família, e mãe tem o caráter de desenvolvimento humano. Isto posto, considera-se como aptidão para as mulheres. Elas cumprem sua missão no casamento, que é considerado a profissão da formação humana.

Tomás de Aquino em Stein (1999) afirma que a alma é o princípio formador do corpo. Requer então que um corpo feminino corresponde a uma alma feminina e assim também ocorre com o ser masculino. E é a característica da alma feminina a atenção pessoal e amorosa para a formação do ser humano. Surge então, a vocação das mulheres: ser companheira do homem. É característica da alma feminina.

Fala-nos Stein (1999) que a escritura é incontestável naquilo que condiz para a mulher desde o início do mundo: ela é destinada a ser companheira e mãe, assistente, educadora dos seres humanos. Como já vimos anteriormente, considera-se que isso faz parte da natureza humana. A atitude da mulher visa o todo: cuidar, velar, conservar, alimentar. À mulher cabe a ajuda, então uma outra profissão que signifique a não dedicação acaba por prejudicar os outros (seres humanos).

A atitude básica para mulheres, é conservar-se na função de assistente e educadora, juntamente com o companheiro. Veja-se ainda que seu dom depende da felicidade na divisão da vida com outra pessoa. Portanto, o homem preocupa-se com ele e com assuntos dele, espera na mulher interesse e disponibilidade. Isso está intrinsecamente relacionado à sua “predisposição maternal”, é auxiliadora e educativa. E no matrimônio o homem serve sua causa e a mulher serve o homem por amor a ele, tendo inclusive que fazer tudo sob orientação masculina.

Considera-se desenvolvimento da personalidade feminina (mãe, esposa) estreitamente ligado à Imaculada, pois no centro de sua vida está o fruto, cuida de seus caminhos. Realiza-se assim, sendo a serva do Senhor, cumprindo a missão que Deus lhe deu. Lembremos de Maria Madalena que lhe segue, mas de uma forma bem diferenciada desta proposta aqui.

Cabe-se ainda afirmar, segundo Stein (1999, p. 62) que qualquer mulher pode e deve exercer uma profissão: se se perde o provedor, tem o dom e a inclinação individual. Afirma ainda que “nenhuma mulher é somente mulher”, cada qual possui sua individualidade e a sua predisposição para o homem capacita essa mesma mulher para a atividade artística, científica ou técnica. Citamos aqui algumas das atividades referentes à natureza feminina e não nos referimos à profissão feminina, àquelas de caráter feminino. Essas profissões ampliaram-se e desvincularam-se do espiritual e do sangüíneo.

Ainda segundo a autora citada acima o sexo feminino é distinguido pelo fato de ser uma mulher o ser humano escolhido para ajudar o reino. E o que distingue o sexo masculino é o filho do homem através do qual a redenção chegou ao mundo. As relações homem/mulher estão bem mais explícitas em São Paulo, como por exemplo, 1 Cor 7,14-16. O corte do cabelo, roupas, e ambos devem levar a vida como se fossem um único ser, e assim o marido é santificado pela esposa.

A Igreja está sujeita a Cristo, assim como as mulheres ao homem. O homem (marido) deve amar sua mulher (esposa) como ao seu próprio corpo. Se o homem é a cabeça da mulher, é de toda a família. Teve o poder de desenvolver dons existentes ou sufocá-los, na medida que um ser humano é capaz, ou não, de ajudar o outro.

A vocação masculina ou feminina não é bem a mesma segundo a ordem original. No início, ambos tinham a missão de preservar a semelhança com Deus, dominando a terra e propagando o gênero humano. Em nenhum momento se fala sobre a superioridade do homem

no ato da criação, após a queda a relação entre eles é de dominação e subordinação que foi desfigurada pelo desejo.

Socialmente, o homem recebe a atribuição de lutar pela existência; as mulheres, parirem. Surge também a promessa da redenção com Maria e Jesus. Stein (1999, p. 87) nos afirma que “a superioridade do homem se revela no fato de o redentor vir à terra em forma de homem”. O sexo feminino ganha sua nobreza pelo fato de Maria conceber sem pecado o filho de Deus. O homem deve ser o esposo esmerado da Igreja; como Cristo; e a mulher amorosa é a própria imagem de Nossa Senhora.

Ainda em relação à Queda, o que deveria ser companheirismo tornou-se domínio de um sobre o outro, muitas vezes exercido de modo brutal, sendo a mulher objeto de exploração, estando a serviço para a satisfação de desejos alheios ou, dificilmente, os próprios.

Assim, o relacionamento entre homens e mulheres vem se degenerando com as descendências. No início, a reprodução era responsabilidade de ambos; posteriormente foi deixada de lado havendo a preocupação apenas com o instinto, sem o preocupar-se com a prole (suas necessidades essenciais) ou então somente com a parte financeira sem integrar-se com a participação necessária do processo educativo. Às mulheres cabia a educação e ao homem o prover financeiro, apenas.

As mulheres serão conselheiras do esposo, para que o fardo não lhe pese. Faz parte de sua dedicação feminina o desenvolvimento das pessoas próximas como: filhos, maridos, pais, preocupação com a ordem e a arrumação de casa para que esta seja propícia a todos. Ela deve tomar cuidado para não anular sua própria vida, e um trabalho próprio seria oportuno, porém corre-se o risco oposto: trair sua vocação feminina para satisfazer a um sistema sociocultural, religioso e patriarcalista, não como uma vocação.

Mas, podemos nos fazer a seguinte pergunta: será que a atividade profissional da mulher, fora e em casa, contraria a ordem natural da graça? A ação tanto masculina quanto feminina é prevista em toda a área. A Queda (pecado do paraíso) não suspende completamente essa ordem. Se o âmbito doméstico é restrito deve-se procurar e canalizar o exercício pleno dessas forças. Questiona-se aqui o perigo de pôr em risco a vida familiar, não só a mulher, mas o homem também. O comprometimento das forças femininas com as preocupações ligadas às necessidades vitais e até considerando-se a evolução cultural e principalmente esta, a situação melhorou em favor da mulher.

Em segundo lugar vem a subordinação ao marido e o depender de suas atividades de acordo com as vontades dele. Nem sempre o que propõe o homem, encontra-se aí a razão. A ordem da salvação restabelece a relação original dos papéis profissionais. Há uma mudança relacionada à posição da mulher que era o ideal da virgindade. Há então, o rompimento do A.T. segundo o qual as mulheres só se salvariam pela procriação.

A Igreja primitiva conhece a influência feminina das confessoras e mártires que possuem cargos eclesiásticos. Mas o desenvolver da história leva a mulher a perder estes mesmos cargos e o rebaixamento de seu status jurídico se dá sob a influência de idéias baseadas no próprio A.T. e no direito romano. Atualmente, há grandes mudanças pela demanda de mulheres em instituições pastorais. Há certo empenho feminino para ater novamente um cargo eclesiástico.

O interessante é que depois de tantas evoluções, lutas e conquistas a literatura de décadas como Guimarães Rosa – *Grande Sertão Veredas* –, Graciliano Ramos – *São Bernardo* – continua apresentando as mulheres como demônios. A vida das mulheres foi transformada em um problema pelo desenvolvimento, pois as mulheres foram retiradas do âmbito protegido que é sua casa e sua própria vida. Fraqueja-se e luta-se, faz reflexões sobre sua força e sua chance. Descobrimos então, que não somos seres acabados, mas estamos num

processo de vir a ser. E isso é atuar, ser e estar na eternidade à medida que tomamos consciência do que é ser mulher e não das imposições que nos são colocadas. É descobrir-se, é realizar-se, é assumir-se plenamente e em todos sentidos como ser humano e mulher.

Segundo a natureza das mulheres, afirma Edith Stein (1999), há uma base para a formação feminina. A natureza feminina é organizada para ser esposa e mãe. Nutre dentro de si um corpo humano, e além disso este é refúgio para que outras almas se escondam e se desenvolvam. A alma feminina, devido a estes motivos, precisa ser ampla e aberta a tudo que é humano. É proposta a essa mulher que seja cheia de paz, fé, quente para aquecer sementes frágeis, devendo ser clara, sem obscuridade e podendo tomar conta de si, reservada em seu interior sem poder ser colocada em perigo, vazia de si como se houvesse outra vida nela e dona de seu corpo e de sua personalidade. Para isto deve e lhe é imposto seguir o modelo de Nossa Senhora. É tudo que está ligado à alma e sua forma infinita de ser.

Stein (1999) nos afirma que mudanças econômicas tiraram as mulheres do campo doméstico e a desvalorizavam em sua personalidade individual. Então, na segunda metade do século XIX, começaram as lutas pioneiras do feminino reivindicando chances de formação, trabalho, criar assim, espaços para suas variáveis forças e dores. As mulheres hoje fazem vestibular, trabalham fora e ganham campo. Mas muitas nem sabem quantos manifestos e petições foram necessários para isto. Hoje, existe uma necessidade econômica para as mulheres e conseqüentemente o exercício de uma atividade remunerada. Mas existem ainda outros motivos que provocaram a atual crise do movimento feminista e da vida profissional feminina. Primeiro, havia pessoas que queriam manter a mulher afastada de qualquer atividade profissional e em contra-ponto havia a desconsideração pela peculiaridade feminina e os argumentos eram fracos para isso.

Assim, a índole feminina entrou em conflito com a profissão e sua relação com a coletividade aumenta. É o caso do voto, no qual as mulheres percebem sério poder que têm. A

petição internacional, conforme afirma Stein (1999) de 06 de fevereiro de 1932, em Genebra, mostrou que as mulheres se identificam com a paz e o entendimento com os povos. A mulher passou a atuar do lar para o mundo e isso nos confere que a preparação feminina deve ser adequada para que nada seja colocado em risco.

Na relação de eternidade, a mulher se mostra receptiva à questão religiosa. Em muitos casos, a tomada pela profissão levou ao afastamento da religião e rompimento de tradições religiosas como a legião de Maria.

Segundo a opinião pública, as mulheres deveriam ficar em casa e exercerem sua profissão natural. Ainda continuam nos classificando como “sexo frágil” ou “belo sexo”. Colocam isso de forma cínica ou compadecida e isso se dá sem a reflexão de que é realmente a mulher, sua natureza, e muito menos se importam com realizações femininas. Ainda há o lado romântico, que é o ideal feminino, ser enxergada apenas pelo lado biológico.

Concordo com Stein (1999) quando afirma que a ideologia romântica nos coloca apenas em atividades domésticas e familiares sem avaliar o desenvolvimento espiritual e histórico das últimas décadas. Então, biologia e supervalorização de um lado, e do outro, visão materialista.

E a Igreja? Qual a sua posição quando se fala em mulheres e das mulheres? Afirma-nos que é necessária a distinção da posição assumida pelo dogma, direitos canônicos e representantes humanos da Igreja. O que existe dentro da Igreja é uma doutrina tradicional e não dogma sobre a função da mulher. Encontramos *essa doutrina* na declaração oficial sobre a função natural da mulher que está na encíclica do Santo Padre sobre o casamento. Nela encontramos como primeira função da mulher ser esposa e mãe, e ainda uma advertência contra a adoção de outras tarefas, pois estas podem ameaçar a existência familiar.

Notemos que se fala muito sobre a função das mulheres e como é importante manter suas “rédeas curtas”, se é assim que pode ser feita a referência. É como se as mulheres

fossem ameaças e também culpadas de tudo que possa atingir a família. Então, qual é a função masculina? Somente manter a casa? Lembremos que estamos discutindo a tarefa feminina de acordo com a Igreja. O atual Direito Canônico não trata com igualdade o homem e a mulher, já que a mulher é excluída de todos os cargos que exigem ordenação.

Declarações de cunho patriarcal com certeza existem, e nem pensam um minuto sequer na mulher fora do lar devido à tutela do marido. Ainda há pessoas que pensam assim, porém não é a maioria. Cabe lembrar ainda que entre os primeiros a abordar as exigências do movimento feminista liberal estavam os teólogos. Estes analisavam e harmonizavam os princípios católicos com o feminismo, baseando-se para isto na necessidade de cada época.

Era necessário que a formação fizesse a personalidade feminina autônoma colaborando para a nação e a cultura. As feministas radicais exigiam igualdade de natureza e de direito e Lange nos coloca que a natureza feminina requeria a igualdade dos sexos. Para isso era necessária uma formação adequada de acordo com a cultura e o tempo propunha participação das mulheres na formação das meninas, pois “a verdadeira mulher só pode ser formada por mulheres”, é o que nos afirma Stein (1999, p. 178).

Todo esse processo começou a ter reconhecimento oficial e só se concretizou realmente quando em 1908, na Alemanha, as mulheres iniciaram seu ingresso na universidade. Perduraram, até 1919, restrições para a inscrição dos exames e o exercício profissional. Ainda houve o cuidado com a atividade do lar e da maternidade.

A psicologia trata da memória e da inteligência. Croner (1999 apud STEIN, 1999, p. 209-210) mostra a diferença da menina, da moça e da mulher de um lado, e do jovem do outro; e para isso apresenta cinco tipos femininos:

1. maternal - orientação ao filho – viver estritamente em função da educação dos filhos;
2. erótico - orientação ao homem com revelação de uma sexualidade forte – como Lilith que assume seu impulso sexual;
3. romântico - desejo de experiência – a virgem que imagina a chegada do príncipe;

4. sóbrio - encara as tarefas práticas da vida – como Maria – somente servir a Deus;
5. intelectual - interesses objetivos com realizações criativas – a mulher atual que trabalha, estuda, casa e tem filhos, sem abdicar do “ser” mulher.

A feminilidade, item difícil de ser dissertado, e de acordo com o que nos mostra Stein (1999) sobre a intenção de São Tomás, o qual afirma que o homem é o início e fim do feminino, indica que o primeiro é superior e subordina o segundo. São Paulo também afirma que o homem é a cabeça da mulher. Então, interpretemos que as mulheres foram criadas com o intuito de realizar o sentido de ser masculino. Mas, nas palavras, o sentido é dúbio. Não me parece, ao menos, que as mulheres tenham sido criadas só para o homem. Cada ser tem seu sentido e que as mulheres não sejam vistas em forma degenerativa pelo servir ao homem e satisfazer seu prazer. Elas por livre opção, são suas auxiliares, pois ambos coexistem. Isso remete-nos à peculiaridade do ser feminino, não como humilhante, mas como digna.

Na formação feminina, Liebster (1927 apud STEIN,1999, p. 252) afirma que há tipos de mulheres primitivas e reflexivas. As primitivas pertencem à grande massa e sua personalidade é simples. Já a reflexiva é versátil e adapta-se com facilidade. Amadurecem com experiência e sofrimento. Na realidade quem aprimora a primitiva é a vida, já a reflexiva, é o convívio com as demais pessoas. A segunda se dará mais rapidamente que a primeira.

No início do movimento feminista houve o querer da emancipação. Busca-se a libertação, mas este era um objetivo individualista. E ainda assim se ouvia que o lugar da mulher era em casa e que esta fugia a sua vocação natural. O homem possui mais objetividade e a mulher é pessoal. O homem desenvolve-se unilateralmente, e a mulher é a totalidade, busca a plenitude, visa sempre o ser humano.

Como Stein (1999) nos mostrou várias vezes, há sim o dogma da Igreja em relação à mulher e à feminilidade. Mas, com a opressão da feminilidade é muito mais fácil controlar pensamentos e ações femininas. Com lutas e congressos feministas, inclusive dentro

da igreja católica, houve então o início da mudança. Começa-se a valorização do ser feminino na sociedade e em funções religiosas.

É lógico que há trechos na Bíblia, os quais demonstram claramente o papel da mulher na sociedade e na religião, mas não constituem a posição de Cristo, e sim da sociedade. Citamos também que nomes de possíveis apóstolas chegaram a ser trocados por nomes masculinos. Era inadmissível mulheres assumindo a função de Pedro, por exemplo. O que é fato é a subordinação feminina por ser ela, segundo a Queda e a visão masculina da época, a culpada pelos males do mundo. Uma criança e mulheres não eram seres dignos de confiança nem de atenção. Jesus até tentou, Pedro ficou enciumando e a sociedade continuou a fazer o que achava que era correto, passando por cima até da igualdade humana que tanto propunha e propõe o cristianismo.

3.2 Deus e a Mulher

O próprio nome Pai para designar a Deus se concebe dentro do patriarcalismo, justifica-se assim a exclusão de responsabilidade da mulher. Não somos, portanto, uma *imago Dei*. Para que se mude esta fundamentação, é necessário sabermos quem é o próprio Deus, o que significa para as mulheres, bem como a necessidade da religião para a efetiva libertação feminina.

O homem é considerado teomorfo (criado de Deus), portanto as mulheres são criadas para ele e a partir dele, e assim submissas. Deus é considerado masculino e superior. A hierarquia assim vista, se dá dessa forma também a salvação: o homem é o divino e as mulheres o humano. Teocentrismo e androcentrismo são colocados paralelamente. Eva e Adão constituem uma hierarquia ontológica: o ser entre Deus e a criação.

Santo Agostinho apresenta uma imagem negativa da feminilidade, e esta se apresenta como fraca, imperfeita e pecado. O homem ao mesmo tempo é considerado como aparência do espírito. Já Tomás de Aquino (1948 apud LUNEN-CHENU; GIBELLINI, 1992, p. 99) apresenta a mulher como um *homem falhado*. Ou seja, as mulheres não são dignas nem de serem consideradas pela humanidade, pois algo que não sai certo é rejeitado e jogado fora.

Representando a afirmação acima, tudo quando perfeito pertence e tem a mão do homem, mas se não chega ao final ou se degenera é resultado feminino. Em Gênesis 2,18 (1992 apud LUNEN-CHENU; GIBELLINI, 1992, p. 100) temos: “Javé Deus disse: Não é bom que o homem esteja só. Vou fazer-lhe uma auxiliar que lhe convenha” ou ainda em Gn 2,22 (op. cit.): “Da costela que tirou do homem, Javé Deus edificou uma mulher e a apresentou ao homem”. E assim de acordo com os textos acima e em 1Cor 11,7 (op. cit.) afirma-se: “O homem não deve cobrir a cabeça; porque ele é a imagem e reflexo de Deus; a mulher, no entanto, é o reflexo do homem”. Também em Eclesiástico (A.T.) 25,26 (op. cit.) encontramos: “Toda a malícia é leve comparada com a malícia de uma mulher”. Embora homem e mulher sejam imagens de Deus, o homem é o sexo primeiro e instrumental na criação.

Deus é tido como pai e não como mãe. Logicamente, atrás da imagem do pai está o homem. Mas o que se encontra com a vinda de Cristo é um Deus que guia o povo para um lugar sem domínio.

Jesus quebra tabus, mantém amizade com Marta e Maria (Lucas 10,38); conversa com a samaritana a sós (João 4,27); defende a adúltera (João 7,53); e Madalena unge seus pés (7,36-50). Inclusive coloque-se aqui que o culto à Virgem Maria foi considerado pela própria igreja como heresia. Somente com Pio XII, foi elevada a cargo da fé cristã, entre 1945 e 1950, a Imaculada Conceição e Assunção da Virgem. Maria fica desta forma bem perto da trindade.

Quando da análise feita pelos padres das figuras femininas do A.T. e N.T., analisam como representação da Igreja; Sara, Rebeca, Raquel, Ruth, Raab. A Carta

Apostólica *Mulieris Dignitatem* de 15 de agosto de 1988 apresenta no número 24 a questão da submissão. Assim como Cristo trata a mulher (Igreja), deve ser também da mesma forma com o esposo e esposa. Para Bárbara Bucker (1995) não deve ser de maneira unilateral, já que a sociedade prioriza o homem sem se dar conta que o proposto é para ambos e não apenas para um.

Através da sexualidade conforme nos apresenta Bucker (1995), Jesus se manifesta em favor das mulheres. É a presença do Reino e na defesa das mulheres dentro do sistema patriarcal. Trata a mulher marginalizada e oprimida, estabelece uma relação com o ser humano (mulher) procurando nova unidade, e parte para um vínculo que transcende a intimidade da criação. Sendo criada como companheira, assume lugar desde a protologia até a escatologia. Portanto assim se formam estereótipos sobre a mulher, estes que se referem principalmente à religião.

Quando Jesus trata e considera a mulher doente, na pregação, como prostituta, considera-a tão digna que impõe respeito a ela. Segundo Bucker (1995) é considerado um feminista e não as trata como objeto e também as defende, declara serem iguais os direitos entre mulheres e homens, é o que podemos constatar em 1Cor 7,4; Lc 7; Jo 8, 1-11.

Na ressurreição, é de suma importância a mulher, pois é ela quem recebe a notícia do ressurgimento. Porém, a experiência religiosa tem sido masculinizada, formada por homens e endereçada às mulheres; fala-se de Isaac e Jacó, mas não de Sara, Raquel e Rebeca. Por isso o Deus é considerado exclusivamente masculino. A mulher experimenta Deus, mas é admiração e dominação e isso dificulta o encontro da mulher com um Deus que as ame sem que se sintam manipuladas.

A Bíblia reflete o fato de que havia mulheres em idade fértil, menos que os homens. O *mohar* – preço da noiva – tentava solucionar o problema da época. Meyers (1984) afirma que somente com o crescimento da população feminina é que houve a mudança, os pais tinham que conceder dotes para arrumarem casamento para as filhas.

Há também o ressaltamento das qualidades da mulher, mas sempre ligadas ao lar. Na educação dos filhos seu papel é decisivo. A mulher é prudente e quando compete mostra sua honra ao marido, com suas atitudes (Pr 12, 4). Como exemplo, Maria Madalena se adianta na busca de Jesus, após sua morte, e é a primeira a descobrir o sepulcro vazio; dessa forma se enaltece a fé feminina (Mt 28,1-8). Neste aspecto a fé feminina funda igrejas domésticas que colocam a mulher como Rainha do Lar, título dado para que ela tivesse certo reconhecimento, porém ligado ao lar, seguindo o positivismo, designando para a mulher o domínio doméstico.

Jesus aponta mulheres não para socorrê-las, isto equivaleria a atacar o adversário, pois significava ser avançado demais para a época e ir contra todos os princípios morais e religiosos da época, de acordo com France Queré (1984).

Com esta discriminação cultural a mulher foi praticamente impedida de se destacar entre os profetas escritores mais conhecidos, como é o caso de Débora, Holda e Míriam. As mulheres profetisas, como Holda, que exerceram o ofício de profetisa no templo, e são consultadas por muitas pessoas e emitem sua profecia contra os ídolos. Débora aparece como grande líder de seu povo na época de Juízes. São elas quem defendem o povo. Quando no versículo 5,12 do livro de Juízes dá o seu grito, ela evoca, como podemos entender, uma convocação das mulheres para que despertem e assumam a história da salvação de seu povo como fez Rute ou Ester.

As mulheres cobram o direito do pobre que é o direito de Deus, e este é oprimido como ela. Liberdade e fidelidade aparecem juntas. Judite, Ester e Rute não hesitaram em utilizar seus recursos femininos para defender a causa do povo. Essas mulheres defenderam a vida e a dignidade dentro de um processo de contra-cultura, no qual ainda se luta pelo ser mulher.

Por meio de Maria todas as mulheres são chamadas a serem discípulas fiéis, podendo assim ser receptoras de graças. Jesus levava as mulheres de sua época a sério, conforme afirma Bingemer (1990). Cristo demonstra solidariedade e amor, tentando levantar

e demonstrar a dignidade feminina. Os homens, a partir de então não são mais apresentados como inocentes e sim como co-responsáveis pelo pecado, um exemplo seria o aborto. Seria a culpa somente feminina? Ou um consenso entre ambos? Ainda pode ser sua ausência nessa decisão!

Segundo Cavalcanti (1993), como primeira mulher do Gênesis, Lilith, segundo os mitos e até algumas análises das palavras contidas na Bíblia, não teria sido criada da mesma maneira que Adão, portanto não aceita o papel submisso que lhe é imposto. Adão feito do pó e Lilith de esterco e sedimento, ambos assumem posições diferenciadas desde a criação, não tendo Adão uma forma de prendê-la.

Ela representa o lado sombrio de Eva que leva a culpa pela perda do paraíso. É, portanto, considerada incapaz e imperfeita por ter cedido à tentação da serpente. Assim percebemos onde se iniciou o costume patriarcal de manipular e controlar a mulher. Logicamente, por uma questão cultural, Adão é retirado da responsabilidade da Queda.

Há a repressão feminina além do massacre da identidade feminina. A religião reforça o episódio do Éden, e esse fato marca a mulher como condutora do homem à perdição, e assim justifica-se para meninos e meninas a repressão intelectual, moral, social e sexual contra as mulheres.

O cristianismo impõe, como já vimos, valores e conceitos às mulheres. Maria até pode ser considerada como uma tentativa de restauração da identidade feminina. O que acontece, porém, é que o sistema patriarcal ainda distorce e elimina aquilo que não lhe é de interesse ou o que lhe parece oculto. Maria é o símbolo de redenção, mas não podemos nos esquecer que sempre Eva será lembrada e Maria só vem redimi-la.

De certa forma e em partes, Maria consegue humanizar com Cristo algumas das restrições impostas para a mulher. Há a luta do velho que busca o novo. A força feminina ressurgue com atitudes maternas e com o culto de Maria ressurgem a natureza e o culto à Deusa.

Eva, sendo fonte instigadora da sexualidade, e Maria, personificando o relacionamento com Deus, demonstraram que a cultura cristã restringe o impulso sexual, pois este visa somente à satisfação física e o relaxamento, deixando de lado a sublimação da sexualidade que é a procriação. Então o preceito religioso seria apenas para as mulheres? Sanford (1987) afirma que mesmo pessoas casadas que sentissem prazer no ato sexual, dizia Santo Agostinho, cometiam pecado. A Igreja separa assim claramente o corpo do espírito, com o primeiro sendo o cárcere do segundo.

Stein (1999) coloca-nos que a imagem da mãe de Deus nos “revela” a vocação natural da mulher: obediência, confiança. Fica claro que dentro do cristianismo, a maternidade e casamento são vocações divinas e nenhuma mulher pode ou deve esquivar-se dela. A vocação natural, segundo o A.T., era o gerar, e as mulheres que não podiam ou não o fizessem eram tidas como detentoras do castigo de Deus, pois a criação era considerada pela Igreja e seus dogmas como uma dádiva a quem merecesse ou não tivesse pecados. Atualmente, sabe-se que a fecundidade é o livre arbítrio. As mulheres que não querem ou não podem casar-se e ter filhos não são vistas como degeneradas, e sim como mulheres atuantes na sociedade talvez não na Igreja, mas qual seria esse o motivo!

Eva culpa a serpente e Adão a Eva. Deus, como castigo, atribui pena a cada um deles conforme Gênesis 2,12/19. No castigo, inclui-se a perda do domínio absoluto sobre a terra, a luta pelo pão e a pobreza de seu fruto. Para a mulher fica a multiplicação das dores do parto e a sua vida será governada pelo homem. Eva foi incumbida de lutar contra o mal, assim como Nossa Senhora posteriormente. Foi exatamente isso que as mulheres de Israel adotaram como profissão: gerar descendentes para o dia da redenção. A tentação se aproxima primeiro da mulher bem como a salvação através de Eva e Maria. A humanidade considera, muitas vezes, que Maria é apenas a redenção de Eva, e isso piorou ainda mais a situação feminina no mundo.

Na carta aos Efésios, isto nos é mostrado, colocando a relação entre cabeça e corpo, Cristo e Igreja. A mulher passa a ser, então, um símbolo da Igreja. Eva que se originou, segundo os estudos bíblicos, da costela de Adão, é interpretada como uma nova mulher, o novo modelo. A união, indissolúvel, mostra a mulher como esposa de Cristo. Maria é a humanidade redimida, órgão místico e coração da Igreja. Stein (1999, p. 265) afirma que os dogmas marianos introduzem a *sponsa christi*. É tida como felicidade sobrenatural. Dentro do casamento deve honrar o marido como imagem do Senhor.

Na realidade percebemos grandes desencontros que foram equivocados devido a opiniões particulares e parciais dentro de certas épocas históricas. Isso influenciou o modo de ver e ser da Igreja. Somos também fruto de uma opressão do Antigo Testamento, no qual eram copiadas apenas normas de como manter as mulheres sob o domínio masculino.

Sendo assim, ao tomarmos a Bíblia como literatura, é considerada um fenômeno social, pois a ação da sociedade se manifesta na obra dando o testemunho de crenças, doutrinas, sentimentos para que ambas as partes se aceitem no conjunto da sociedade.

Dessa forma não há como questionarmos a Bíblia como literatura. Ela está inserida na história e reflete a organização sociocultural, bem como as crenças do povo. Há também a relação entre diversas gerações de diferentes épocas.

No que se refere ao cristianismo, não podemos esquecer as origens judaica e pagã, que incluíam ritos de purificação, comidas, leis. E, além disso, cada autor, contribuía individualmente com seu estilo, sendo único e irrepetível.

Dentro das traduções não há invenções, mas sim a troca da oralidade para a escrita, e esta era transmitida de geração em geração. A memória desempenhava o ponto primordial, já que na época os índices de analfabetismo eram altíssimos. Lembremos que *Ilíada e Odisséia* também se iniciaram dentro de uma literatura oral. Ainda, a tradição oral não desaparecia com a escrita, continuavam vivas e eram elementos que se transformavam em ponto básico para a interpretação.

Os escritos bíblicos surgem dentro de um contexto vital e concreto que lhe dá tom, finalidade e sentido. Ainda, os textos bíblicos refletem a complexidade de um mundo plural que muitas vezes entra em conflito, mas lembremos do contexto de cada comunidade. É a partir daí que são construídos e tomam sentido de acordo com a intenção do autor.

No Antigo Testamento, ao qual nos referiremos muito daqui por diante, escritos nascem dentro de um social, como família, templo ou corte e desempenham uma função, se propõem a um objetivo concreto. Consideremos neste âmbito o livro de Judite que será retomado mais tarde.

Nos tempos bíblicos, os livros eram escritos à mão e cada comunidade só fazia cópia daquilo que lhe interessava. As obras que eram contrárias a sua forma de pensar ficavam abandonadas e muitas vezes até se deterioravam, sem nunca mais serem copiadas. Mas a cópia tinha o seu risco, de acordo com José Abadía (2000) pois o copista poderia errar alguma palavra ou trocá-la. Com isso acabavam por alterar o livro. Em outros casos, acrescentavam alguma coisa que fosse de seu interesse ou de sua comunidade, ou então até mesmo chegamos a encontrar duas versões como o Livro de Ester, que na tradução apresenta alguns pontos que divergem.

O autor da obra bíblica não é uma figura tão clara, pois até hoje suscitam dúvidas: quem é realmente o autor? E ainda dentro do estudo bíblico aplicam-se segundo Abadía (2000) dois planos: o da imanência e o da manifestação. No da manifestação é o relato tal e qual se apresenta e no plano da imanência há a procura para descobrir a organização das personagens e suas funções, bem como as estruturas discursivas ou semânticas, as quais organizam em profundidade o relato. A exegese bíblica estruturalista foi e continua sendo promissora como método explicativo.

Em relação a críticas cabe aqui destacar a feminista que demonstra que a linguagem exprimiu a dominação das mulheres pelo patriarcalismo, descuidando dos pontos

de vista femininos. Também recuperou e reeditou obras esquecidas de mulheres de séculos passados.

Ainda há muitas diferenças entre os estudiosos que tratam desse estudo sob esta perspectiva. Uns exploram apenas os personagens, livros e temas, outros mostram o preconceito contra as mulheres. O que se busca é a contextualização para o sentido que se deseja.

Como percebemos, existem vários fatores religiosos que apoiados pela cultura, ideologia e ao patriarcalismo denotaram a mulher característica de submissão. Podemos verificar que em vários momentos Cristo foi considerado feminista, pois quebrou tabus para a época. A cultura, advinda daquele tempo, colocou e manejou a Bíblia para que a mulher continuasse sempre submissa, sem notar a sua verdadeira importância tanto fora quanto dentro da religião.

3.3 Lilith e as Mulheres Bíblicas

A perspectiva feminina dentro da Igreja ficou a desejar desde séculos. Sempre houve alguma forma de imposição e de domínio sobre as mulheres. Percebemos isso claramente quando tratamos de sua vocação natural ao casamento e à maternidade e como foram desqualificadas pela mesma Igreja que exaltava Maria e crucificava Eva. Músicas sobre Maria há centenas, sobre Eva nenhuma. Quando citamos Igreja, falamos de sociedade católica. O sistema social vigente determinava as forças da Igreja ditando normas e colocando seres masculinos e seus posicionamentos perante e sobre as mulheres. A Igreja fazia com que essas atitudes e conceitos fossem da mulher

Desde o século XIX as mulheres procuraram sua própria emancipação e para isso atribuí características femininas que são modelos de personalidade. Hoje, isso já é fato. Como centralidade da história, recupera sua imagem desfigurada pelos séculos e pela sociedade. Com Eva chega a Queda e com Maria a redenção. Não podemos nos esquecer que a teologia mudou muito a situação feminina na Igreja e na cultura. Podemos dizer que a mulher assume uma nova postura dentro do ser e considera-se elemento ativo na construção da sociedade e da religião.

A Igreja, em muitos lugares e nas mais diversas religiões, já aceita a mulher como membro participante e atuante dentro da salvação. A mudança foi grande, mas é sempre necessário que se procure o lugar e sua função de acordo com Cristo e não simplesmente do ponto de vista religioso. Analisaremos a seguir, as principais mulheres bíblicas e suas influências no aspecto feminino da poética de Adélia Prado

3.3.1 Rute

Continuando nossos estudos, verificaremos Rute, um livro do Antigo Testamento. De acordo com a conclusão de estudiosos competentes nesta área, o livro foi escrito em torno de 450 a.C. Sua história, além de ser bem contada, também é poética, com surpresas do começo ao fim. Parece algo de simples distração, mas tudo tem o seu sentido. Os nomes fazem parte das dicas dadas para descobrir a mensagem.

Noemi, sogra de Rute, possui o nome correspondente ao significado de graça. Sua primeira nora, Orfa, significa Costas, e Rute, Amiga. Quando o livro de Rute foi escrito já havia grande parte do A.T. Descreve a opressão de um povo e segue com a descrição do final feliz, mas há a reconstrução do povo.

É através de Rute que se inicia a reconstrução do povo. Noemi, após a morte do último de seus filhos, decide voltar à sua terra natal. Rute a acompanha e começa a apanhar as sobras da colheita, fazendo valer os direitos dos pobres (2,1-23). Rute obriga Booz a cumprir a Lei de Resgate ajudando assim Noemi no problema da família. Ele cumpre a lei, casa-se com Rute (Lei do Levirato) garantindo a posse da terra e o futuro da família de Noemi (4,1-12). Obed, filho de Rute e Booz, mostra o cumprimento da Lei do Levirato.

Estudiosos associam a história de Rute às histórias de outras mulheres como Débora (JZ 4,1-5,31), Jael (JZ 4,17-24;5,24-27), a mulher que matou Abimelec (Jz 9, 50-57), a filha de Jefté que chorou sua virgindade (JZ 11, 29-40), Dalila (Jz 16, 4-21). O livro de Rute também é associado às crônicas de Samuel bem como ao universalismo da fé nos livros de Jonas e Isaías. Também há em Jó o tema do sofrimento e da retribuição assemelhando-se também a Rute, e ainda Esdras, Noemias, e Ester falando do exílio.

Seu livro também é abordado através da análise do gênero literário que mostra através de um conto sobre o clã e a família. Retrata histórias paralelas como de Judá e Tamar, Abraão e Sara. Para muitos, Noemi e Rute conseguiram mobilizar a sociedade patriarcal para conseguir seus direitos no tribunal.

A sociedade do livro de Rute era agrária, e a terra era objetivo de negócios, poderia ser vendida ou comprada, e isto não era proposto e não estava de acordo com a lei. (LV 25,23). Os empregados trabalhavam na terra e o dono era pessoa importante, que somente fiscalizava e dava ordens aos ceifadores.

O clã (grande família patriarcal) era a unidade básica e dentro dele havia ricos e pobres Assim, as instituições políticas não recebiam tanto destaque. Não se fala em rei, mas em governo. Havia um tribunal onde as coisas se resolviam. Os anciões e testemunhas tinham que estar presentes e esse lugar era a porta da cidade (4,1). As leis de Resgate e do Levirato

serviam para amparar as pessoas do clã que não possuíam quase nada ou haviam perdido tudo, inclusive o marido, ficando sem direito a um nome e a continuação da família.

Assim, Rute e Noemi enfrentam dois problemas: o da terra e o da família. Não havia, assim, futuro. Noemi, esposa de Elimelec, representa o povo. O significado de seu nome, neste momento, é graciosa. Com todos os desmandos e a saída da terra da promessa, a vida encheu-se de amargura. Noemi passa a chamar-se Mara (1,13-20). A saída da terra prometida por Elimelec e os seus representa a perda das raízes e de sua identidade. Noemi, a sogra, sem filhos e sem marido, ou seja, sem a representação do poder patriarcal é considerada sem futuro, sem herança e enfraquecida. De acordo com a Lei do Levirato deveria haver alguém da família que continuasse a geração da família.

Das três mulheres que iniciaram a caminhada, Noemi, Orfa e Rute, somente duas continuaram. Eram viúvas, mulheres e estrangeiras. Os três itens são opressores. O fato de ser viúva gerava menosprezo na sociedade da época, não havia sustento e nem futuro. Ser mulher indicava estar à mercê do patriarcado, e neste caso, não havia um único homem para que lhe fosse a cabeça. Às mulheres estrangeiras restava a fraqueza e a marginalização, e muitas vezes nem eram aceitas nas tribos.

No livro de Rute (2,1-23) quanto ao retorno à terra de Noemi, Rute vai ao campo para apanhar as sobras da colheita e sustentar a si e sua sogra. O problema da fome começa a se resolver. Falta apenas o filho. Na colheita, Booz (o parente) determina aos seus trabalhadores que deixem cair de propósito mais espigas para que Rute as colha. Em Esdras, as mulheres estrangeiras foram expulsas. Agora Booz respeita o direito dos pobres através de uma estrangeira. No capítulo 2,4 Booz pergunta “De quem é aquela moça?” E, de acordo com Mesters (1986), é a expressão de quem revela a situação inferior da mulher naquela sociedade. Aparece como propriedade de alguém, sem valor sobre si mesma. Lembremos que havia também escravidão, outra forma de opressão, mas não chega a ser questionada neste livro.

Noemi descobre o grau de parentesco de Booz com sua família (2,21-23). Ele teria o direito do resgate sobre elas. A Lei do Resgate apresentava duas situações: quando alguém por motivo de pobreza vendia sua terra, e o parente mais próximo a comprava e a devolvia a quem tinha perdido, ou quando alguém se vendia a si mesmo como escravo, e o parente mais próximo deveria resgatar essa pessoa para que tivesse sua liberdade novamente. O objetivo era fortalecer a família, e conseqüentemente o clã.

A preocupação agora era com a família, pois sabia Noemi que Rute, ao tomar decisão de acompanhá-la, ficou sem futuro. Mas no livro de Rute, capítulo 3,1, ela inicia sua caminhada para o descanso, o que a interpretação nos sugere fosse o marido!

Noemi quer fazer Booz cumprir a Lei do Resgate, para isso se inspira em Tamar, Gn 38,1-26. Seu marido morre, o cunhado não cumpre a Lei do Levirato e morre logo depois. Judá a manda embora. Tamar então, tempos depois, fica em uma pedra na estrada da cidade e se prostitui, mas para Judá. Pede-lhe como garantia de pagamento seu cajado e seu anel. Quando volta com o cordeiro, com a intenção de resgatar seus bens, não a encontra mais. Assim fica sem o cajado e sem o anel. Tempos depois descobrem que Tamar está grávida e querem apedrejá-la. E na volta para a casa de Judá entrega-lhe o cajado e o anel, então Judá afirma que o que ele não fez cumprir, Javé o fez.

Rute, então, como nos coloca Mesters (1986), se perfuma, arruma os cabelos e vai até o campo. Espera Booz dormir e depois chega perto, levanta a coberta e deita junto dele. Lembremos que levantar a coberta ou estender o manto faz referência ao ato sexual. Rute seduz Booz para que ele cumpra a lei. Tudo é muito sugestivo, sem ser dito claramente. Noemi e Rute teceram a trama e a colocaram em prática.

Quando Booz acorda entende que estendeu o manto sobre ela e a aceitou como esposa. Tanto Rute quanto Tamar são elogiadas por Booz e Judá ao colocarem interesses familiares e da comunidade acima dos interesses pessoais. Ao aceitar o casamento com Booz mostra fidelidade com Noemi, por recusar a própria família e a um noivo jovem.

Rute começa a conseguir o cumprimento de uma das leis, mas obtém isto através da sedução que foi planejada pelas duas mulheres. Quando esteve no campo, Booz, possuía preocupação jurídica, pois diz a Rute que não se deixasse ver. Havia outro parente que precedia Booz. Noemi, que é mais experiente, explica tudo à nora.

E, além disso, o fato de dormirem juntos no campo, no escuro e debaixo da coberta, sugere tanto o amor humano quanto o amor divino. O amor humano se deve ao ato sexual que ocorre entre os dois (estender o manto) relacionando o amor divino 3,15-17 Booz afirma que não é bom que Rute volte *esvaziada* para casa. Mesters (1986) afirma que esse termo se refere ao filho que Rute terá com Booz.

Observamos que as mulheres lançaram mão da sedução para conseguirem que a Lei do Resgate e a Lei do Levirato fossem cumpridas. É a força da mulher que assume a opressão do povo, fracos e oprimidos que ficaram sem terras e sem família, para tentar por meio delas, e seu próprio corpo, diminuir a injustiça com o povo. O povo oprimido encontra sua libertação pelas mãos de duas mulheres, pela audácia e o arriscar-se de uma delas. Não se pode negar que a sedução foi usada, mas foi pela não opressão. De acordo com a Lei, Rute é bem vista entre o seu novo povo. É lógico que eles desconhecem o meio pelo qual ela desperta Booz para o cumprimento das leis. O fato importante aqui, apesar uso de seu corpo como objeto, e ser por uma causa justa, é que ela consegue perpetuar a família, questão de honra para sua sogra Noemi. Seria muito bem aplicado aqui que os fins justificam os meios. Pela primeira vez a mulher, sozinha, consegue algo sem ser humilhada. Ela deita-se com Booz, porque quer e não porque este a obriga. É através dessa ação que as leis voltam aos seus lugares, apesar do uso de seu corpo, que é justificado pela remissão do povo e tem aprovação Divina.

3.3.2 Ester

Dando continuidade aos estudos referentes às mulheres da Bíblia, estudaremos o livro de Ester em hebraico, pois foi o lido e escolhido. Já na tradução, lembramos que o mesmo livro possui também versão em grego.

A história se desenrola em Susa, uma das capitais do império persa na época do rei Assuero ou Xerxes. O rei Assuero, por uma questão de desobediência, manda Vasti, sua rainha, embora. Ester assume seu lugar no social. Amã, o que é primeiro ministro, e Mardoqueu, que é judeu, entram em conflito, pois Mardoqueu não quer se ajoelhar diante de Amã. Dessa forma, Amã, planeja destruir todos os judeus. Ester é quem faz a intervenção e os judeus se defendem através da ordem de Assuero. Esta festa ficou conhecida como o Purim.

Os relatos do livro não aconteceram realmente ou pelo menos como nos coloca Sandro Gallazzi (1987) da forma exata como nos apresenta o livro. Isto fica comprovado pelo fato dos nomes Vasti ou Ester nunca fazerem parte da história dos persas. E também é improvável que os judeus tivessem exterminado 75.000 homens, e ainda que o rei tivesse autorizado o extermínio dos judeus, pois esse era favorável a este povo. O aspecto dramático dá à narração uma característica de romance pelos seus contrastes e suspense. Não significa que seja mentira, pois a preocupação é animar a caminhada e a fé do povo. A verdade não é fato, mas uma resposta ao povo.

Os judeus, politicamente, não passavam de pequenos grupos e não possuíam nada contra o imperador. Mardoqueu, que era judeu, denuncia em 2,22 um complô contra o rei. Ester, dentro de uma perspectiva ideológica e religiosa do grupo, tem que agir para o feitio da justiça.

No início do livro encontram-se destacados três elementos de denominação: o banquete, o decreto e a casa das mulheres. No banquete que é oferecido aos poderosos, mostra

sua grandeza de rei. O decreto assume desde a bebida até a escolha de mulheres. A casa das mulheres serve para mostrar o poder financeiro do rei. A mulher é arrancada de sua família, tornando-se objeto sexual do rei.

Vasti, a primeira rainha de Assuero, recusa-se a cumprir a sua ordem e assim o reino é ameaçado por uma possível revolta das mulheres. Isso nos é mostrado em 1,12-18. A fraqueza do rei por Vasti deve ser evitada, então se escolhe outra mulher para ele: Ester. Essa o agrada e acaba tornando-se rainha.

Seus banquetes são símbolos de dominação: o poder militar, a aristocracia (nobres e grandes) e o administrativo (chefe de províncias). Todos ajudam o rei a controlar o império. O segundo banquete é para o povo e o terceiro é para as mulheres, e quando quer demonstrar seu poder, exhibe sua rainha Vasti; esta o desobedece, estragando a imagem que o rei desejava projetar. O objetivo dele era mostrar a sua beleza e sua autoridade. Vasti se recusa a aparecer no banquete, portanto ela é uma mulher que foge aos padrões sociais da época. Uma mulher, na pessoa da rainha, ridiculariza o rei e o seu poder. É uma das primeiras mulheres que se voltam ao sistema opressor patriarcal. Ela se recusa à vontade do rei; esse gesto é muito mais que uma agressão física.

Então, todos os poderes: ideológico (astrólogos), jurídico e o político juntam-se para eliminar a subversiva Vasti, aquela que não conhece o poder do rei. No capítulo 1,17 do livro de Ester podemos observar “Pois a conduta da rainha chegará ao conhecimento de todas as mulheres, que olharão seus maridos com desprezo [...]”. Notamos que a preocupação é com reação das outras mulheres do reino e assim finaliza, quando pedem o afastamento da rainha. No livro 1,20 temos “Então todas as mulheres honrarão os seus senhores (maridos), tanto os grandes quanto os pequenos”. A preocupação é com a reação feminina e o que isso pode acarretar aos homens. Ela passa a ser um exemplo perigoso para as outras mulheres. Gallazzi (1987) ainda coloca que mesmo o rei gostando muito de Vasti, não seria, de acordo com o poder exercido por ele, conveniente ficar com ela.

Um de seus assessores, Mamucã, teme que se desencadeie uma revolta feminina. Assim, verificamos a dominação das instituições, inclusive da família. A ordem exige que o marido domine sua casa, assim como o rei manda em seu povo. A ação de Vasti pode provocar não só a queda da casa do rei, mas também de seu reinado. Vasti é afastada e nos afirma Gallazzi “uma melhor que ela deve ser colocada em seu lugar” (Est 1,19 apud GALLAZZI, 1987, p. 28).

O decreto é então baixado e busca-se uma esposa para o rei. É necessário que obedeçam às suas ordens. E também para fortalecer o sistema masculino e dominação, a lei ainda coloca que em todas as casas, o homem seja seu dono e governe o seu povo. Sugere a mulher como objeto, pois o homem é seu dono. Ele é o rei de sua casa. uma vez a demonstração do poder total e dominador de Assuero. Gallazzi (1987, p. 39) ainda afirma que “a mulher não tem mesmo nenhum valor como pessoa aos olhos do rei e de seus cortesões”.

A consideração da mulher se dá única e exclusivamente pelo seu físico e sua sensualidade. A nova rainha servirá para acabar com a solidão do rei, será mais um objeto em suas mãos. Mardoqueu, judeu, tomou Ester como filha com a morte dos pais. Estava longe de seu país, pois havia sido deportado. Ester, além de ser órfã, possui a sua única riqueza que é o carinho do tio. Ester assumirá ao longo do livro o papel central da história. Linda e mulher. O que começa a contar não é mais a força do homem, com projetos, estruturas e organizações. São consideradas fracas e seria isto que as faria lindas. Será através dela que a esperança e as raízes serão descobertas, pois salvará seu povo do extermínio. Nesta história é interessante observamos que o aspecto físico vale mais que a sabedoria dos sábios. Gallazzi (1987) afirma que a beleza simboliza a pobreza.

Ester, quando tomada pelo rei, não resiste e nem fala de sua origem, mas continua obedecendo ao seu pai de criação. Nesse ponto, Assuero não terá domínio sobre ela. Mesmo sendo possuída por ele, Mardoqueu ainda é sua autoridade. Ter mulheres para o rei, significa

estar no alto da sociedade, mostrando seu poder aquisitivo. A mulher, que está na casa das mulheres do rei, não passa de um simples bem seu.

Quando é chamada na presença do rei, passa depois a ser quase uma viúva, pois não sabe quando será chamada novamente à presença do mesmo. É como uma espécie de *coleção feminina* e que talvez, lembre-se de seu nome novamente e a queira. Nada lhe faltará, somente a liberdade.

Assim, Gallazzi (1987) afirma que dentro da literatura bíblica do pós-exílio, que é o caso de Ester, a mulher representa a resistência, e luta contra o sistema. Ester e Rute representam a queda do esquema da pirâmide social que reduzia a mulher a objeto. No capítulo 2,18 Ester é tida como algo novo que entra no palácio do rei.

Gallazzi (1987) afirma que é neste momento que ela alcança maior drama interior, pois obedecer a quem? Notamos que Ester assume uma potencialização, porém, ainda assim é uma obediência. Ela possui certo poder como rainha, mas deve obedecer ou ao rei Assuero ou a Mardoqueu. Duas leis entram em contraposição: a de Deus e a do rei. Ela pode ser cúmplice da morte de seu povo de arriscar sua própria vida.

Ester sabe que como mulher já não mais atrai o rei como antes e Mardoqueu que antes a impediu de revelar qual a sua origem, agora ordena o contrário.

É nesta parte da narrativa que Ester assume sua verdadeira posição: rainha. Torna-se rainha pela liberdade dos judeus. Quando Assuero ordena que os judeus se defendam de seus soldados, alegando que o que foi publicado não pode ser indeferido. Assim, todo o controle da situação fica sob a tutela de Ester. Assuero e Ester são duas forças opostas. Tanto ela como Mardoqueu só se ajoelham perante Javé. Os papéis agora se invertem, quem comanda a ação é Ester. As ações se iniciam com os banquetes. No último banquete 5,5a, Ester dá sua ordem: salvar o povo judeu.

O Rei se apressa em obedecer bem como o primeiro ministro. O rei agora obedece a rainha; há uma inversão de valores. Ester também se diferencia de Vasti, a primeira rainha,

que segundo Gallazzi (1987) foi convidada pelo rei e o desobedeceu. Já Ester o convida e ele obedece-a.

Ainda observamos que a mulher é a representante e defensora da vida. Quem luta pelo povo neste momento e assume sua causa é uma mulher: Ester. Mesmo sendo marginalizada e oprimida não renuncia em favor da vida.

Sendo mulher, aceita sua realidade e juntamente com Deus, assume a defesa da vida. A mulher Ester assume seu papel definitivo como defensora, sem instintos políticos ou de poder. A mulher assume um papel simbólico: representar o povo e resistir pela vida. Vasti denuncia o tiranismo, a opressão que destrói a vida (1,12), então Ester se propõe a morrer para que seu povo viva (4,16).

3.3.3 Judite

No livro de Judite não aparece nenhuma referência precisa quanto à redação do livro. Sandro Gallazzi e Ana Maria Rizzante (2001) nos colocam que a época é desde Artaxerxes II, aproximadamente 360 a.C, até mais ou menos 100 a.C. O próprio texto não deixa claro o momento histórico e também é o modelo de vida do povo israelita. A forma como foi escrito, o uso e conexão das palavras nos mostram a época. Há o confronto direto contra o imperialismo, além da deflagração da guerra que dominava terras e mercados; isso tudo provocava e exigia reflexão e isso se dava através da produção de textos significativos.

E para o contexto histórico, as afirmações obtidas no livro nos demonstram a política, a sociedade, econômico e cultural, além da ideologia e da religiosidade. A origem do livro de Judite, conforme Gallazzi e Rizzante (2001) é uma tomada de posição diante das crises, conflitos e dúvidas dentro daquele contexto e momento histórico. Também possui um projeto de sociedade.

Dentro do histórico, Nabucodonosor, que é o grande inimigo, reúne muitos impérios e isto, o seu poder de conquista, faz com que se confronte com Israel e Judá. Ele invade a Babilônia, alia-se aos persas e conquista o Egito. Esse livro coloca em evidência o coletivo, demonstrando o mal como elemento personificado que fora implantado um sistema de dominação e de opressão.

Tanto Judite quanto Nabucodonosor são pessoas coletivas e lutam por conquistas, embora bem diferenciadas. Além disso, ela, mulher e samaritana, nada poderia esperar-se de bom. O livro questiona a estrutura social e política, além de demonstrar a preocupação do povo com o Santuário.

O protagonismo feminino é ainda mais evidenciado se destacarmos a dominação a que eram submetidas às mulheres da época. Havia conceitos e práticas de pureza e impureza, assim sendo, a mulher era vítima, chegando a ser equiparada com os doentes. A menstruação, parto, relação sexual eram fontes de impureza para a mulher e se entrasse em contato com outras pessoas sem uma *purificação* (sacrifício) contaminaria a outros. Aceito a informação de Gallazzi e Rizzante (2001) que coloca a mulher, nessa sociedade, como considerada e considerando-se ser inferior ao homem, e seus papéis eram de segundo nível tanto na sinagoga quanto na sociedade em geral.

O texto Eclesiástico chega até a considerar a mulher uma realidade quase maligna. Veja-se bem, a mulher, com as mesmas funções vitais que o homem, ou até mais, pela geração, era colocada como subserviente e de serviço. Fica claro que foi imposição social. O homem ocupava o centro da casa e de todas as relações sociais enquanto a mulher era considerada leviana, fonte de desassossego e confusão.

Os autores acima ainda observam que a geração de filhos na época era para suprir a busca da mão-de-obra para o mercado, consideradas *puras* quando grávidas. Verificamos também a condição clara e de subordinação em todos os segmentos vitais e sociais a qual a

mulher era moldada. O livro de Judite não pode dispensar em sua leitura, o social. Ela revoluciona por ser mulher, viúva e sem filhos: triplamente impura. Mas é ela quem lidera num movimento de pré-dominância, na qual os homens apenas oram e esperam.

Judite, (que vem com a apresentação de toda a sua genealogia) com sua fé, questiona a visão sacrificial do templo e toma a iniciativa. Devemos nos lembrar que ela é viúva, não possui filhos e é mulher, mas dona de uma grande beleza. E essa é quem derrotará Holofernes. Ela se apresenta, ilude, engana, seduz e mata. Com isso ela recupera a liberdade dos seus que lutam com coragem contra os inimigos. O povo derrota a hierocracia com as próprias mãos, sem ficar somente esperando e achando que as coisas acontecem por sina. Assim, foi a mão de uma mulher que reconduziu o povo, que o fez achar e seguir seu caminho novamente.

Judite montou uma tenda no terraço da casa de Manassés, jejuava e usa roupas de saco com um manto de luto por cima. A sua tenda não foi mencionada por acaso. Foi também num quarto superior que Elias ressuscitou o filho da viúva (1 Rs 17,19). Esse *quarto superior* é sinal de defesa e de amparo.

Judite acredita que cada um tem que fazer sua parte, então convoca os dirigentes para sua casa. Judite ainda tem uma serva. São duas mulheres. Os dirigentes vão à sua casa e mais tarde Joaquim, o sumo sacerdote.

Gallazzi e Rizzante (2001) observam que ela se assemelha a Débora (Jz 4,6) quando chama as autoridades e censura sua posição. Judite coloca que eles tentaram contra Deus. Afirma ainda que não há pecado, ou pelo menos não um que justifique esse sofrimento. A partir de sua teologia, lança mão de sua certeza que passa a ser inquestionável; é que se não forem capazes de fazer nada, serão responsáveis pela morte, devastação e profanação.

Ozias reconhece tudo o que disse Judite, mas perante o povo não pode voltar atrás, pois colocará em discussão sua autoridade, ou seja, ele não abre mão de sua proposta. É ela quem deve se adequar. Poderíamos até questionar o tipo de líder que seria Ozias, em não querer rever e procurar o melhor para seu povo. Judite assume a responsabilidade usando: eu,

agora, agir. Ozias não é mais referência para Judite, pois quiseram apenas salvar sua autoridade, e ainda mais por que escutar uma viúva, sem filhos e ainda mais mulher?! Não será uma questão de rever decisões, mas acatar uma boa advinda de uma mulher. Ozias e os outros chefes vão ter que ficar à porta da cidade, e é lá que se comunicam as decisões, porém neste momento, nesta noite nada é decidido. Serão eles e o povo, meros espectadores.

É a história de uma mulher e de tantas outras, oprimidas e marginalizadas, pela lei. Concordo plenamente com Gallazzi e Rizzante (2001) quando colocam que Holofernes marginaliza com sua arrogância e os anciões com sua falsa sabedoria. Judite é corajosa e assume isso. Assume com Ester o seu lado pelos pobres. Ela carrega consigo uma força revolucionária, motiva também a ação libertadora. Isso tudo se dá através da aparente fragilidade de uma mulher viúva. Esse conflito consegue fazer Judite enxergar que Deus é guerreiro e solidário com as mulheres, humilhados e oprimidos.

Também Ester faz o mesmo para cativar o rei, enfeita-se (Est 5,1). Gallazzi e Rizzante (2001) nos colocam que estes atos são polêmicos, conflitantes e não são de simples coincidência. A questão é óbvia quando tratamos da mulher: dentro de uma legislação sacral, ela é considerada impura e está sujeita do homem por esse prisma e ainda mais, pelo social. Nessa literatura a qual nos referimos agora, é justamente por ter corpo de mulher que essa tríade consegue trazer liberdade e salvação aos seus (família ou povo).

Judite é controladora do seu corpo e de sua sensualidade e diferentemente de Dina (Gn 34,2) que foi estuprada por Siquém, mesmo que esse afirmasse posteriormente que a amava e queria se casar. Ele a toma como se fosse *coisa* que se pega e se quer. Dina perdeu o controle de seu corpo no momento do estupro. É esse um ato de violência e difícil de acreditar mas citando ainda os autores acima, é de se concordar que provavelmente e muito, ainda hoje, se pense que foi a mulher quem deve ter provocado o homem.

Tentemos imaginar, com tudo isso, mais a ignorância dos anciões e dos chefes da cidade. Judite sendo usada, de certo modo até estranho para aquela época, e que Gallazzi e

Rizzante (2001) afirmam que tradutores e comentaristas buscaram esconder esta parte da beleza e do uso da sedução. Vejamos a que ponto chega o machismo, mesmo dentro de escritos de época e literários.

O corpo de Dina foi profanado por Siquém e Judite usará o seu para matar. Os anciões estavam na porta da cidade, local este de tomada de decisões. Os chefes são os que admiram primeiramente a beleza de Judite, e também abençoam. Porém, o que ela fará não é de responsabilidade só dela e sim de todos.

Judite começa a falar de Deus aos soldados como se fosse a imagem e semelhança de Nabucodonosor, faz das palavras de Aquior as suas, mas desta vez o general não se ofende como da primeira vez em que mandou o profeta para Betúlia. Judite neste momento demonstra-se aliada e profetiza de Holofernes colocando Deus como responsável do êxito da conquista. E ainda afirma para o general que ele não é somente o servo de Nabucodonosor, mas também serve para guiar. Insinua que Deus o quer como sua manifestação na terra, e não Nabucodonosor.

Percebemos que o general aos poucos vai sendo ludibriado pela esperteza de uma mulher que se esconde atrás da beleza, à qual serve como elemento referencial de despistar as reais intenções de Judite. É a sua mão de mulher que concretiza e reafirma a realização do plano de Deus.

Consegue ainda permissão para sair de noite e ir a direção a Betúlia, para se recolher em oração e purificar-se na fonte. Momento este em que os soldados deixavam livre a fonte. Isso se dá no capítulo 7,7. Quando isso acontece Judite toma de volta à fonte e durante três dias ela procede da mesma forma.

Em 12,10-20, Holofernes não esconde mais que quer e deseja Judite sexualmente. Para ele já é uma questão de honra, pois faz parte do exército, neste momento, possui essa mulher hebréia. Ele será ridicularizado se não atraí-la e ainda mais se tratando de uma mulher. O acampamento todo espera que o macho possua a fêmea.

Judite e Holofernes ficam a sós. Judite poderia ter cativado o seu coração e tê-lo convencido a abandonar seu plano de destruição, mas agarra seus cabelos, num gesto de dominação de vingança e o véu que guardava intimidade da cama do general é arrancado para envolver-lhe a cabeça. Após isso, sai e vai para fonte sem levantar suspeita. Só que desta vez vai até Betúlia.

Judite levou consigo a cabeça de Holofernes a qual foi suspensa nos muros da cidade e isto provocou a fuga e pânico dos inimigos. Percebemos claramente que a liberdade é uma busca. E foi uma mulher que envergonhou o exército e a Nabucodonosor. A iniciativa de Judite serviu para animar a todos, os habitantes enfrentam os soldados.

A casa de Judite (corpo) é a glória, o orgulho e a exaltação do povo. Ao final quem fica é Judite e o povo, e não se fala mais em Joaquim, o Sumo Sacerdote e Ozias o chefe do povo. E em 15,12-13 todas as mulheres de Israel dançam e celebram e Judite é quem abre caminho. Foi pela mão de uma mulher que o exército foi confundido.

No final do livro de Judite a proclamação de liberdade do povo, e para isso é necessário alcançar as relações mais íntimas e pessoais do ser humano bem como as relações sociais, políticas e econômicas. Em Eclesiástico 25, 24; 42,14 (2001 apud GALLAZZI; RIZZANTE, 2001, p. 142) que foi escrito vinte anos antes, afirmava a universalidade da culpa e da maldade da mulher: “Foi pela mulher que o pecado começou, e é por causa dela que todos nós morremos [...]. É preferível a maldade do homem à bondade da mulher”.

Com a afirmação acima, o não casamento de Judite é polêmico, pois uma mulher sozinha pode ser considerada boa, ao passo que um homem não. Quando Judite morre, não é sua família que chora, mas sim o povo todo de Israel e por sete dias. Não há lamento, mas saudade de sua fé e de sua coragem que garantiram a vida do povo.

3.3.4 Eva

E dando continuidade às nossas mulheres bíblicas, nos deteremos agora em Eva. Ela será ligada à idéia de que a natureza da mulher a leva a pecar. Eva sempre esteve ligada ao pecado. Étienne de Fougères (1174 apud DUBY, 2001) afirma que o ódio e a ociosidade nascem das damas e ainda que as mulheres desviam o curso das coisas, portanto interpõem-se na divindade. Todas as mulheres são mais ou menos feiticeiras, pela maquiagem, culinária e pastas depilatórias que falseiam suas aparências corporais, sendo assim enganadoras. Isso tudo aproximadamente entre 1174 e 1178 em seu *Livre des Manières* (livro das maneiras). Tudo isso era considerado falta venial (não era pecado mortal).

E as mulheres, as quais os pais ou irmãos não entregavam em casamento, não eram dóceis a estes, e muitas vezes, ainda hostis ao macho a quem eram concedidas. As mulheres eram, dessa forma, rebeldes. É notório que esse homem da Igreja via e percebia a mulher como uma ameaça. O desejo que as consome leva-as ao adultério e à luxúria, inclusive com lacaios e são consideradas por eles, como cadelas.

E nesse ínterim Eva foi considerada traidora, segundo Étienne (1174 apud DUBY, 2001), pois ela convenceu Adão a provar o fruto proibido. Temos então, de forma bem clara e direta, o moralismo e machismo social e religioso. A mulher era acusada também de feitiços com mênstruos e ervas afrodisíacas, sendo acusadas de matarem seus filhos. A mulher é colocada com um ser que porta a morte. E isto tudo é porque a mulher é mulher. E ela é considerada passiva no ato conjugal, o homem é seu chefe. Assim foi com Eva. A sexualidade era controle restrito da Igreja, portanto capaz de subjugar-las.

Digamos que Eva foi o eixo norteador para impor o casamento e a consciência feminina, era necessária uma tutela masculina para que a mulher não se desviasse de seu caminho, como aconteceu com a mulher de Adão. No casamento, desde o princípio, eram

colocadas e de forma clara as obrigações da mulher. Do fato de Eva ter sido criada da costela de Adão, possui-se até hoje piadinhas e más interpretações que furtivam a real habilidade e destino da narrativa. As mulheres, para Étienne de Fougères (1174 apud DUBY, 2001), devem ser ou tornar-se modernas pela sua própria condição feminina.

A Igreja apresenta para a sociedade a dama perfeita, vista e apresentada unilateralmente. Esta é uma forma de conduzir, moldar e subordinar a mulher. Isso deveria servir para afastar a maldição que vinha de longe, desde a criação do mundo, em Gênesis, com Eva. Ela está intrinsecamente ligada à persuasão do pecado da carne.

E em tratando-se de Eva, Georges Duby (2001) afirma que ela é uma heroína de uma história contada em palavras e imagens no livro de Gênesis. É nesse livro que encontramos toda a fundação da ordem moral e social que cabe e complete o ser humano.

Adão, quando interrogado por Deus, coloca a culpa em Eva que segundo Duby (2001, p. 46) “foi a mulher que associaste a mim. Ela me deu da árvore e comi dela”. A penalidade se dá na seqüência: serpente, mulher e homem. A mulher recebe as dores do parto e ao poder do marido e ao homem o trabalho para o seu sustento. Foram expulsos do paraíso (Éden) para que não comessem do fruto da árvore da vida.

O homem é considerado intermediário entre Deus e a sabedoria, a quem obedece e a mulher deve ser comandada por ele. A substância de Eva não difere da de Adão, mas é considerada menos racional. Inclusive cite-se aqui para que havia a necessidade da mulher se não para procriar? Ou então para explorar o Éden? Percebemos a que ponto chega a influência interpretativa e desconexão com a real condição da mulher, que carregou e ainda carrega essas contradições tidas de interpretações equivocadas e que se busca hoje correr atrás do prejuízo, se é que assim podemos considerar.

A cena da tentação no livro do Gênesis segundo Duby (2001, p. 54) envolve três personagens: a serpente, Eva e Adão e ainda não se fala tanto da serpente, mas muito da

mulher por ter desobedecido. Santo Agostinho conclui que ela fez isso pela cobiça e pelo orgulho. Ainda, a serpente sugere o prazer, a sexualidade; e a razão consente.

Raban Maur (2001 apud DUBY, 2001) ainda faz a relação de que Eva foi levada à morte pelos olhos, portanto, submeteu-se ao prazer. Adão foi vencido pelo prazer em seu espírito. Dessa forma o homem está proibido de olhar a mulher, que passa a ser proibida. Deus criou o homem reto e o que foi a mulher senão em ser instável, curioso e sensual? Para Robert (2001 apud DUBY, 2001) Eva acreditou na serpente, por ser uma voz divinal, foi apanhada por um discurso falacioso.

Portanto, seria a mulher frívola e enganadora, por ser Eva deformadora do mandamento, deu o fruto ao seu homem. Para ele, ela obrigou Adão a obedecer-lhe, sendo assim abusiva e intolerável. Já sabemos que a interpretação não pode ser considerada desta forma, mas Eva é considerada pecadora duas vezes: contra Deus e contra o homem e obteve dupla pena: dor física e sujeição ao masculino.

Percebemos que a questão é bem complexa, pois as interpretações dentro da Igreja tomam reinos que deixam marcas sociais profundas na vida feminina. Do homem são ausentadas de toda e qualquer culpa. E é por isso que em muitas religiões as mulheres ocultam até mesmo a cabeça, para taparem seus ardores. É de se perceber que há várias acusações contra os defeitos da natureza feminina e logicamente os homens criam as vítimas.

E Abelardo (2001 apud DUBY, 2001) ainda faz a observação de que a mulher não passaria de um simulacro do homem, portanto é o homem o ser perfeito e que chega mais próximo a Deus. O homem possui mais sabedoria e dignidade, por isso a mulher é dirigida por ele: a serpente seduziu a mulher e não a ele. Adão aceitou a maçã por amor, e tinha amado mais a Deus que Eva. Ora, ele não foi seduzido e nem perdeu a razão, mas Eva é acusada de orgulho e ainda no século XII, e o pecado estaria mais na mulher do que no homem e a leviandade tende a prevalecer mais na mulher que no homem. As mudanças lentamente

começam a ocorrer. As críticas já não são tão duras, se é que podemos dizer isto, mas ainda fica claro que Eva foi a culpada pela queda do homem do paraíso.

Mas Higes de Saint-Victor e Pierre de Mangeur (2001 apud DUBY, 2001, p. 61) fazem colocações significativas além de referências ao Êxodo: “A maldita é a estéril?” A mulher é muito mais punida pela fecundação do que pelo aborto. Ainda André (2001 apud DUBY, 2001, p. 62) afirma que “engravidar uma mulher é uma felicidade. Sofre-se ao conceber? Antes se goza, e muito”.

Temos vários contrapontos a serem analisados, mas podemos chegar a uma e breve conclusão neste momento: as opiniões começam a se dividir. Para uns ela é maldita, e para outros, abençoada. Maria e Eva foram mulheres. Em que diferem? Uma foi escolhida e outra não, uma pecou e outra não? Mas, quais princípios e teses são aplicados para desfavorecimento intelectual, social e corporal femininos? Vejamos que não é opinião suprema, mas divergente.

É obvio que apóiam suas intenções nas leituras de textos bíblicos. Elas são a sustentação de padres e estudiosos. Como são os homens que dominam, preocupam-se em ajudá-los. Mas, de acordo com todo esses homens Robert, Saint-Victor, Pierre le Mangeur (2001 apud DUBY, 2001) o que era o fruto proibido? Eles sabem o que é ser tentado e se enchem de compaixão para com Adão. Então a tendência é diminuir a culpa de Adão, mas onde está a representante feminina para também ter complacência do outro lado e equilibrar a balança?

Percebemos bem aqui, a quem serviam todos esses documentos, observações e interpretações com respaldo de certos elementos sociais. É para que o homem se proteja do ataque das mulheres, o casamento foi instituído no Éden, e apenas a procriação desculpa os prazeres da sexualidade; ainda há considerações na própria Escritura que são elementos de discórdia.

Dessa forma, era melhor que o homem, que nada sabia e conhecia sobre a mulher, ficasse sob sua tutela e que também não exercesse o poder público, pois sua natureza poderia dominá-la. E para isso, só se se tornasse homem, pois a conversão então era a mudança de sexo. Para estar no poder, conselho e força são necessários, e que acreditava a mulher não ter, justamente pela interpretação feita de Eva e pela Igreja ser extremamente machista. Havia a forte convicção de que a mulher deveria masculinizar-se. E os conventos femininos serviam para resguardar as noivas de uma defloração acidental, para honrarem suas famílias e às religiosas, são inspiradas para a aversão ao casamento.

Adam de Perseigne (2001 apud DUBY, 2001) ainda afirma que as mulheres ao final do século III eram transformadas em corpo feminino deflagrado e deturpado, sendo imagem apenas de vaidade, necessitando de um senhor para ser seu agente. O corpo deve ser mortificado, pois não devem ser medíocres como Eva. Devem rejeitar a tudo e escolher Maria como sua protetora e resistindo ao desejo condenável a que Eva foi subjugada. Os homens da Igreja chegavam a considerar a mulher, o seu corpo como *vaso de excrementos*.

Ainda referindo-nos a Étienne de Faugeres (1174 apud DUBY, 2001) Eva foi criada para que Adão não caísse na luxúria e que a mulher seria apenas para saciar sua libido. Os homens da Igreja têm medo do sexo das mulheres, pois as culpam até da perda da virgindade dos moços. São elas que lhes oferecem a maçã. Humbert (2001 apud DUBY, 2001) coloca pensamentos semelhantes ao de Étienne ou Adam, a mulher atual é associada à Eva, portanto, ao pecado, como se a mulher, seu ser, se resumisse apenas nisso. É ela quem incita os homens a gozar, oferecendo-lhes o fruto proibido representado pela maçã.

A mulher seria então incapaz de responder ao amor de um homem, pois não possui serventia. As mulheres devem ser guiadas e controladas, como já foi dito antes, para que não cometa mais uma vez a queda de Eva e não levem o homem junto, cedido à sua tentação. Há sempre meios de associação da mulher com Eva e maneiras de como ela deve se diferenciar e distanciar-se da mesma buscando a santificação. Para isso é necessária a

nulidade do corpo e da negação de sua própria feminilidade. Somos consideradas frias enquanto os homens, naturais.

A realidade é que houve e ainda há desprezo dos homens pelo lado histórico dos fatos. Fortes e felizes, mas tentam nos enfraquecer de todas as formas até pela angústia do pecado que é imposto às mulheres, normas de conduta, consideração inferior, sem liberdade e até tirando sua feminilidade. Isso se deve ao fato de que Eva ao mesmo passo que atraía também amedrontava. Afastavam, maltratavam e zombavam do feminino, pois se consideravam certos a respeito de sua teimosia e *superioridade* natural. Mas até que ponto isto ainda pode ser considerado?

Aceitamos ser a Eva deles ou somos a nossa Eva? Eva possui sua feminilidade assim como Maria, mas as mulheres não expressam essas mulheres bíblicas. O motivo? Talvez, masculinização feminina dentro e fora, antes e depois da Bíblia e da sociedade. Imposição?!? Eva serve de condutora para a mulher.

3.3.5 Maria

Com todas essas atitudes e posições religiosas sobre a mulher, é ela mesma, a Igreja, que busca uma nova verdade para tal fato. E dentro disso encontramos muitos teólogos que se propõem e fazem a teologia da libertação, enquanto outros a consideravam inútil e sem motivos de realização e acontecimento. Quando se toca nesse assunto, as pessoas que trabalham e estudam essa teologia são vítimas de desdém e consideradas incompetentes, ainda mais se forem mulheres. O preconceito ainda não acabou.

E em se tratando de Maria, podemos até considerá-la muito próxima a Eva, pois se encontra marginalizada. A Igreja demorou séculos para que aceitasse o seu culto, porque afinal

de contas, era mulher. E qual era a sua relação com a divindade para que alcançasse tal grau de destaque religioso? O medo dos clérigos era que o povo cultuasse muito mais Maria a Deus ou Cristo. Há lógica machista nisso, mas não no que se propõe a Igreja: valorizar o oprimido. A mulher ocupou e de certa forma ainda ocupa o lado marginal cristão, pois Eva nos deu o pecado, Maria deu-nos a redenção. Uma mão lava a outra: nada mais que pura obrigação.

Boff (1979 apud PAIVA, 1990) afirma que como a divinização deu-se em Cristo, a criação continuou com a mulher. A revelação se deu no sistema patriarcal e os padrões e condicionamentos socioculturais eram masculinos. A Bíblia é masculina, com lições moralizantes. A mulher não passa de ajudante do homem.

Muitas pessoas assim como Boff procuram dar uma nova visão à Bíblia, tirar as interpretações patriarcalistas e que muitas vezes chegaram até a mudar o texto original por pensamentos e posicionamentos machistas. O Cântico dos Cânticos foi um dos livros que demorou a entrar na Bíblia pela descrição do ato sexual, isso poderia ser provocação ao povo que lesse, tornando-se um estímulo. A mulher é marginalizada e por não necessitar da circuncisão, por ser uma questão biológica, era considerada impura, sendo assim, remetida mais uma vez a Eva.

Boff (1979 apud PAIVA, 1990) ainda considera Cristo um feminista, pois teve e permitiu a presença da mulher ao seu lado. Ele quebra tabus quando mantém amizade com Marta e Maria (Lc 10,38), conversa com a samaritana (João 4,27), defende a adúltera contra a lei daquela época (João 7,53-8,10).

Ainda encontramos a afirmação de Garcia (1983 apud PAIVA, 1990) de que havia um culto à Virgem Maria e que mais tarde seria considerado herético pela Igreja. Tanto a Imaculada Conceição quanto a Assunção da Virgem Maria só foram elevadas como merecedoras do reconhecimento da fé cristã em 1854 e 1950, na ordem.

Boff (1979 apud PAIVA, 1990) ainda afirma que é dentro dessa ideologia que Maria é interpretada; não é considerada como mulher libertadora, mas alguém que vive

sempre em função de Jesus, sendo tapada por ele. As mulheres sempre estiveram presentes na vida de Jesus. É por Maria que Cristo entra no mundo. São as mulheres que permanecem ao pé da cruz, são as primeiras a tomarem conhecimento sobre a ressurreição através de Maria Madalena. A mulher, muitas vezes, tem seu lado ocultado, pois pouco se fala na sua importância dentro da ressurreição.

Com a maternidade, Maria quase se livra do pecado atribuído por Eva, e a mulher é condicionada a ter filhos e pensar que estes reduzem a culpa de sua alma. E ainda, consideramos que Maria, no Proto-Evangelho de Tiago (2001), mesmo sendo mulher, fôra deixada com os sacerdotes para auxiliá-los, e quando menstrua, sua guarda é deixada a um homem de aproximadamente 90 anos, por não representar perigo à honra de Maria.

Maria é considerada um exemplo encorajador de muitas mulheres. É na humildade que se torna eficiente, assim concretiza sua potencialidade amorosa, portanto, de salvação. Sendo cooperadora da Redenção, assume um significado específico. Felipe Aquino (2000) nos coloca que em união com Cristo, submetida a Ele, colaborou pela salvação da humanidade. Por isso, Maria é considerada nova Eva. Existe uma relação de compensação que não deixa a mulher livrar-se dessa estigmatização: Maria só veio para redimir Eva e a mulher sempre está associada à Eva, pelo pecado, ou cobrada para ser como Maria: humilde, submissa e co-redentora.

É então, Maria, uma idealização da feminilidade, sugerida, pura e sem pecado. Sua virgindade é o que a separa das outras mulheres. Sua associação, segundo Qualls-Corbett (1990) é com o filho e não como esposa. Maria, de acordo com Autran (1992), alcança as dimensões da espiritualidade dos pobres de Javé. Pobreza, serviço, temor a Deus, consciência da própria fragilidade, senso de justiça, solidariedade ao povo de Deus entre outros.

No Evangelho de Marcos, Maria apenas é colocada de maneira sutil, como se não houvesse vicissitude suficiente para falar de Maria. Já em São Paulo, Maria é ela vinculatório da redenção à humanidade. Autran (1992) ainda cita que Maria aparece precedida de quatro

mulheres: Tamar, Raab, Rute e a mulher de Urias que foram tidas como exemplo de modelo de fé. E ainda, Jesus provém dela, mas é um consentimento passivo, pois *gerar* aplicava-se somente a homens. Em Mateus, Maria, apesar de não ser protagonista, ela participa.

Maria é bendita pela maternidade de Jesus e sua santidade pessoal (confiança tida em Deus). É chamada de bem-aventurada pela sua fé. Quando vive o sofrimento no calvário, é sua presença de fé que a caracteriza e dava-lhe ânimo.

Essa interpretação (Apocalipse 12) também nos remete ao significado primário da mulher, seu coletivo dentro do simbolismo pela antiga literatura judaica. Ainda, poderia ser Maria, sendo representada como a Mãe do Messias, e celebrar Cristo nas dificuldades. A mulher é a mãe do filho varão, sempre de uma maneira coletiva e não individual. A mulher é a personificação do povo eleito. Não seria Maria segundo H. Rahner e Muller (1992 apud AUTRAN, 1992) o refúgio no deserto e a Segunda posteridade? É a representação da Igreja do povo de Deus.

É de notável importância os valores e preconceitos que acercam a mulher, pois como afirma Cavalcanti (1993) é uma herança do Judaísmo: o Cristianismo. Maria está dentro dessa visão, apesar de ser uma tentativa de resgate feminino. Como já dito antes por Autran (1992), ela é símbolo de redenção feminina, traz harmonização. Deus coloca em Maria o princípio: Jesus. Ela, com seu sim, nutre-o até os últimos dias.

Maria, independente de como e em que circunstâncias dá seu sim, leiamos aqui a submissão de Maria, é a representação de um novo humanismo. Quando de seu sim, ela supera as restrições femininas da época, será a mãe de Jesus não com um homem comum, mas com o auxílio de Deus; ela é o elo de ligação entre o superior e o inferior – homem – Deus. Com a Anunciação, Maria, que representa o feminino, reflete a luta do novo contra o velho.

Mas, o cristianismo coloca a maternidade de Maria de forma reduzida, Deus e Cristo são vistos como a posse do masculino na criação e a mãe fica relegada a segundo plano.

Eva foi e é considerada uma simples mulher, Maria em sua obediência, pureza e na maternidade supre a potencialização feminina, mas encontra aí também sua despotencialização com Deusa – é o resgate da humanidade, e está presa ao antigo: remissão de Eva.

Cria-se uma imagem de que a mulher necessita ser protegida; perdendo assim sua essência. Segundo Beauvoir (1949) a mulher é tida de acordo com os desejos masculinos em relação ao feminino. A sociedade é regida pela lógica do mundo masculino: a mulher é inábil para o mundo. A mulher acabou incorporando esse estereótipo e seu comportamento foi moldado para os parâmetros de uma sociedade patriarcal.

Maria, como ser puro, precisa de um homem (José) para que a tutele. O potencial de Maria foi escondido pela Igreja durante séculos, amedrontada pensando ser o culto uma afronta a Deus e levando, e muito, em consideração os valores masculinos impregnados. A mulher já nasce culpada, portanto precisa levar-se do pecado (Eva), assim é necessária a ajuda de um ser masculino para que proteja a mulher do mundo impiedoso.

E, no casamento há a valorização feminina, dentro da moral cristã – a mulher foi e é conduzida pela mão masculina; e a virtude é o traço principal. Dentro do cristianismo, nos afirma Cavalcanti (1993) é clara a divisão entre corpo e alma. O corpo natureza pertence à mulher e para controlar essa natureza há a posse e o controle feminino; que muitas vezes passa da mão do pai para a do marido. Castidade e virgindade são valorizadas exercendo assim repressão da mulher. O homem deve libertar o espírito da matéria, e o exemplo dado: Maria.

Como mãe, está submissa a Deus, portanto o que mais ansiar? Constatamos e concordamos com Cavalcanti (1993) que a maternidade é uma função social. A maternidade passa a ser sua identidade: inofensiva. Se assim for, terá vida exemplar, do contrário desgraça e infortúnio. Maria, um modelo, oposta a Lilith. Se for boazinha, será recompensada, se tiver má conduta: a desgraça.

São antagônicas: Maria e Lilith. Uma representa a sociedade patriarcal e a outra a libertação e a representação da Deusa, da Grande-Mãe.

3.3.6 Lilith

Maria é o símbolo da cultura cristã, tida como modelo de obediência e submissão. Também contrapõe Eva, vindo ao auxílio da humanidade, para que as transgressões de Eva fossem redimidas. A proposta é que a mulher seja auxiliar e companheira, como Maria. Eva violou a norma, e com isso, ambos foram expulsos do Paraíso.

Ainda associada aos elementos acima está Lilith. Roberto Sicuteri (1980 apud PAIVA, 1990) afirma que seria Lilith, o mito de exclusão da primeira mulher de Adão, a qual reivindica seu prazer na relação sexual. Como já sabemos, Maria, é a negação da sexualidade, mantém-se pura, já que Eva representa a preservação do casamento; mas com exigência dos seus direitos.

Lilith, diferentemente de Eva, não foi retirada da costela de Adão, por isso pede que sua relação seja igualitária. E de acordo com os autores acima, ela é excluída e demonizada; e Eva possui maior garantia de submissão masculina:

Em Gênesis 1,26-28, há o trecho “criou-os macho e fêmea”. Num primeiro instante, considera-se que tanto Lilith quando Adão foram criados independentes. Afirma Paiva (1990) que a mitologia bíblica faz com que imaginemos Adão como ser andrógino. No Gênesis 1,28 aparece “Deus os abençoou”. Percebemos Adão e Lilith, e Eva somente a substituirá em Gênesis 2,7, pois será confeccionada de sua costela. Sicuteri (1980 apud PAIVA, 1990) ainda se refere a Lilith como um mito relativo ao demônio, feita de saliva e sangue, um espírito que teria sido deixado por Deus. E o mesmo autor afirma que a paz foi perturbada pelo questionamento da posição sexual. Lilith considerava-se dominada por ficar embaixo e na proposta da troca de posições (que representaria a sua igualdade). Adão lhe nega o pedido e assim recusa a igualdade entre os sexos. Com o afastamento de Lilith, a negação e as trevas há o desafio ao homem e ao divino.

Longe, torna-se um demônio, sendo considerada elemento de transgressão. E segundo o mito, Deus ordena que ela volte e com sua blasfêmia, a obediência passa a ser inexistente. Quando há o envio de anjos, Lilith no mar de Arábia se transforma em demônio e está cercada de criaturas perversas e acasalando-se com os diabos gerava cem demônios diários. Quando viu Eva ao lado de Adão voou para o mar Vermelho e para descarregar sua raiva, Deus mandou que fizesse isso nas crianças. E estando Adão sem mulher, do seu sêmen acidental Lilith concebeu os Lilims, isso de acordo com Koltuv (1986 apud PAIVA, 1990).

Percebemos que tanto Eva quanto Lilith são insubmissas. A igualdade e o desejo da sabedoria nos mostram as “impurezas” e por isso há a exclusão do Paraíso. Lilith é a representação da revolução feminina que luta pela igualdade perante a dominação masculina.

O mito está relacionado à tradição oral, pois sua lenda provavelmente teria sido retirada durante a transposição Jeovística, é o que nos afirma Sicuteri (1998). Lilith como instinto e pensamento, estabelece uma relação de animus e anima que servem de esclarecimento sobre a inferioridade feminina equivocada pelo homem.

Lilith, como primeira companheira de Adão, pode ser facilmente encontrada em Gênesis I. Os elementos do texto dão margem para que analisemos isto. Eva foi retirada da costela, que podemos constatar em II Gênesis. O elemento verificado (Gn II, 22-25) é o item que confirma uma primeira vez. Lilith foi vista com sangue e saliva e isto também poderia determinar uma falha na criação, de acordo com R. Jehudah (1998 apud SICUTERI, 1998) ou ainda associarmos o sangue ao período menstrual, obtendo a imagem da sexualidade reprimida.

Independente de considerarmos quando e como exatamente foi sua criação e ainda, quando de sua expulsão, o referente trabalho preocupar-se-á com a influência do mito na identificação como feminino. Lilith é carnal e Eva companheira.

A lua era elemento dominador das culturas primitivas bem como da parte religiosa. Com poderes, ditos mágicos, dominava o homem. Lilith, nas diversas traduções, é

tida e conhecida por nomes diferenciados, mas todas marcam o não, prazer corporal negado, que após o seu julgamento passa a corresponder ao ilícito. O feminino é então identificado com a morte. É a oposição ao macho. O pudor que dizem ser relativo somente à mulher, é fruto de cultura patriarcal. Se tomarmos as Amazonas e as bruxas, encontraremos nela a negação masculina dos instintos: pudor e lascívia. Circe se encontra também nesse círculo, pois leva o homem à perdição, possuindo com ele os erros. É um mistério, feminilidade que se faz a partir do próprio ventre, como uma experiência vital.

Com a era cristã, há o predomínio do homem e inferioridade da mulher. Concordamos com Sicuteri (1998) que na Idade Média a mulher será considerada perigosa. É justamente nesta época que a mulher paga um preço muito alto pela sua força instintiva. A mulher considerada bruxa, era na realidade uma Lilith renovada com os tempos. Considerada ou não bruxa, a mulher na Idade Média era alvo para os inquisidores. Acreditamos, era uma forma de oprimir mais uma vez, sua sexualidade. No documento *Malleus Maleficarum* citado em Sicuteri (1998) coloca a mulher como pecado, e aqui podemos relacionar Eva à bruxa: ambas têm que ser punidas pelos pecados provocados à humanidade. A mulher, considerada demônio feminino, só alcança sua salvação com a mãe: Maria.

Vemos três mulheres: Lilith, Eva e Maria. Maria é a submissão e remissão, Eva o pecado, e até certo ponto, na queda, submissa; e Lilith, o conflito no homem e a igualdade. O remédio para as duas primeiras era viverem a sexualidade para fins procriadores e dentro do matrimônio, pois o desejo sexual por si mesmo era considerado intolerável e o resultado de todo esse processo era medo e ódio contra as mulheres. Foi uma posição da Igreja contra a sexualidade que determinou a *criminalidade* feminina.

Lilith vivida como parte sombria, no século XIX passa a despertar a consciência feminina. Sicuteri (1998) afirma que a partir de Freud e Jung, Lilith é reconduzida ao arquétipo da grande Mãe que analisa a repressão instintiva e a censura da sexualidade.

O homem trabalha pelo amor e coloca Lilith como morte. Lilith como Lua Negra é vista como destrutiva e demoníaca e a Lua Branca é a mulher boa. Ela como Lua Negra, é a representação do psiquismo inconsciente coletivo. É também a mulher fatal, o mal. É a repressão do inconsciente tanto masculino quanto feminino.

Considerada Estranguladora Alada tornou-se conhecida mundialmente como a Mulher Devassa, a Estrangeira, bruxa estando sempre associada à serpente, cão, corujas – animais que emitem sons noturnos e rastejantes.

Koltuv (1997) nos revela que o lado feminino sombrio de Lilith se manifesta tanto em homens quanto em mulheres em seus sonhos noturnos. Era advinda da diminuição da Lua, que fora expulsa do céu; é a rejeição do feminino. Para os homens é bruxa que seduz noturnamente, e para a mulher é seu lado obscuro. Lilith assume a postura de realizadora dos desejos sexuais, num primeiro momento, de Adão, e posteriormente atormenta os mesmos em inconscientes masculinos e femininos. Essa sexualidade, de acordo com a autora acima, é obtida dias antes da menstruação, quando há o acréscimo de hormônios masculinos.

O abandono, ao qual Lilith se entrega é comum dentro da psicologia feminina. Quantas mulheres fazem trabalhos psicológicos, pois não conseguem individuar-se da força matriz patriarcal que acaba sendo mais forte, fazendo com que elas num primeiro momento, defrontem-se com esse processo para posteriormente livrarem-se da obrigação da consciência imposta pelo regime patriarcal. A fuga feminina, corpórea ou mental é o resultado da natureza da mulher que no seu íntimo, quer e necessita da cura da doença que foi provocada pelo social. A mulher sozinha pode curar-se e encontrar-se.

No Velho Testamento, com Rute, Judite, Ester entre outras há a demonstração clara da consciência feminina de seu poder de sedução. Na Bíblia encontramos detalhes de como as mulheres já citadas usavam óleos, perfumes e jóias para enfrentar e encontrar o masculino. Isso está relacionado à sedução feminina, ao seu psicológico e conseqüentemente com Lilith.

Tanto Lilith quanto Eva estavam propensas ao pecado, e a Virgem ou Maria era a representação de uma nova Eva, submissa, obediente e sem pecado; modelo do querer patriarcal. De fato, as mulheres modernas, de acordo com Koltuv (1997) podem ser consideradas filhas de Eva que possuem também o lado Lilith. Separadas, a mulher torna-se frígida e alienada se sua verdadeira sexualidade feminina, portanto Lilith é a individuação da mulher moderna.

Como já foi dito anteriormente, a mulher moderna possui Eva e Lilith consigo. Na primeira fase do ciclo é Eva quem domina, a segunda, Lilith. Se não há a concepção é Lilith que assume o domínio, mas que permanece longe do homem que permanece ao lado de sua Eva. O estar junto nada mais significa que a concretização de felicidade advinda do patriarcalismo como que só pudéssemos ser felizes ao lado de um homem que controla os ímpetos sexuais naturais.

A oposição Eva – Lilith é confirmada quando a mulher se sente dividida entre a maternidade e o profissional. Concordo com Koltuv (1997) que quando a mulher tenta equilibrar as duas situações acima, sente-se invadida por um sabor assassino, que logicamente está ligada à Lilith, e isso ocorre quando não consegue manter-se em seus deveres de mãe, que poderia ser também questionado.

A mulher é considerada como um ser meigo, lindo e sem idéias próprias devendo suprir as necessidades alheias. Então ou a mulher a expulsa ou a integra. Lilith, apresentada também como coruja, foge do sol, pois sol e lua não podem permanecer juntos nos mesmos momentos, e poderíamos até chamar de inimizade o caso da coruja com o sol. A sabedoria que pertence à mulher está adentro, a sua sensualidade, que está intrinsecamente ligada ao próprio poder.

Em relação à proteção das crianças recém-nascidas, nos quais pode despejar sua fúria, salvo o amuleto com três anjos, seriam eles os enviados encarregados de trazerem Lilith de volta ao paraíso. Estando empatados, o confronto representa o poder masculino e feminino que empatam.

Lilith, rejeitada e expulsa, possui consciência de vida, morte e renascimento. Estágios que ela mesma atravessou, portanto seu corpo instinto e sexualidade são qualidades rejeitadas. E nós, não o seríamos também? Ela é parte da mulher atual que quer se relacionar, mas até que ponto será possível dentro de sua individualidade? Lembremo-nos de que Lilith já é um grande início e conquista para as mulheres que se descobrem ao longo das décadas.

E assim, com essa parte teórica, analisaremos os dezenove poemas de Adélia Prado que foram escolhidos a partir da temática à qual se refere o trabalho: as mulheres de Adélia Prado, bíblicas e não bíblicas.

CAPÍTULO 4
O Universo Feminino em Adélia Prado

Após toda esta parte histórica e social dentro dos costumes socioculturais e religiosos, analisaremos as construções poéticas de Adélia Prado. Verificaremos a seguir alguns poemas e manifestações que incluem as condições de ser mulher, estar mulher e aprender a ser mulher dentro de uma sociedade que é denominada patriarcalista. Na literatura adeliana, percebemos o seu desejo de criar e mostrar mulheres diferentes e criadas pelo sistema cultural e social, anterior e vigente.

4.1 Seus Poemas: suas mulheres em busca de uma identidade

Seus poemas buscam, no sofrimento feminino de muitas décadas, mostrar a figura feminina e sua importância dentro de um processo de confecção da poesia: a mulher, suas conquistas, derrotas e evoluções. Adélia apresenta diferenciados tipos femininos, mas que acolhem e encobrem todos os níveis, mostrando uma mulher em cada poema e em cada significado. A mulher, a sociedade e a realidade bíblica são constantes em seus poemas, pois considera ser ela o elo de ligação com o mundo, seja ele religioso ou sociocultural. Ambos denotam sofrimento, crescimento e rupturas.

Poderemos perceber, nas análises que se seguem, a versatilidade de escrita explorando ora a diferença ora a igualdade sociocultural e religiosa que as figuras e suas histórias demonstram. Ainda, de que forma e como as mulheres se vêem, e são consideradas dentro de um mundo culturalmente de educação machista.

4.1.1 “Enredo para um tema”

Ele me amava, mas não tinha dote,
 só os cabelos pretíssimos e uma beleza
 de príncipe de estórias encantadas.
 Não tem importância, falou a meu pai,
 se é só por isto, espere.
 Foi-se com uma bandeira
 e juntou ouro pra me comprar três vezes.
 Na volta me achou casada com D. Cristóvão.
 Estimo que sejam felizes, disse.
 O melhor do amor é a sua memória, disse meu pai.
 Demoraste tanto, que...disse D. Cristóvão.
 Só eu não disse nada,
 Nem antes, nem depois.

(PRADO, 2001, p. 91)

Neste poema, com discurso direto, a figura feminina fala do pai, do apaixonado e de D. Cristóvão. Atenua-se a subjetividade lírica dos versos.

A idealização amorosa e a ironia autoritária do pai focalizam-se em dois momentos: dote e casamento. Este deve ser com alguém que possa lhe pagar por ela: D. Cristóvão. Com esses elementos verificamos o silêncio feminino dentro de uma estrutura social patriarcal.

Essa submissão junta-se a sua fragilidade, passividade e dependência e acaba por nos demonstrar o silêncio feminino dentro de uma estrutura extremamente patriarcal, na qual ela nem ao menos foi questionada sobre sua visão ou o que achava melhor.

O masculino e o feminino se opõem determinando as diversas formas de construções sociais, parecendo-nos de primeiro momento até natural as diferenças entre feminilidade e masculinidade.

Por essa universalização (essência feminina sem mudança) acaba por sustentar o sistema sexo-gênero, sexo com conteúdos culturais, valor, hierarquia social, opressão, posição submissa da mulher-moça.

Essa opressão é denunciada no poema. Sem sentimentalismo ela denuncia a ideologia dominante do presente e exige do leitor uma posição crítica, mostrando que a mulher é mais um item de mercado, somente para compra, sem direito de manifestação de sua vontade. É como se fosse a única forma de o pai lucrar por ter uma filha, a qual perante a sociedade não era vista com grande alegria, pois suas tarefas nada representavam de lucro ao pai, sendo também inferiores.

Assim sendo, o corpo pelo qual o pai recebe o dote acaba por ser uma forma de escravização da mulher: sexo e parir. Na realidade esta figura acredita em sua inferiorização e assume isto no fim do poema, quando se refere ao seu não dizer nada. O marido é um protetor que assume as vezes do pai em sua tutela.

Observamos também que o moço apaixonado não tem nome, o que o exclui da vida desta moça, enquanto o atual marido tem já o nome de suma importância, com o título Dom Cristóvão.

Dentro desse processo de questionamento consciente e ao mesmo tempo inconsciente, a figura feminina ainda não tem coragem de se rebelar perante os fatos que norteiam sua vida de antes e de agora. Trabalha-se a diferença de papéis; cada qual com sua importância para aquele momento. Instala-se a consciência mais feminina, a compreensão e o sentido da imagem compra, venda, amor, submissão e opinião.

Cada um dos homens emite sua opinião e a sorte de uma quarta pessoa, mas a mais importante dentro de todo esse processo nada emite pois é a mulher, e de acordo com normas sociais, não era necessário que se manifestasse a respeito.

Este texto nos leva a refletir sobre o discurso patriarcal, mostrando através da figura feminina a repetição do papel social de projeção e conflitos perante a mulher. A

primeira parte verificaremos nas vozes masculinas deste texto, a segunda verificaremos na revelação e expectativa dessa figura que se manifesta muito sutilmente no final do poema.

Na busca dessa identidade feminina que se manifesta, a mulher deve espelhar o homem que lhe determinará a tarefa a ser cumprida, como é o caso do pai determinar com quem irá casar-se.

A figura fica inferiorizada pela sua condição de mulher, de sua precária sexualidade. O comportamento social exigido é aquele que mantém as mulheres sob jugo do patriarcalismo, acumulando sua inferioridade, desestimulando sua capacidade de opinar e agir, cumprindo o seu destino, sem se empenhar na busca de um espaço maior. Estilizam-se as figuras e situações para que demonstrem uma ideologia. Resgata imagens e idéias que estão na memória coletiva da sociedade.

A oposição entre masculino e feminino recai na interdependência dos sexos. Enquanto a cultura masculina ignora o particular, o feminismo descobre os fatores do problema. Desta forma, construir uma identidade dentro de um sistema patriarcal, assim com neste poema, é um processo denso e o conflito leva à própria afirmação de liberdade e conquista de espaços. Sua identidade social delimita os campos em que a mulher pode participar, bem como aqueles em que os homens podem delimitar.

Nessa compra e venda intercambiada pelo pai, ela aceita tudo de forma passiva, nem ao menos se rebela para esperar o primeiro pretendente. Não deveria sugerir e nem discutir com o pai, pois este, fruto do patriarcado, o assume.

Ao pai é mais interessante o casamento com D. Cristóvão, que pelo nome era portador de título e bens. O amor do primeiro era sensato, o do segundo monetário.

Por isso, o melhor era a memória, a não realização desse amor, pois ficaria sempre presente. D. Cristóvão se sente culpado, o “ele” estima e o pai conclui que não há necessidade de amor. Nada foi dito por ela, nem na partida, nem no casamento e nem na chegada. Apenas

no fim do poema quando ela mesma se refere ao seu não verbal, o não dizer nada, no espaço em branco é a denúncia da amordaça que se passou com a mulher ocidental.

Assim o querer manifestar-se dessa figura feminina já é o indício de que a escrita feminina de Adélia busca a identidade feminina dentro de seu papel como poetisa e mulher.

4.1.2 “Briga no beco”

Encontrei meu marido às três horas da tarde
 com uma loura oxidada.
 Tomavam guaraná e riam, os desavergonhados.
 Ataquei-os por trás com mão e palavras
 que nunca suspeitei conhecer.
 Voaram três dentes e gritei, esmurrei-os e gritei,
 gritei meu urro, a torrente dos impropérios.
 Ajuntou gente, escureceu o sol,
 a poeira adensou como cortina.
 Ele me pegava nos braços, nas pernas, na cintura,
 sem me reter, peixe-piranha, bicho pior, fêmea-ofendida,
 uivava.
 Gritei, gritei, gritei, até a cratera exaurir-se.
 Quando não pude mais fiquei rígida,
 as mãos na garganta dele, nós dois petrificados,
 eu sem tocar o chão. Quando abri os olhos,
 as mulheres abriam alas, me tocando, me pedindo graças.
 Desde então faço milagres.

(PRADO, 2001, p. 99)

Neste poema, ela, a figura feminina, não obedece ao marido, como nos propõem os princípios religiosos e bíblicos que seria a maneira de alcançar a santificação.

Quando encontra o marido com a “outra”, as relações sociais entre os sexos se rompem, ou seja, dentro de um sistema patriarcal, obediência e submissão em todas as situações. É dever da mulher ser fiel e do homem ser infiel e mostrar sua virilidade fora de casa.

As metáforas que unem ferocidade (peixe-piranha/bicho pior/fêmea ofendida/uivava) mostram Lilith agindo nessa mulher. A irritabilidade (gritar e exaurir) demonstra que força, coragem e agressividade são qualidades opostas àquelas que identificam o universo feminino dentro da sociedade, pois o desejável é a garantia da domesticação da mulher e respeito da hierarquia patriarcal (tanto sexual quanto social), sendo a mulher o pólo negativo, capaz de causar insatisfação e preconceitos se não seguir as normas determinadas.

Em relação à domesticação da mulher, abramos parênteses para lembrar que somente bichos devem ser domesticados. Temos aqui a assimilação pela figura feminina do que é pré-estabelecido (palavras que não conhecia e somente a raiva fez com que elas viessem à tona), tabus que querem camuflar a real situação por dependência e subordinação, por consentimento incutido dentro da identidade feminina, fato este que não ocorreu neste poema, pois a mulher se rebela com atos, palavras e ações.

O que concretiza a sua libertação momentânea foi, em um primeiro momento, o marido que possivelmente fora visto como homem perfeito segundo a sociedade patriarcal. E foi passada das mãos do pai para as do marido, o qual é livre, livre de qualquer dúvida ou suspeita, possivelmente considerado um “deus”, e capaz de realizar todas as suas necessidades materiais. E justamente por este motivo é que quando de sua agressão a ele, outras a saúdam, como se ela tivesse o poder, pois simboliza a mesma situação vivida pelas outras mulheres; é o *self* que se realiza em outra pessoa. Libertar-se das amarras da opressão masculina era o desejo, porém muitas delas não tinham coragem de fazê-lo ou de demonstrar sua força e lutar pela sua própria identidade e posição dentro desta sociedade.

Portanto, a provocação abala o sistema entre o feminino e masculino. Essa mulher constituída pelo princípio da exclusão social internaliza e torna exterior todas essas

constituições. Renuncia ao papel demarcado, não se deixando oprimir por esse círculo familiar-social. Existe a conquista dessa sociedade contemporânea. Vai contra a herança da mulher judaica-cristã, vista como culpada e sendo portadora do mal para a humanidade e para os homens.

O que a sociedade exige desta figura feminina, bem como a religião, é que esta aceitasse essa ordem sem se manifestar ou querer mudar a ordem das coisas. É vista pelas outras mulheres como libertadora, defendendo ou fazendo o que elas não tivessem coragem de fazer: defender-se, questionar e mudar sua situação.

Lilith aparece novamente no grito e no uivo que significam toda essa força feminina, contida dentro do psicológico e oprimida por anos, saindo de forma imprevista. A própria personagem se assusta com sua força e seus sentimentos.

Por mais força que tivesse o marido, a mulher agora se tornara o mal, que do ponto de vista religioso, a mulher deve rejeitar, afastando de si e de sua família o que pode causar “desgosto” e não se tornar, desta forma, uma verdadeira mulher cristã, consciente de todo o seu processo de base para a sua felicidade conjugal e união com toda a família.

Ao mesmo tempo em que ela deve ser submissa perante a sociedade, é vista como força dentro do matrimônio, força essa e missão, que se fracassassem seriam vistas como defeito da própria conduta e ação femininas.

Outro ponto importante, que não deve passar despercebidamente, é o fato de que o homem pode ter matado a mulher. Os dois se pegam na garganta, mas ela não toca o chão com os pés. Talvez fosse por isto que ela tivesse sido vista como mulher que faz milagres, e para esta, as mulheres abriam alas por invejarem o seu ato.

Notando que pudesse acontecer a segunda hipótese, voltemos ao sistema social, este que atribuiu às mulheres, qualidades, porém depois de mortas. Seria preservada assim uma “canonização” para esta mulher, que se rebelou contra princípios religiosos e culturais e não podendo perder o controle da situação, lhe dá um título para que outras se apeguem no

que fez, mas que não sigam o seu exemplo. Ou ainda, que se o fizerem não poderão lutar contra o sistema e força de um homem.

Mesmo com sua possível morte, ela se encontra dentro de um processo de busca de sua identidade feminina; quando dominada e fêmea, age defendendo a sua individuação como ser feminino e portador também de direitos.

4.1.3 “Dona doida”

Uma vez, quando eu era menina, choveu grosso,
 com trovoadas e clarões, exatamente como chove agora.
 Quando se pôde abrir as janelas,
 as poças tremiam com os últimos pingos.
 Minha mãe, como quem sabe que vai escrever um poema,
 decidiu inspirada: chuchu novinho, angu, molho de ovos.
 Fui buscar os chuchus e estou voltando agora,
 trinta anos depois. Não encontrei minha mãe.
 A mulher que me abriu a porta riu de dona tão velha,
 com sombrinhas infantil e coxas à mostra.
 Meus filhos me repudiaram envergonhados,
 Meu marido ficou triste até a morte,
 eu fiquei doida no encalço.
 Só melhoro quando chove.

(PRADO, 2001, p. 110)

A figura feminina deste poema nos revela ser o oposto de um anjo, ou submissão. Por ser como é, ganha o repúdio dos entes que não aceitam o seu comportamento pois este foge do “social normal”.

A dona doida demonstra a imprevisibilidade da mulher que causa susto na família com suas reações. Sua identidade não está dentro dos padrões e modelos sociais; ela está

procurando, e a chuva representa, em seu inconsciente, a transgressão de sua consciência pela memória.

Da mudança de menina à vida adulta, ainda passa por uma transição mental e de consciência dentro da qual os filhos se envergonham de sua identidade.

A mãe é considerada presença marcante de equilíbrio, mas para os filhos, neste momento, é considerada desequilibrada. Sua sexualidade também reprimida fica bem clara quando suas coxas estão à mostra, e filhos/marido se envergonham, mas ela diz melhorar quando chove. O que seria normal para outros não é para ela que se sente bem com a busca de sua interioridade que é determinada pela chuva.

O patriarcado não é tão forte quanto em “Enredo para um tema”, pois a prestação de contas se daria aos filhos, perpetuadores do patriarcado, mas isto não se dá, pois continua a melhorar somente quando chove e não demonstra tristeza perante as atitudes dos familiares, mas somente com a perda da mãe.

Sua consciência está ligada à chuva, pois é este momento em que se acalma. Mesmo a sociedade interagindo, pois o mostrar as pernas significava não agir adequadamente para aquela idade nem de acordo com as imposições sociais de comportamento. Esse fato era considerado falta de respeito. Mas assim mesmo assume o processo de busca de identidade independente do patriarcado e do social.

Ela se assume em relação ao eu – mundo, no qual mulher e poeta se mesclam, identificando-se com a própria vida. A profunda força de ligação como mulher e mãe faz parte da redescoberta do cultural herdado e do exigido pelo cotidiano.

Essa figura feminina busca um modelo de cultura que se baseia na mulher, sobre o seu corpo e sua psiquê. A mulher deve ser, segundo padrões, doida ou santa, sem meio termo.

Essa figura transgredir esses dois limites, busca o sobrenatural para a sua ação. Isto se justifica pela mobilidade temporal – passado/presente – que intensifica os desejos dessa mulher adulta. Ousa em seus gestos, tanto com o corpo, como os utensílios – a sombrinha.

Sua cura está na busca de sua identidade, que transgride o modelo social que se embasa no patriarcado, suas leis, sua autoridade. Revela dessa forma a complexidade de fatos comuns, revisita os valores tradicionais, morais e familiares.

O seu questionamento reside no eu-lírico dentro de uma existência que se alterna entre o certo e o errado, convencionados à religião e ao sistema social dominante-masculino.

Essa figura é oprimida pelo círculo familiar, a sua identidade não está plena, pois existem momentos de lucidez que somente se concretizam com a chuva, centrando-se em sua liberdade interior, assegurando sentimentos e sua feminilidade, muito mais que o ser mulher.

4.1.4 “Com licença poética”

Quando nasci um anjo esbelto,
 desses que tocam trombeta, anunciou:
 vai carregar bandeira.
 Cargo muito pesado pra mulher,
 esta espécie ainda envergonhada.
 Aceito os subterfúgios que me cabem,
 sem precisar mentir.
 Não sou tão feia que não possa casar,
 acho o Rio de Janeiro uma beleza e
 ora sim, ora não, creio em parto sem dor.
 Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.
 Inauguro linhagens, fundo reinos
 - dor não é amargura.
 Minha tristeza não tem pedigree,
 já a minha vontade de alegria,
 sua raiz vai ao meu mil avô.
 Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.
 Mulher é desdobrável. Eu sou.

Neste poema, Adélia remete-nos ao poema de Drummond: “Poema de sete faces”, uma homenagem ao seu tutor e no qual a figura feminina ainda se sente envergonhada, aceitando passivamente sua condição feminina na sociedade. O casamento é um fato, o parto também. Desse modo cumpre sua sina, sendo ao mesmo tempo poetisa e mulher.

A sina se refere a um ditado popular muito usado pelas mulheres, que diz que os sofrimentos e preconceitos contra a mulher são elementos previstos, sem poder de mudança, e afirma-se, social e culturalmente que é assim porque Deus quis.

Para um homem, é defeito ter problema físico, para a mulher o necessário é se moldar às situações que ocorrem dentro de sua condição social e patriarcal. Sem essa moldura, ou poderíamos chamar “rebeldes”, aí sim, seria um defeito para ela e para todos que a cercam, como a “história” da ovelha negra.

A mulher chega a ser comparada com um anjo que representa submissão, docilidade, cumpre com as obrigações sem questionar, um exemplo. Um ser divinal, sem mancha e nem pecado.

A submissão fica bem clara quando se refere à uma bandeira, que deve ser carregada dignamente, mas é muito difícil para uma mulher. Por quê? Pela própria condição feminina, ou talvez porque seja uma espécie ainda envergonhada, não considerada dessa forma pelas próprias mulheres, mas talvez pelo sistema machista.

Palavras fortes como “subterfúgios”, “feia”, “casar”, “parto”, “sina”, “pedigree”, representam esse desdobrar da mulher em relação ao seu comportamento social e matrimonial. Dela se espera que cumpra e que se modifique pelo bem comum, mas nunca o seu.

O eu e o mundo se fazem presentes novamente. Requer desta figura feminina uma comunhão do sensorial, o elo da origem – mulher – com o bíblico, no qual a mulher é dona da desgraça e redimida através de sua inferioridade imposta pelo poder patriarcal. Isto se dá de forma inconsciente, pois a cultura incorpora para a mulher idéias sobre o corpo, linguagem e psiquê, que são manipuladas de acordo com a situação social presente.

Cumpra a esta figura feminina buscar o seu destino através de sua inferioridade, e desestímulos de ações suas, cumprindo-o, sem se empenhar na busca e na luta de um espaço maior e só seu.

O seu destino é comum, o que representa a essência de uma missão grandiosa, segundo parâmetros sociais. Assume o seu lado de fêmea, tenta pela feminilidade, e até certo ponto alcança. Porém, depreendemos que o rótulo da submissão dentro de um padrão extremamente dominado, faz com que o anjo-mulher se liberte fazendo cumprir os preceitos que sabe ter que cumprir, mas até então não havia conseguido – ser totalmente mulher e exigir respeito, seja em qualquer condição, mesmo aquela que se volte contra os valores machistas impostos pela sociedade e cultura.

Sua opinião não é dominada ou não dita como no poema “Enredo para um tema”, pois ela sabe classificar as suas desvantagens femininas dentro de uma sociedade castradora para as mulheres.

Ela se analisa e ao outro, a sociedade, o que pode e não deve fazer. Quando diz que o Rio é lindo, nada a impede de emitir e pensar. O sentir para esta figura feminina é forte, pois engaja desde a dor até a religião, casamento e alegria...

Toma consciência de sua verdadeira condição: a de ser desdobrável perante cada situação que lhe exija e a ameace. Sua tristeza não tem fonte, não tem raiz, o que faz com que ela seja e aceite essa nova versão, o que a denomina como mulher, e completa, pois tem noção de sua condição feminina.

Ao escrever “Com Licença Poética”, Adélia deixou de lado a homenagem pela homenagem, para restabelecer um diálogo em que a voz feminina fará um contraponto com a voz masculina, sem medo de assumir suas próprias características de mulher. O dialogismo inicia-se com uma paródia de Drummond.

Reconhecendo que esse é um cargo muito pesado e que a mulher é uma espécie ainda envergonhada, ela não hesita em se afastar do plano da marginalidade “gauche”

determinada por um anjo que vive na sombra para trilhar os caminhos de perfeita integração ao mundo coletivo.

Drummond mergulha na tensão entre o espaço que o rodeia e seu próprio espaço interior encontrando uma rima, mas não uma solução, em seu “Poema de sete faces” intertextualizado com o de Adélia. Ela cumpre sua sina, inaugurando linhagens, um privilégio feminino e abrindo seu coração à alegria de viver, possuída por uma emoção divina.

Descentraliza o eixo da perplexidade agônica, Adélia faz gerar sua poética em torno do eixo da vida cuja arte resume na redescoberta dos elementos cotidianamente mais simples, alargando as fronteiras do espaço do prazer. Seu corpo é todo sensibilizado, pronto a captar a sinestesia inerente a cada elemento.

A caracterização do anjo e o conteúdo do seu presságio distinguem este como mau presságio-maldição. Ser *gauche* significa estar à esquerda, distanciado do mundo.

Analisando os versos, 1º, 2º e 3º não fica claro o significado da expressão carregar bandeira, identificada como sendo a sina do sujeito poético. Ela revela a militância da mulher que busca seus direitos assim como os jovens. É uma luta social pelo próprio reconhecimento: o valor de ser mulher. Porém tanto a natureza do anjo, como o verbo escolhido pelo sujeito para nomear a ação que realiza ao comunicar a sina “anunciar” elevam esse comunicado ao plano de uma grande revelação.

Do 6º ao 10º verso, ela confessa aceitar os subterfúgios que lhe cabem, exibindo cada um deles. Esses subterfúgios constituem-se em artifícios forjados por ela para vencer as dificuldades, a dor que representa para uma mulher o cumprimento de sina.

Em contraposição à mulher, qualificada como desdobrável, o homem é caracterizado como coxo, o que significa que sua habilidade não é tão grande para vencer ou esquivar-se dos obstáculos.

4.1.5 “A Treva”

Me escolhem os claros do sono
 engastados na madrugada,
 a hora do Getsêmani.
 São cruas claras visões,
 às vezes pacificadas,
 às vezes o terror puro
 sem o suporte dos ossos
 que o dia pleno me dá.
 A alma desce aos infernos,
 a morte tem seu festim.
 Até que todos despertem
 e eu mesma possa dormir,
 o demônio come a seu gosto,
 o que não é Deus pasta em mim.

(PRADO, 2001, p. 335)

A consciência da condição feminina dessa figura agoniza, como Jesus, no Getsêmani, Horto das Oliveiras como alguém que não está em paz com o seu inconsciente. A mulher não é um anjo, está mais perto do demônio pelo seu sofrimento. Ela é escolhida para este sofrimento. Alma e morte estão bem próximas, bem como o dormir, que é tido como momento de paz. O centro desta alma é a afetividade, que deve ocupar o centro dessa formação feminina. Os sentimentos são as emoções da vida que movimentam o espírito humano, aquilo que procede de outro mundo na vida e afetividade.

Pastar como um animal representa o sinal de sua opressão, sofrimento e submissão diante do mundo e das coisas que a afetam: sofrer por estar adquirindo, talvez, consciência feminina.

A religião, momento forte neste poema, faz com que a figura feminina se considere como uma alma para o Reino de Deus.

As emoções podem ser classificadas como certas ou erradas, tratando-se de uma culpabilidade existencial dentro da religião, que se sobrepõe à vivência de certos acontecimentos.

Assumindo essa natureza, a figura feminina relaciona-se com o cosmos, demonstrando que o sagrado dentro do dogma religioso cristão reflete no fio condutor desse poema que liga o caminho dentro de um espaço lírico em que se vivencia o prazer e o terror. Por ser simples, dentro de sua interpretação se revela complexa pelos fatos, valores, família, moral...

O questionamento feito pela figura feminina leva tanto ao questionamento quanto ao conflito do eu-lírico com o Cristo (sofrimento). No corpo não há ação, portanto é a vivência do sagrado que aqui se propõe, a revelação da existência, que antes de encontrar a bonança deverá passar pela angústia e a agonia.

A mulher se relaciona com Cristo através do seu sofrimento, o que torna a mulher fonte de revelação, embora seja de sofrimento. Os elementos mostram que há um espaço para a libertação da mulher que ainda está presa a dogma e tabus sociais, ficando presa a um ambiente doméstico com o seu questionamento sempre preso ao social e não à sua própria personalidade, assim como Rute ou Ester em suas épocas; as quais lutaram para salvar o povo e mostrarem que uma mulher é capaz de conduzir.

Mulher se une ao cosmos, faz parte da criação e da destruição, inclusive aquela que lhe é determinada e que muitas vezes não pode se posicionar contra. Mas o sagrado se une ao feminino para a sua libertação dentro desse poema.

4.1.6 “Gênero”

Desde um tempo antigo até hoje,
quando um homem segura a minha mão,
saltam duas lembranças guarnecendo

a secreta alegria do meu sangue:
 a bacia da mulher é mais larga que a do homem,
 em função da maternidade.
 O Osvaldo Bonitão está pulando o muro de dona Gleides.
 A primeira, eu tirei de um livro de anatomia,
 a segunda, de um cochicho de Maria Vilma.
 Oh! Por tão pouco incendiava-me?
 Eu sou feita de palha,
 mulher que os gregos desprezariam?
 Eu sou de barro e oca.
 Eu sou barroca.

(PRADO, 2001, p. 182)

No poema “Gênero”, Adélia Prado apresenta e dá expressão ao feminino. A sua linguagem conectada à compreensão nos faz entender e compreender a origem de nossa figura feminina, e mais, sentimentos e reações próprios de uma mulher. Assume neste poema, tanto a função emocional quanto a corporal, e essa, assumida rapidamente.

O poema pode ser dividido em 3 blocos que podemos denominar de fases emancipatórias da figura feminina no poema. É um estágio de aperfeiçoamento da compreensão do próprio ser, um amadurecimento da condição de ser e estar mulher.

A figura feminina se apresenta como referência ao feminino: ao segurar sua mão, o homem assume a função de protetor e as lembranças femininas vão até as origens: o envergonhar-se de ser mulher e de suas funções biológicas. Quando se refere “à secreta alegria do meu sangue” faz alusão à sexualidade reprimida da mulher, justificando que a *secreta alegria* está relacionada a sua genitália.

A citação da figura masculina está aviltada também para a sexualidade: para namorar é preciso pular um muro; é esse fato que lhe dá prazer e lhe infere no namoro. As informações são advindas de livros e cochichos. Ainda utilizando o elemento masculino, são citados os gregos que muito lutaram por Helena, mas lutariam ou a desprezariam? E a

sexualidade reprimida não domina o corpo dessa mulher que é comparada à palha que pega fogo rapidamente. A ação é permissiva, portanto, de ambas as partes, na sexualidade e no namoro escondido. A palha queima e a mulher dominada pelo desejo sexual, não se consome também?

Ao final, ao dizer ser barroca, coloca em contraposição as palavras barro e oca. O Barroco, nós sabemos muito bem, foi uma arte rebuscada que explorava os mínimos detalhes, preocupando-se com a aparência e, principalmente, contemplando os pecados da alma e as prováveis punições para o corpo e a mente. Para isso relembremos o dito popular que diz “O Santo do pau oco”, aquele que só parece, mas nada faz. Santo este, pertencente ao ciclo do ouro, que era confeccionado de forma oca, contendo ouro dentro.

Ao elemento “barro”, podemos fazer inferências a Adão que foi feito de barro e conseqüentemente Eva, retirada de sua costela, portanto quebrável e em segundo plano. Eva, como bem sabemos, foi a responsável pelos pecados do mundo, acusada de induzir Adão ao pecado. No primeiro livro de Gênesis há a punição para ambos, portanto não há de se considerar que tenha sido a única culpada, se é que este termo é correto.

Essa ação deu-nos o título de pecadoras eminentes. Na figura feminina do poema é clara a opressão sofrida pela mulher. Há a sugestão de que os órgãos sexuais femininos estão voltados apenas para a maternidade. São exigidas da mulher convenções sociais patriarcais as quais fazem com que a figura do poema se considere oca, reprimindo-se pelo seu desejo sexual que a incendeia, fazendo, ela mesma, a própria repressão sexual.

Questiona-se pelo fato de incendiar-se e atribui-se uma falta na citação que se considera barroca, busca o perdão para o pecado de seu corpo. Mas lembremos que esse perdão é buscado justamente por medo do castigo divino. A alma pode arcar com as conseqüências corporais e, além disso, é muito lembrado que o vício da alma está no corpo, ele não deve ser tão considerado e observado como foi.

Ao mesmo tempo, em que se lançam, discretamente, os desejos corporais, busca-se o castigo. Para a figura feminina ao final do poema, não há nada que supere a repressão. Ela está muito associada à Eva. Pelo seu pecado em busca da sabedoria, foi punida, e com ela toda a humanidade. A busca do conhecimento é verificada na citação do livro de anatomia, que nada mais é que a busca da sabedoria corporal para o entendimento de suas reações.

O sistema social está tão inculcado em nossa figura feminina que ela apresenta oposições durante o poema. Notemos que o sentir é mais que ser mulher, é aceitar-se, porém, rapidamente o sistema a chama utilizando sua própria fiscalização mental imposta pelo sistema patriarcal.

É uma mulher que sabe de seus quereres e suas necessidades; porém há uma imposição social que dita regras e normas sociais e de gênero desde o Antigo Testamento. Esta figura feminina está longe de ser Lilith, mas sabe que há uma força dentro de si que é capaz de mudar sua situação de submissão, mas ainda não alcançou este estágio. Mesmo questionando sua posição e necessidades, acaba cedendo à ordem de submissão, retração e obediência, mesmo que o referido elemento masculino não esteja perto. Funciona como flagelação. Esse poema transgride a imagem de Maria, pois mostra que ser oca e Barroca são duas características que obtêm forma apenas por fora e nada por dentro, ou seja mulher vazia.

4.1.7 “Saudação”

Ave, Maria!

Ave, carne florescida em Jesus.

Ave, silêncio radioso,

urdidura de paciência

onde Deus fez seu amor inteligível!

(PRADO, 2001, p. 20)

No poema intitulado “Saudação” de Adélia Prado, analisaremos inicialmente o título. Quando Maria foi visitada pelo Anjo Gabriel e recebeu a Anunciação de que seria a mãe de Deus, o anjo primeiramente a saudou: Ave, cheia de Graça.

Cheia de Graça por ser ela escolhida dentre muitas e digamos que de sua resposta, o mundo teria ou não sua chance. Também lembremos que tudo se inicia com um sim, sinal de obediência do feminino para com o masculino.

Quando grávida Maria teve que dar algumas explicações a José e segundo o Proto-Evangelho de Tiago, não incluso na Bíblia, tiveram os dois que passar por um teste no qual deveriam comprovar suas inocências para com Deus.

Já no primeiro verso do referido poema, há a saudação para com Maria e para isto um vocativo foi utilizado. Serve para que com o chamamento, ela fique com a atenção voltada ao anúncio do mensageiro de Deus.

No verso seguinte, além da saudação, ela, na remissão de Eva, é considerada carne que pode obter a plenitude, a florescência em Jesus, em sua geração. Pelos dados bíblicos, Maria deveria ter entre 15 e 16 anos quando concebeu Jesus, portanto seu corpo encontrou a majestade na gestação.

No terceiro verso, os elementos referem-se ao silêncio posterior à anunciação, a sua palavra: conceder ou não o seu corpo para o mundo. O termo *radioso* está intrinsecamente ligado à sua provável resposta que daria à humanidade a remissão dos pecados gerados por Eva. Através de Eva o pecado entra no mundo e por Maria e seu fruto eles serão redimidos.

Ao verso seguinte, a paciência tece uma trama que exige a calma de ambos os lados: Maria poderia recusar-se e o anjo espera a sua resposta. O quarto e quinto versos estão ligados, pois é nesse momento que a trama exige paciência, os elementos estão interligados e é neste ato que Deus, segundo nossa poetisa e estudos bíblicos, mostra e faz com que seu amor pela humanidade seja compreendido.

Segundo a tradição cristã, Maria, submissa e obediente, é a pessoa aceita e escolhida para que a Salvação entrasse no mundo. O que não podemos nos esquecer é que o sistema patriarcal, mesmo dentro da Bíblia, coloca Maria como simples elemento de remissão dos pecados. Ela é a mulher que vem opor-se à Eva.

Então podemos relacionar os seguintes pontos: Eva, dona do desejo da sabedoria, instiga Adão para que coma do fruto que fora proibido por Deus. Eva deseja saber tanto quanto Deus. É responsabilizada, unicamente, pelo patriarcalismo, pela queda do paraíso. Mesmo Adão tendo sua parcela de culpa, é absolvido pelo sistema. E isso foi motivo e continua sendo para verificação e inferiorização da mulher.

Surge Maria que é submissa. A um Deus patriarcal e não atenta para o que não pode, não deseja igualar-se a Deus. O seu culto só foi autorizado a partir do século XVII, pois ela, Maria, não era considerada suficientemente como ser que merecesse um culto, visto que Deus é considerado masculino.

Maria, durante muito tempo, foi considerada apenas como uma mulher que veio apagar as transgressões de Eva. Somente com seu culto, ela passou a merecer atenção como participante ativa do reino de Deus e não mera colaboradora. O medo foi e talvez seja, que a mãe tomasse o lugar do patriarcado (Deus) e voltássemos ao tempo matriarcalista, buscando igualdade dentro do sistema religioso.

A paciência delimita-se no poema como uma arma feminina contra preconceitos e ainda ela (mulher) trama com paciência a própria transgressão feminina. Adélia Prado faz o que nega: ser homem ao escrever e a conformação com o papel social e religioso das mulheres.

Ainda é considerada, pela maioria do sistema social e religioso, como pessoa que redime os pecados, ou seja, obrigação de ter gerado Cristo para que a humanidade tivesse vida nova, vida esta apagada e transgredida “única e exclusivamente” por Eva.

4.1.8 “Tal qual um macho”

Comi em frente da televisão
 sem usar faca
 e repeti o prato
 como os caminhoneiros que falam de boca cheia
 e vi um programa até o fim.
 Até altas da madrugada
 fiquei vendo a moças rebolantes
 locutores boçais dizerem
 segura meu microfone, gracinha.
 Depois fui dormir e sonhei,
 voava perseguida por soldados
 um vôo medroso
 temendo me embaraçar na rede elétrica.
 Acordei com decepção e ânsias,
 macho verdadeiro
 sonharia com rebolâncias.

(PRADO, 2000, p. 466)

No referido poema, a figura feminina assemelha-se por si mesma a um homem. Caracteriza as ações masculinas como sendo suas. O ato de comer, duas vezes, sem o uso de facas e assistir a um programa até o fim faz com que ela se assemelhe a caminhoneiros. Estes são grandes, dotados de pouca educação e para os quais não há importância para a sociedade, segundo pensa a maioria. Digamos que para os homens é normal e não há ações sociais mais agravantes. O feminino do poema ao assemelhar-se com esse tipo de homem recusa, talvez inconscientemente, a própria hipocrisia social que cobra muitos elementos referenciais para a mulher. Ao homem há a permissão, porém para a mulher não.

No segundo bloco, do sexto ao nono versos há a atribuição à figura feminina de atos considerados próprios do ser masculino. Coloca ainda como os homens se representam,

exibindo sua masculinidade social, fazendo brincadeiras que valorizem o seu machismo, como em *segura o meu microfone*.

É um assédio, pois há a mulher que acaba explorando a sua própria sensualidade-sexualidade, mas em função do homem. É a utilização do corpo como vida. E ainda retrata o machismo, fazendo com que os homens sejam adeptos do sistema patriarcal, no qual a função feminina é fornecer ao homem o prazer. Ou se é mulher para casar, ou então para o prazer. Este preceito configura tempos antigos da Bíblia que estipulam as duas funções femininas: maternidade ou prostituição.

Já no último bloco, a figura feminina é rondada por um sonho que representa o perigo, mas qual seria ele: ser homem ou mulher? O embaraço citado pode ser considerado como a confusão mental feminina que socialmente tem que abdicar de sua feminilidade, e aliás, é determinado pelo esquema social e sexual masculinos; ou se é mulher com sua sensualidade assumida ou então a mulher que o homem deseja, submissa e nula.

No quinto bloco, há a decepção e náusea pelo simples fato de não se assemelhar a essa mulher. E a isso, soma-se a análise feminina. Apesar de ter agido e até ter se considerado “macho”, assume essa postura, pois há a decepção. E inclui a postura de um macho que provavelmente teria aquele estilo feminino como ideal para a prática de sua sexualidade masculina.

Ela mesma se considera em condição marginal, sendo o eu-lírico, diferenciado do sexo masculino. A voz, no poema, é feminina e está em busca de sua identidade e o fato de associar-se a um homem é um processo de transitoriedade. A vergonha de sua identidade feminina está sendo ultrapassada, como uma metamorfose.

É uma aceitação de si mesma indo de encontro ao paradoxo feminino, e o negativo - positivo - homem/mulher. Sabe de sua feminilidade e esta não aceita a transposição para o masculino. Pela imposição social, a mulher apresenta sofrimentos por não ser homem e isso dá na família.

As famílias, antigamente, festejavam o nascimento de um menino, mas isso não acontecia em relação às meninas. A este fato, encontra-se relacionada a cultura social para a mulher. Ela precisa ser controlada e há preceitos de condutas de comportamentos como a liberdade sexual para os meninos desde muito cedo, enquanto para a menina há imposições para sua sexualidade, fazendo com que a menina - mulher desconsiderasse seu próprio corpo, pois este, associado à Eva, era motivo de pecado para ela e para quem a observasse.

No último bloco, há claramente a desenvoltura de comportamento masculino, o que se deve ser e fazer; é a mulher também a moldura de seu comportamento: não ser como o homem.

É Lilith que toma parte dessa mulher, questionando os ditos preceitos sociais que na realidade não passam de preceitos estritamente machistas no intuito de conter o afã do corpo feminino, como um elemento negro, de mistério e magia que pode enfeitiçá-lo, por isso precisa ser dominada e regida, porém não mais aceita; tomou consciência de sua existência seja interna ou não. A mulher tem individualidade e somente ela pode decidir se será Maria, Lilith ou Eva. Compete a ela a tomada de sua própria vida; seu querer transformar-se em um macho para se ver livre de imposições, ou sentir-se menosprezada e relegada ao sexo frágil. Desculpa que essa figura feminina já não mais aceita e em sua confusão de processo de individualização, opta por ser mulher, o oposto não lhe agrada, pois a ação masculina distancia-se de sua essência.

4.1.9 “Miserere”

Eu desenhava no papel de seda uma flor de cinco pétalas
quando me ocorreu a vingança contra os donos do mundo.
Tentando versos com que vos narrar minha trama,
adormeci sentada, o queixo desabado no peito.
Coitada, diríeis, é aquela que vimos esbravejar no
[seminário?

Cismeí que adoecia e procurei um médico.
 Ele não foi perspicaz.
 Auscultou, profissional, minhas cavidades
 e prescreveu ginástica, redução de calorias, vida calma.
 Doía tudo. Aqui dói, doutor, aqui também.
 É certo que o senhor nunca deglutiou pedras,
 mas, afianço-lhe, mesmo a água que bebo
 é indigesta coisa sólida no meu bucho.
 Ele precaveu-se, intimidado pela minha fluência,
 pelo manuseio intemorato que dispenso às palavras.
 Dependendo da atividade intelectual,
 da sensibilidade de cada um,
 tais sintomas ocorrem, minha senhora.
 E mostrou as garras, defensivo,
 mais uns grãos de enfado.
 Eu não estava doente. E estava muito.
 O medo de morrer, habitualmente grande,
 trinta vezes aumentado.
 Comecei a rezar no registro dos náufragos:
 Perdoa-me, Senhor. Lembra-te de que és meu Pai.
 Como gostaria de nascer de novo
 e começar tudo generosamente.
 Olha pelos filhos que deixarei,
 por meu marido que talvez não se case mais.
 Onde achará, neste lugar pequeno, outra mulher que lhe
 ofereça tantos motivos pra mortificar-se?
 Passeava na casa, amargando a saudade prévia dos seus
[cantos.
 Doía tudo, até que,
 até que nada, não dói mais.
 Recolhi-me ao corriqueiro estatuto
 de comer, dormir, lavar-me,
 recuperado o saudável desejo de que se fodam bem
 determinadas pessoas em suas empresas.

Continuo passando a língua no molar obturado
 desgostosa, porque se não sou eu a cuidar da cozinha,
 uma lata de óleo é a conta de dois dias.
 Confesso-vos: quando comecei a escrever
 o que eu queria era fazer um teatro.
 Fostes salvos do sacrifício de uma opinião
 por este grito que me interrompeu:
 acode aqui, dona Wíllia, o seu cachorro deu convulsão!
 Judith entrou de noite no acampamento inimigo
 e decapitou Holofernes.
 Pergunto-vos, sem que nos ouçam os fracos e os ímpios:
 poderia eu também?
 Não durmo porque nada se exaure, requerendo atenção,
 matança, oferta de comida, futuros de paz, empregos;
 e eu tenho um corpo talhado para prazeres só e guerra.
 Posso? Comer? Dormir? Gostar de homens?
 Louvar-vos - em perfeita alegria - neste tempo cinzento e
 [pegajoso?
 Não é possível conseguir a atenção de uma cidade inteira,
 há misteres inadiáveis nos banheiros,
 nas casas com menino pequeno,
 nem silêncio. Há os aparelhos eletrônicos e as línguas
 [compridas.
 Mas duzentas pessoas numa sala,
 com olhos fixos na cena,
 verão que a vida é doida, doida,
 que o ser humano até hoje está sem calças,
 que Deus é bom e duro,
 que Jesus Cristo quando ri alucina as pessoas
 e atrai a todos quando diz: AMAI-VOS.
 Eu estou apaixonada.
 Ó meu Deus, me ajuda a escrever um drama.

Em latim o título significa misericórdia ou juntamente com “nobis” dentro do velho cristianismo servia como o pedido de piedade a Deus: tende piedade de nós. O “miserere nobis” era respondido na oração do perdão, logo no início da missa, momento em que as pessoas fazem a reflexão de seus pecados e pedem o perdão para que o rito litúrgico se inicie, pois só purificados podemos participar do ofício divino, ou seja, através da remissão dos pecados é que o coração fica livre para o entendimento das leituras.

O poema apresenta a desordem e revolta da figura feminina que, alienada ao que se passa à sua volta, desenha. E nesse momento de reflexão pensa em vingança contra os confeccionadores do mundo pelo desenrolar de sua trama existencial. Com os versos que mostram a sua vida, acaba deixando-se levar pelo cansaço, sendo induzida ao sono, cansada talvez da própria trama.

E nesse momento de abandono alguém implicitamente, teria pena, pois não haveria sido capaz de mostrar-se realmente. De que teriam adiantado suas reclamações? O termo seminário representa aqui o local de formação dos mentores religiosos que pregam sobre os donos do mundo e, portanto, seriam as pessoas a quem iriam diretamente as reclamações, talvez não respondidas ou pelo menos não convincentemente.

Ainda por essa experiência, considerou-se doente, procurando por assistência, porém para a figura feminina o médico não foi astuto o suficiente para perceber a situação dela. Na realidade, temos aí um alto grau de insatisfação feminina.

A prescrição médica de nada adiantou, pois sua dor era de alma e achava ter ingerido pedras, aquelas as quais não conseguimos transpor em nosso cotidiano, situações que ficam e machucam por dentro e por fora. A mulher do poema não consegue dissociar as árduas relações que assolam sua alma. A sua indigestão não pertence nem ao sólido e nem ao líquido, mas ao mundo.

O médico fica intimidado pela forma de sua fala, e também pela não aceitação do diagnóstico, interrogando-o, tendo suas reações físicas como um processo de consciência

intelectual. Fisicamente não havia nada como foi constatado, mas o problema era dessa alma feminina que sangrava internamente.

O medo da morte faz com que comece a cura da alma através de orações, alguém que não consegue dominar seus pensamentos mais íntimos, deixando-os influenciar em suas realidades e desejos internos. O afundar da alma (naufrágio) pede a oração a quem, antes, esbravejara e queria vingança. Senhor.

O perdão pedido pela figura feminina do poema representa o arrependimento, tão próprio da mulher, que foi e continua sendo considerada a causadora dos males do mundo. E lembrando também que doenças corporais são associadas à não remissão dos próprios pecados, e isso fortemente implicado para as mulheres.

Além de pedir perdão, faz uma menção a Deus que se lembre que o castigo não lhe é merecido e que como Pai ele deve saber perdoar, mesmo depois de seu desejo de vingança. Possuímos aqui o exemplo de Deus misericordioso para a mulher que, muitas vezes, era relegada por não ser digna (social e culturalmente) ao perdão.

A esse elemento, há o desejo de um renascimento, como a Fênix. Esse recomeço seria de forma generosa, pois havia cumprido o seu papel: ser mãe e esposa, ambos se referem a condutas sociais e bíblicas que remetem as mulheres a insatisfações rotineiras desejando a nova vida. O termo *nascere de novo* representa uma nova vivência porque já tem contribuído com Deus e com os homens.

Tenta argumentar com Deus sua nova existência através do próprio enaltecimento; fora uma mulher que realizou todas as suas obrigações. Por que não então, entender-lhe o pedido? A sua reflexão era acompanhada do amargor da saudade, dado num espaço inteiro que é a casa, espaço tido e dedicado como espaço feminino.

Sua alma dói e não dói. O motivo não nos é oferecido. Depois de suas reflexões, retorna, como um auto-reconhecimento imposto como regra feminina: comer, dormir e lavar.

Presenciamos que sua revolta continua, pois ela mesma considera que seu desejo de vingança aparece com a palavra *saudável*. Há pessoas, seres que ela desconsidera, e mesmo depois desse profundo momento de reflexão, ela ainda continua desgostosa, porque não há ação desejada que a liberte, e na volta à sua ação natural feminina, diga-se aqui, imposição masculina, controladora machista, a casa pára.

É o modelo social patriarcal para a mulher, que embora tome conhecimento e saiba o que lhe acontece, não consegue modificar o processo. Esse papel, advindo do Antigo Testamento, demonstra claramente que a mulher possui consciência de opressão, porém não se liberta.

A escrita acaba sendo um processo de renovação da alma interrompido pelo chamamento do cotidiano. Assim como essa figura feminina toma uma iniciativa, escrever, ela associa-se a Judite que contra os preceitos masculinos vigentes na época, apresenta sua idéia aos anciãos que nada fazem pelo povo a não ser esperar um milagre. Lembra que a ação foi em favor dos fracos, mas foi o fraco quem assumiu a defesa do povo. Uma mulher que não aceita o conformismo defende e ataca, enquanto os chefes da cidade esperam apenas uma ação dos céus. Quando decapita Holofernes, consegue mostrar a potencialidade feminina desconsiderada pela sociedade patriarcal e somente depois desse ato passa a ser considerada em sua cidade. É o retrato de uma sociedade que só considera a mulher como elemento de transgressão e queda, menosprezando sua real ação dentro de um sistema.

E a figura feminina chega a se perguntar se teria capacidade para tal ação. A sociedade a incomoda porque nada se acaba repentinamente, e ainda considera um corpo que foi confeccionado para o prazer masculino, e a guerra. Assim como Judite usa seu corpo, aguçando a masculinidade de Holofernes e este se deixando seduzir acaba sendo morto. A mulher apresenta suas capacidades, mas na utilização de seu corpo renova o estigma do prazer, do corpo apenas. Venceu a guerra, implicitamente com sua inteligência, mas explicitamente com o corpo.

O prazer incomoda a figura feminina, pois se questiona a respeito do que pode realmente ser e fazer necessidades orgânicas e corporais, gostar de um homem. O tempo que ela vive, considerado cinzento, representa o interior de seu ser que louva, mas não consegue a devida atenção, como Judite, que lança sua idéia, mas os chefes da cidade não aceitam e dizem que se ela quiser agir que o faça então.

Vários itens modernos afastam a sua função real: crianças, aparelhos. Ela é impedida de escrever um drama, o de sua própria existência e mostrar que a vida, a sua, a nossa, pode ser diferente e observada por outros sem que isso se torne um constrangimento. A vida como elemento doido pode ser vista e sentida de diversas maneiras, inclusive enxergar Deus de duas formas: bom e duro. Duro no A. T e principalmente com o julgamento dos pecados; bom quando se seguem seus preceitos, e não os sociais, principalmente os masculinos.

Ver o homem sem calças é perceber-se a si mesmo, com a sua nudez, sua essência existencialista sem compromisso com o que querem e desejam para a mulher, sem ela mesma desejar-se a si mesma.

Cristo é colocado como um ser que possui atitudes e emoções femininas e lembremo-nos que ele foi considerado por Boff um aliado feminino, pois atraiu principalmente as mulheres, considerando-as, ouvindo-as e impedindo seu massacre machista, como se só a mulher pecasse. Isso é claro com Maria Madalena, a prostituta.

A mulher sente-se apaixonada; com a ajuda divina e a escrita do drama pode ser a resolução afetiva e sentimental de sua alma. Os referenciais femininos apresentados no poema são socialmente antagônicos: Judite, o modelo a ser seguido no A. T. e Maria Madalena que conta com o apoio de Cristo para livrar-se dos homens julgadores, aos quais Ele observa que cada um preocupe-se com os próprios pecados e não com a vigília de outrem.

4.1.10 “Sagração”

Na casa de meus pais, minha mãe cozinhava,
 eu tomava conta de menino pequeno.
 Inquieta, porque o moço aguardava-me.
 O neném está molhado, dizia-lhe,
 vou lhe trocar as fraldas.
 Fui para o quarto, minha mãe me passando olhos,
 eu experimentando vestidos pra chegar na porta
 e conversar com o moço sussurrando-me:
 quero comer suas pernas, sua barriga, seus peitos,
 quero tocar você.
 E deveras tocava-me com o fundo da alma dele
 reluzindo nos olhos:
 Você trocou o neném?
 Você é tão esquisita!
 Pára de falar em amigos e me escuta.
 Comecei a chorar de prazer e de vergonha.
 Olhando meus pés descalços ele riu.
 As vibrações da carne entoam hinos,
 também às que se vira o rosto como a fornicações:
 flatulência (disse num meu ouvido)
 bocejos (disse no outro)
 pulsações de prazer.
 - Estive ataviada o tempo todo...
 - E é tão simples e nu, continuou,
 uma mulher fornida em sua cama
 pode louvar a Deus,
 sendo apenas fornida e prazerosa.
 - Os pobres já sabem...
 - Sim, quando escrevem nos muros
 OS MENDIGOS SAÚDA-VOS Ó DEUS.
 Parecia um anjo falando as sabedorias...

Hélios, chamei-lhe, também luminescente,
o corpo representa o espírito.

- Aprendes rapidamente, louvado seja Nosso Senhor Jesus
[Cristo!

entoou com os abismos de sua alma cristã
e me atraiu para sempre.

Quem é o papa, perguntei-lhe, ansiosa por sacramentos.

-É nosso pai abençoando-nos.

E me chamou vaca, como se dissesse flor, santa,

Prostituta feliz.

+

(PRADO, 2001, p. 301-302)

O título do poema sugere a ação sagrada considerada e dedicada principalmente às mulheres que são obrigadas a assumirem seu papel social, por imposição de leis, normas e regras masculinas, para a detenção do corpo e de sua mente.

No primeiro verso do poema há a apresentação da família, elemento que é considerado sagrado e que deve moldar-se na Sagrada Família de Nazaré, mas com sérias cobranças principalmente ao comportamento feminino: obediência.

A mãe é a figura que denota o trabalho caseiro e a figura feminina, uma menina, segue desde cedo os preceitos masculinos impostos pela sociedade. Quando cuida do menino pequeno é apresentada sua inquietude, pois havia alguém que a esperava: é o despertar de seu sentido sexual tão temido pelos próprios homens. Quando se trata de uma mulher que não seja da família, o despertar sexual é visto com naturalidade, mas quando se refere a mulheres da própria família há um sério empenho para castrá-la.

Com a desculpa de trocar o garoto, pensa em uma forma de se apresentar melhor ao moço, um vestido, e ainda há a desconfiança da mãe que teve a função de promover todas as barreiras sexuais para que a jovem cuide de seu corpo em função do pertencer única e exclusivamente a um homem: mulher objeto – posse.

O sussurro a atormenta, pois são colocadas claramente as intenções dele e dela; é a sexualidade que desperta para si mesma. O verbo usado *comer* representa a mulher como elemento a ser degustado e devorado. O toque é a essência de sua alma. A obrigação feminina vem acompanhada da cobrança e da observação do ser *esquisita*. Há o pedido de não mais falar em amigos e escutar a voz da razão. Chamada à triste realidade envergonha-se e chora, choro de opressão advindo de uma outra mulher que não lhe permite o simples prazer de apenas ser mulher.

No cuidado de si, esqueceu os pés, parte corporal de fetiche e realizações eróticas. Ao rir-se, a carne apresenta a vibração, a reação hormonal de seus desejos. A fornicção ou masturbação, criticada pela religião, assume a pulsação do próprio prazer, da verificação de sua sexualidade real, sentida e presenciada.

A comparação com o nu se dá por meio da oração; pode-se crer, acreditar e ter prazer, sendo o corpo considerado a casa do espírito. A figura masculina associada ao celeste, elemento perfeito, sábio, integrante e servo de Deus faz com que ela encontre em seu próprio ser o elemento de atração. Corpo e alma podem estar unidos sem que um represente prisão e exija submissão do outro. O aprender é como o acordar para sua própria situação, o seu feminino sem vergonha.

Ele a conclama com a palavra *vaca* e a figura feminina se sente flor, beleza rara, santa impassível de pecados e sentimentos sensuais e prazeres. Considera-se uma *prostituta feliz*; não vende o sexo, mas o aceita como é, com necessidades de gozo e complementação corporal advinda de um outro ser humano. É o assumir-se, torna-se verdadeiramente mulher. Passa sobre as barreiras opressivas, desligando-se da conduta imposta pelo patriarcalismo.

A figura feminina do poema assume sua condição assim como fizeram as mulheres dentro de sua história para conquistarem espaço, não aquela imposta e de modelo vigente, mas a Lilith que tem e gosta de ter sua sexualidade sem envergonhar-se e sem subordinar-se a qualquer sistema.

Na busca de seu gozo, distancia-se do exemplo de Maria que foi obediente e viveu de forma pura e casta, aceitando passivamente o sistema opressor. Essa mulher não apresenta nenhuma causa de salvação que explique a explosão de seu corpo, não o utiliza como Rute, Ester ou Judite. Rompe com o machismo vigente que considera haver duas mulheres: uma para a maternidade e outra para o prazer. É a mesma mulher que não apresenta causa, é ela mesma quem rege seus pensamentos e ações apesar de certas barreiras que tentam conduzi-la ao caminho já antes seguido pelo feminino.

O homem não a manda agir sozinha e por conta como em Judite ou esperar o momento certo para pedidos como Ester, nem tampouco seduzir para ficar sob a proteção de um homem. É meio Eva, é meio Lilith. Ela conhece seu corpo, suas necessidades e não abre mão de sua essência feminina, de sua liberdade sexual, social sem estar sob o desígnio de um ou mais homem como estiveram Eva e Maria. É sua sombra que fala mais alto, é a deusa que aflora e envereda-se pelo próprio corpo.

4.1.11 “Lembrança de Maio”

Meu coração bate desamparado
 onde minhas pernas se juntam.
 É tão bom existir!
 Seivas, vergôntes, virgens,
 tépidos músculos
 que sob as roupas rebelam-se.
 No topo do altar ornado
 com flores de papel e cetim
 aspiro, vertigem de altura e gozo,
 a poeira nas rosas, o afrodisíaco,
 incensado ar de velas

- a santa sobre os abismos -
 À voz do padre abrasada
 eu nada objeto,
 lírica e poderosa.

(PRADO, 2001, p. 257)

Maio, biblicamente, é o mês dedicado à Maria. Ela, como bem sabemos, é a representação do modelo feminino, de aceitação e submissão. Foi através dela que a Salvação (Cristo) entrou no mundo, em remissão aos pecados e a queda do Paraíso. Apesar de seu culto, diga-se demorado para ser aceito, ela apresenta como a mulher deve dirigir sua sensualidade. Maria encontra-se oposta à Eva, que apesar de ser obediente, almeja a sabedoria divina. Eva também se encontra em oposição a Lilith, pois retirada da costela de Adão, o obedece; já Lilith criada separadamente assume independentemente sua sexualidade. As três mulheres antagonizam-se.

A figura feminina desse poema sabe de seu potencial sexual e sensual e nos apresenta isso claramente. Coloca suas emoções em seus órgãos genitais. Transporta o coração, órgão considerado responsável pela emoção, ignorando os elementos racionais.

Essa emoção e desejo associam-se pela beleza da existência; colocando o sexo como o elementar do ser e responsabilizando-se, assumindo, ou seja, confrontou-se com a realidade social, dizendo não ao sistema opressor.

A figura feminina assume que mesmo com o sistema social que controla o desejo sexual ela afirma que o seu corpo se rebela de uma forma disfarçada, ou seja, não há nenhum sistema seja social, patriarcal ou bíblico que possa controlar a Lilith presente internamente na mulher.

Mesmo que essa mulher veja-se ou sinta-se no altar, com todas as decorações para a coroação de Maria (flores de papel, cetim) há a sensibilidade para assumir que mesmo esse elemento sacro pode levá-la ao gozo ao assumir-se.

No ambiente representado, altar com as rosas já empoeiradas, há o elemento afrodisíaco, o ser mulher com seu sexo. O pó na rosa apresenta aquilo que envelheceu e com que as pessoas não se incomodam mais, ou mudaram de atitudes, pois as antigas já incomodam.

As velas, como luzes, clareiam a santa que está sobre o abismo, mas essa Santa é a própria mulher que não falou e não interroga nada, mas se sente autêntica e poderosa. Quanto à voz do padre que está acalorada com a pregação, surge um efeito de alienação feminina, o não se importar com o que está sendo dito, mas com a voz masculina.

Aparentemente ingênua, mostra como podem ser complexos os fatos considerados comuns. Ela, a figura feminina, alcança uma vivência erótica dentro da própria existência, alternando seu prazer com o sagrado.

A mulher apresenta-se como uma criatura reveladora. A imagem e os elementos apresentam a ótica feminina, seu espaço é a libertação da mulher que ainda anda presa aos preceitos e tabus da sociedade machista que coloca a mulher exclusivamente no lar e o homem como detentor de sua sexualidade.

A vivência feminina se apresenta entre o sagrado e o erotismo, e ambos conseguem a associação entre a mulher e suas possibilidades de renovação e libertação. Como sabemos, a religião tem forte influência sobre as realizações e caracterizações femininas. No poema, a figura feminina consegue transpor-se sobre essa imposição. Assume sua própria característica que é ser mulher, sem preceitos a serem seguidos ou pela imposição de um sistema que por considerar a mulher culpada pelos pecados da humanidade, a toma como forma de condução como se esta fosse considerada incapaz de conduzir seu próprio corpo.

Ela, no poema, assume o seu corpo conduzindo-se a si mesma, e ignorando os preceitos religiosos que dominam a mulher como se essa tivesse sido criada apenas para a maternidade.

A própria mulher, da sociedade e do poema, já tomou consciência disso, opondo-se e tomando a rédea de sua vida: social, religiosa e sexual. É uma Eva em processo de libertação para a Lua negra Lilith. Eva teve sua existência ligada estritamente para a sexualidade em função da maternidade. Desejou o conhecimento e a visão da verdadeira realidade, mas Lilith assume todos os riscos de sua existência, enfrentando o maior poder masculino: Deus. Por ser independente desde sua criação como ser humano, apresenta características de libertação verdadeira não se importando com o seu destino. Assume simplesmente sua sexualidade e seu gozo que transparecem na figura feminina do poema. Ela se revela rebelde e assume dentro de seu lirismo sua sexualidade que não mais se contém em seu próprio corpo. Os elementos religiosos são para ela estímulos de vida que se sobressaem aos religiosos. O pulsar da vida está em sua genitália. Também provoca uma transgressão, pois só pode estar no altar sendo santa e santa não tem desejos e ainda o altar não é o melhor lugar para se pensar em desejos sexuais, segundo Adélia.

4.1.12 “Sedução”

A poesia me pega com sua roda dentada,
 me força a escutar imóvel
 o seu discurso esdrúxulo.
 Me abraça detrás do muro, levanta
 a saia pra eu ver, amorosa e doída.
 Acontece a má coisa, eu lhe digo,
 também sou filho de Deus,
 me deixa desesperar.
 Ela responde passando
 língua quente em meu pescoço,
 fala pau pra me acalmar,
 fala pedra, geometria,

se descuida e fica meiga,
aproveito pra me safar.
Eu corro ela corre mais,
eu grito ela grita mais,
sete demônios mais forte.
Me pega a ponta do pé
e vem até na cabeça,
fazendo sulcos profundos.
É de ferro a roda dentada dela.

(PRADO, 2001, p. 62)

Neste poema encontramos a presença da eroticidade natural, a maneira como Adélia sente concreta e sensorialmente. O léxico é cotidiano, modificando a construção nova tanto quanto a surpresa pelo choque. Neste poema, existe a ligação com a poética de João Cabral, compassada, seca, mas crítica, portanto não há como fugir-se da parte formal, mesmo tratando de temas.

Abre os encantos e atração da poesia, do jogo entre poesia e poeta. Estabelece um processo de envolvimento da poesia como elemento dominante, tanto poeta quanto leitor são dominados. Eles vêm a poesia que a procura.

O poema é feito em 21 versos livres, sem estrofação. A construção do poema apresenta 7 partes e para isso é necessário observar a pontuação e o impulso rítmico do poema que provoca sete movimentos, com sete períodos sintáticos. São frases poéticas que interagem com o ritmo e significação que é o resultado de sua construção.

A palavra sedução é um fator dominante. O sujeito que é a poesia, é tanto semântico quanto sintático. O poema sujeita o poeta e o leitor com a ação sedutora

O discurso é cotidiano e inusitado, é articulado com manejo de palavras que buscam o teor lírico. A última etapa indica a constatação de quem está vencido no jogo. Os sinais de pontuação, vírgulas e pontos são indicadores de uma possível leitura declarada.

A combinação faz cada uma das frases estabelecer uma pausa criadora do movimento dos versos e da significação de como é o caminho da sedução. A sonoridade do poema é articulatória. A construção sintática coincide com o jogo de sedutor com o seduzido, da palavra com sua significação.

A euforia do poema não é gerada em rimas, com 7 impulsos, movimentos com início, desenvolvimento e fecho, para os quais contribuem as pausas. Há o paralelismo dos dois versos centrais: fala pau/ fala pedra; acelerado nos dois paralelos: Eu corro/ ela corre mais; eu grito/ ela grita mais.

O poema é livre, seja por forma de não seguir as leis tradicionais do poema, seja no sentido de não criar uma forma para si mesmo. Isso resulta num ritmo solto. A construção é feita por uma escolha lexical convergente em dois níveis: a ação do sedutor e o da reação do seduzido: “- me pega - me força - me abraça - levanta a saia”. Ela brinca com o mito da vagina dentada. Mito o qual acreditava-se (homens) que seu membro genital pudesse ser decepado pela vagina que conteria dentes. Sendo assim, perderia o “pênis” e sua masculinidade. Ficaria assim como a mulher, igualmente considerado na sociedade.

Há aceitação do proibido: iniciação no campo oculto que pede as sensibilidades abertas para a poesia.

O ferro como aço combina com os sete demônios mais fortes. O sofrimento da sedução é elevado ao ato do desespero, um quer ser e fazer mais que o outro. Mas, os dois procuram o encontro.

4.1.13 “Festa do Corpo de Deus”

Como um tumor maduro
a poesia pulsa dolorosa,
anunciando a paixão:

“Ó crux ave, spes única
Ó passiones tempore”.
Jesus tem um par de nádegas!
Mais de Javé na montanha
esta revelação me prosta.
Ó mistério, mistério,
suspenso no madeiro
o corpo humano de Deus.
É próprio do sexo o ar
Que nos faunos velhos surpreendo,
em crianças supostamente pervertidas
e a que chamam dissolutos.
Nisto consiste o crime,
em fotografar uma mulher gozando
e dizer: eis a face do pecado.
Por séculos e séculos
os demônios porfiaram
em nos cegar com este embuste.
E teu corpo na cruz, suspenso.
E teu corpo na cruz, sem panos:
olha pra mim.
Eu te adoro, ó salvador meu
que apaixonadamente me revelas
a inocência da carne.
Expondo-te com um fruto
nesta árvore de execração
o que dizes é amor,
amor do corpo, amor.

(PRADO, 2001, p. 281)

Valorizando o eu feminino, sentidos do corpo, Adélia traz nova concepção de erotismo, indicando o caráter sagrado do sacrifício de Cristo como uma experiência da carne.

É um cântico ao amor do corpo de Cristo que foi pregado na cruz. O termo “Festa” que compõe o título nos envia a uma transgressão aterradora que se situa no campo místico.

É a adoração que vai ao sagrado, ligado à proibição, temor e tremor; é uma devoção, uma adoração. Os homens pertencem a dois movimentos; o terror e a atração.

Deus é algo mais encarnado que se tem em relação ao divino. Prostra-se o “eu” diante das “nádegas” de Deus e assim revela-se a inocência do ser humano.

Ela recupera as festas das civilizações mais antigas, e as articula ao sacrifício. Há a restauração da força religiosa, seus limites repressores das religiões cristãs. Isso tudo, se dá em defesa da mulher, que dá ao texto um caráter de denúncia.

Ligar sexo e gozo ao pecado é obra dos demônios, mas também é o corpo de Cristo na cruz, nu, que desvela o mistério da salvação. Essa mensagem ultrapassa o estreitamento da moral sexual cristã.

Soam símbolos e mitos cristãos na festa para que lhe propiciem a revelação da carne humana como “inocente” e fruto de amor. É a sexualidade encarnada como sinônimo de pecado e resultado de cegueira.

Há o desprezo do puritanismo cristão. Destrói-se a lei da dominação, repressão e torna-se o próprio messias que veio libertar a humanidade.

4.1.14 “Entrevista”

Um homem do mundo me perguntou:

o que você pensa do sexo?

Uma das maravilhas da criação, eu respondi.

Ele ficou atrapalhado, porque confunde as coisas

e esperava que eu dissesse maldição,

só porque antes de lhe confiara: o destino do homem é a
santidade.

A mulher que me perguntou cheia de ódio:
 você raspa lá? Perguntou sorrindo,
 achando que assim melhor me assassinava.
 Magníficos são o cálice e a vara que ele contém,
 peludo ou não.
 Santo, santo, santo é amor, porque vem de Deus,
 não porque uso luva ou navalha.
 Que pode contra ele o excremento?
 Mesmo a rosa, que pode a seu favor?
 Se “cobre a multidão dos pecados e é benigno,
 como a morte duro, como o inferno tenaz”,
 descansa em teu amor, que bem estás.

(PRADO, 2001, p. 214)

Este poema revela o Eros espiritualizado da personagem que está afastado da escala de valores de tradição e da cultura religiosa. Aqui Adélia harmoniza sexualidade e santidade.

Por rejeitar o erotismo da religião, homens reduziram-se à moral utilitarista. Perdem seu caráter sagrado; o erotismo torna-se profano. Tudo isso transparece na confusão e no desespero do homem moderno que não é iniciado nos mistérios da religião erótica.

A personagem retoma a sacralidade erótica a partir do cálice e da vara – que são signos da divindade cristã e os órgãos genitais feminino e masculino. A correspondência pressupõe a restauração do sagrado e a continuação da comunhão entre os princípios masculino e femininos que foram atribuídos e concedidos por Deus.

Há a simplicidade da origem, a ligação entre erotismo e misticismo. Essa mulher demonstra a cada instante suas forças: corpo e sexualidade que são enriquecidos por um desejo espiritual. Ela rompe com a barreira que separa carne e espírito, reavive a união com Deus interpretando e vivenciando esse fato como união sexual.

Esse campo torna a imagem simbolizada de Maria no ocidente por Maria que seja personificada em Prostituta Sagrada.

A imagem de Maria vai evocar a conversão. É uma decifração de signos que são um duplo em gozo da mulher, do corpo humano de Deus e do corpo do mundo. Assim há o religamento do erótico ao sagrado. Essa figura é orientada para a humanização do divino e reversão do processo, divinização do corpo enquanto humano.

Adélia desenvolve o que os intérpretes cristãos tentaram ocultar: a mística cristã, pressupondo amor e atração: desejo de união e êxtase.

4.1.15 “O encontro”

Jonathan,
 se resolvermos que o céu
 é este lugar onde ninguém nos ouve,
 quem poderá salvar-nos?
 Quanto tempo resistiríamos
 sem falar a ninguém deste acontecimento?
 Acompanhei com os dedos
 o desenho miraculoso do teu lábio,
 contornei-lhe as gengivas,
 bati-lhe no dente escuro
 como em um cavalo,
 um cavalo meu na campina.
 Pedi-lhe: faz com tua unha um risco
 na minha cara,
 o amor da morte instigando-nos
 com nunca vista coragem.
 Vamos morrer juntos
 antes que o corpo alardeie

sua mísera condição.

Agora, Jonathan

neste lugar tão ermo,

neste lugar perfeito.

(PRADO, 2001, p. 403)

Neste poema a fala feminina muda a perspectiva vigente, marca sua diferença na apresentação do homem como objeto de desejo. Há a relação entre desejo dos amantes e a morte.

A amante acompanha detalhes do corpo de Jonathan. Vai ainda ao “encontro” com a consciência de que ele é o encontro da vida com a morte, responsável pelo sentimento de solidão, diferença entre os seres, isolamentos que nos posicionam a relação entre erotismo e misticismo na poesia adeliana.

Posiciona-se também contra a alienação e a submissão da mulher, e em particular, da mulher brasileira, uma vez que seu sexo é exposto constantemente em cenas comuns do interior.

Com esse cotidiano e experiência erótica feminina ela abandona as abstrações optando pela corporificação, a qual surpreende o leitor.

Liberada a experiência do desejo nas coisas do dia-a-dia, libera-se a linguagem que não admite a divisão em palavras poéticas e apoéticas. A feminilidade se manifesta na simplicidade.

Jonathan, o Deus transformado em homem, mostra o quanto o homem é suscetível, podendo ceder ao encanto sexual da mulher adeliana.

Salvar-se depende de nós e de Deus, por isso Cristo tornou-se humano. O toque, que acaba sendo erótico, mostra-se com um beijo e com um impulso de um bravo animal: cavalo.

Os versos não têm linearidade, são versos brancos e sua aparente desorganização é a demonstração de subconsciente humano e cristão.

O pedido de amor, dentro de uma forma que vai além do moderno, instiga aos dois o amor como o de Romeu e Julieta no verso “Vamos morrer juntos”. Nada importa para que haja esse amor transcendental, o qual deverá ocorrer sem sofrimentos, retrações e impotências.

4.1.16 “Grande Desejo”

Não sou matrona, mãe dos Gracos, Cornélia,
 sou é mulher do povo, mãe de filhos, Adélia.
 Faço comida e como.
 Aos domingos bato o osso no prato pra chamar o cachorro
 e atiro os restos.
 Quando dói, grito ai,
 quando é bom, fico bruta,
 as sensibilidades sem governo.
 Mas tenho meus prantos,
 claridades atrás do meu estômago humilde
 e fortíssima voz cânticos de festa.
 Quando escrever o livro com meu nome
 e o nome que eu vou pôr nele, vou com ele a igreja,
 a uma lápide, a um descampado,
 para chorar, chorar, e chorar,
 requintada e esquisita como uma dama.

(PRADO, 2001, p. 12)

A própria poetisa pertence a este mundo, exerce suas funções de dona de casa, mãe de filhos, respeitando a tradição. Nota-se a preocupação comum e normal das mulheres que cuidam dos afazeres domésticos. Ela revela-se preocupada e absorvida nas suas funções. Em momento algum menospreza o que faz. Possui consciência de seu valor, mesmo que tenha sido imposto.

A mulher na poética adeliana está presente na sua voz, em seus ideais, pensamentos, dúvidas, angústias...Tudo é exposto com muita coragem, sem preocupações e preconceitos. O cantar da poetisa é muito do que as diferenças sexuais que para muitos fariam diferença no escrever.Ela se liberta de questões menores e absorve em questões do ser.

A mulher está presente em sua poética, é mais que um ser humano, possui conflitos, se angustia diante das coisas do mundo e de si. Ri, fica alegre. Sua poética reflete o drama humano, que é contado por uma voz feminina, diversificando agora pela voz que aclama diferenciação.

Ela usa vários recursos de linguagem figurada para que se aproxime do leitor. Há muita coisa obscura em todo o poema, o qual oferece dificuldades de interpretação para seu público leitor.

Mostra-se uma mulher como outra qualquer que grita quando sente dor. Nessas dores há choro, o mal estar de um corpo humano, pode ser pagã, considerando-se que a mãe dos Gracos refere-se ao paganismo.

Admite querer um livro com seu nome, levá-lo à Igreja, a um lugar e derramar e chorar todas essas angústias colocando-as em um lugar frio, onde não haverá mais volta: uma lápide.

Assim será uma dama, uma mulher que assumiu tudo em sua vida, com os aconselhamentos da igreja. Portanto há uma conformação por parte da mulher, diferentemente daquela que não se deixa oprimir pela religião.

4.1.17 “Os acontecimentos e os dizeres”

Quem está vivo diz:

hoje às três horas padre Libério

dá a bênção na Vila Vicentina.

Ou assim: coisa boa é um banho.

Ou ainda: casamento é coisa muito fina.
Eu achei tanta graça quando aprendi a dar nós,
Fiquei cheia de poder.
Entendi depois o que queria dizer:
“toda convicção é apostólica”,
fiquei cheia de espanto.
As palavras só contam o que sabe.
Mas quem disser: Deus é um espírito de paz,
está repetindo um menino de sete anos, que acrescentou:
eu tenho medo é de dia; de noite, não,
porque é claro.

(PRADO, 2001, p. 39)

Em vários poemas, a mulher espera o homem para o casamento que será demonstrado sem revoltas, sem mágoas, como uma bonita condição do feminino. Além do sonho e da fantasia que envolvem o casamento, há poemas em que estão presentes as características ou os preconceitos sociais que o circulam. Pois, dentro de ambientes conservadores e religiosos, o casamento é o jogo da Cinderela e de Maria, não de Eva ou Lilith, que rompem com o marcado conservadorismo religioso e patriarcal.

Ela resgata o ser humano dando beleza ao seu pensamento. É a magia que é aqui retomada. A idéia pode ser um preconceito, mas nada impede que ele seja poetizado, E, ainda mais, que ele contenha sabor.

É transmitido aqui todo o sabor das coisas da vida, que dão prazer ao ser humano, às pessoas ainda puras de coração que não se perderam nas regras do jogo social. Está presente a vida, mas também a beleza do humano, dos atos que acrescentam à vida em um toque, um mistério, como o casamento no qual giram muitas fantasias.

O ato conservador pode ser poetizado. Para nós, na realidade uma obra literária ou poética, o que deixa claro é que não deve haver preconceitos na escrita. O poeta não se pode deixar levar por preconceitos na escrita. O poeta não pode deixar se levar por preconceitos de

ordem alguma. Tem que estar aberto a tudo. Não pode haver pudores ao nos falar de hábitos e costumes, pois assim fica acessível.

Quanto à mulher, percebe-se a questão da vivência do feminino. Há, na poesia adeliana, uma presença profunda do feminino religioso. O exercício da doação ao outro perpassa toda sua obra. A poetisa exprime a condição do feminino, com todas as suas características. Não é sem dor que ela exerce as tarefas pré-estabelecidas à mulher; no entanto as cumpre com todo o zelo, numa entrega que representa o exercício do feminino, com sua religiosidade e profunda vivência de fé.

Imita em alguns poemas as mulheres da família, que são por ela admiradas e que exercem uma maior beleza que a sua. Essa aprendizagem partiu da beleza de suas dores.

4.1.18 “Dolores”

Hoje me deu tristeza,
 sofri três tipos de medo
 acrescidos do fato irreversível:
 não sou mais jovem.
 Discuti política, feminismo,
 a pertinência da reforma penal,
 mas ao fim dos assuntos
 tirava do bolso meu caquinho de espelho
 e enchia os olhos de lágrimas:
 não sou mais jovem.
 As ciências não me deram socorro,
 nem tenho por definitivo consolo
 o respeito dos moços.
 Fui no Livro Sagrado
 buscar perdão pra minha carne soberba
 e lá estava escrito:

Dentre seus músculos frouxos, mas mulher, a poetisa exige a sorte das mulheres dos tanques, pois elas sustentam os pilares do mundo.

Tudo isso para Adélia é implorar a Deus a mesma continuidade, com uma esperança de mulher e no casamento, é não fazer parte do pacto de Lilith e muito menos de Eva. Talvez essa mulher até pudesse ser Rute ou Judite, mas mulheres que lutam pelo povo e não por si mesmas.

Aqui não ocorre o contrário: é o casamento, conservadorismo de um povo, que ora crucifica a mulher ora a exulta, dependendo do comportamento que apresenta na sociedade.

4.1.19 “Agora, ó José”

É teu destino, ó José,
 a esta hora da tarde,
 se encostar na parede,
 as mãos para trás.
 Teu paletó abotoado
 de outro frio te guarda,
 enfeitada com três botões
 tua paciência dura.
 A mulher que tens, tão histérica,
 tão histérica, desanima.
 Mas, ó José, o que fazes?
 Passeias no quarteirão
 o teu passeio maneiro
 e olhas assim e pensas,
 o modo de olhar tão pálido.
 Por improvável não conta
 o que tu sentes, José?
 O que te salva da vida

é a vida mesma, ó José,
 e o que sobre ela está escrito
 a rogo de tua fé:
 “No meio do caminho tinha uma pedra”
 “Tu és pedra e sobre esta pedra”.
 A pedra, ó José, a pedra.
 Resiste, ó José. Deita, José,
 dorme com tua mulher,
 gira a aldraba de ferro pesadíssima.
 O reino do céu é semelhante a um homem
 como você, José.

(PRADO, 2001, p. 35)

Neste poema, há a ligação entre a resistência proposta e o elemento ferro, bastante significativo na cultura mineira, simbolizando dureza e durabilidade. Isto nos faz relembrar um outro poema de Drummond, no qual o poeta afirma possuir a alma de ferro.

O batente de ferro é para nos mostrar o poder da resistência de José, fazendo interferência no homem. A prudência, o conservadorismo, que impedem atitudes ousadas.

Há um jogo intertextual com o poema de Drummond “José” em que está presente a resistência numa conotação acentuadamente mineira, que é a de não se entregar para sobreviver.

A poetisa é um ser que se mostra altamente reflexivo diante das coisas da vida, das pequenas coisas de um cotidiano normal e comum, invadido por pequenos obstáculos para os quais nem sempre está o ser humano preparado e que tenta encontrar as respostas para seus questionamentos.

É a mágoa do homem com sua própria realidade; a pedra no meio do caminho é para fazer repensar os obstáculos do dia-a-dia. Há a comparação do reino do céu com o homem, duro, mas eterno, sensível, mas terno.

Não se sabe o que sente o homem, a humanidade. A mulher que já possui outros afazeres tornou-se histérica enquanto o homem “possui” o direito de passear.

Só o homem/mulher é capaz de salvar e alimentar sua própria vida. Também é a mágoa da mulher com a sociedade que a coloca em lugar de destaque, mas como rainha do lar.

Com a pedra no meio do caminho, além de imposições sociais e religiosas, encontramos Rute ou Ester que lutam pelo povo e são apenas isso. A valorização, hoje, se dá no campo social desde que a mulher cumpra suas tarefas domiciliares e sexuais, e não sociais.

Viver o cotidiano tranqüilamente no plano deste mundo é ser Maria. Eva não serve, nem Lilith, pois não aceitam as condições que ainda são impostas para a maioria das mulheres. É a aceitação social que ainda derruba e garante muitas mulheres apenas e só dentro do lar com maridos e filhos sem direitos de serem mulheres, apenas!

Todos os poemas analisados nos mostram as diferentes formas de ser, educar e realizar-se mulher. É uma questão sociocultural, e apesar do patriarcalismo e a religião desejarem dar-nos rédeas curtas, aos poucos vamos nos soltando e sendo “verdadeiras” mulheres sem amarras e muito menos comportamentos presos à sociedade ou quem ou qual segmento que seja.

Dessa forma, o discurso religioso marginaliza a mulher. Passa a ser um padrão de idealização – estereotipando-a.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito ainda se tem a abordar sobre Adélia, uma voz muito representativa da poesia brasileira. Adélia traz fortes reflexões sobre a sexualidade feminina.

Valoriza, no seu eu feminino, os sentidos do corpo, a identificação feminina com a religião e o mundo. Mostra que sacrifício da carne de Cristo é uma experiência carnal, e muitas vezes seus poemas retratam tabus e proibições; porém esse sentimento transforma, em seus poemas, a devoção e a adoração.

Ela restaura a força religiosa sem repressões. Defende a mulher em seus poemas, tendo caráter de denúncia, como exemplo ligar o sexo e gozo ao pecado. Sua criação é uma missão sagrada, pois marca uma relação entre o feminino e Deus, que sendo algo sagrado acaba por ser um mistério santíssimo, pois ela faz confissão em sua poesia através da recriação da linguagem.

A posição da poetisa é de proponente de reflexões sobre o caráter salvador de sua poesia. Ela concretiza e humaniza Deus, diviniza o homem. Ela retrata o corpo e o sangue de Cristo como sacrifício que liga o amor e o sacrifício de Deus pelos homens.

Para Adélia, Jonathan, que aparece muitas vezes, é Jesus, e é nele que ela espera sua realização. Ao invés de afastar a imagem divina, ela retrata e busca o religioso nas manifestações diárias.

Assim sendo, seus poemas lutam contra o isolamento e diferença humana que nos posicionam na sociedade como submissas, mostrando o que há de mais cotidiano, cenas comuns, corporificação para construir seus significados dentro de uma simplicidade insubstituível.

Apresenta também idéias revolucionárias, como vigorar a voz feminina, multiplicando as imagens de sexualidade e erotismo da alma. Aproxima o desejo humano à adoração divina. Busca com fonte libertadora, suas fontes de cultura regional.

Apesar de sugestões tidas como antifeministas a que Adélia alude, o que mostra na realidade é oposição ao desejo de dominação que unirá o homem e a mulher, os levaria a perceber que ambos os seres não existem sem o outro.

A força reveladora da poesia adeliana consiste no cotidiano, oralidade e religiosidade. Ela passa do singular ao universal, ela reduz e reduplica a ideologia dominante. Ela desestrutura a repressão sexual feminina, utilizando-se dos elementos repressivos: Igreja, religião, sociedade.

Sua poesia é reveladora e alcança valores que destituem da mulher a culpa e a vergonha sociais. O que há é a integração possível entre homem e mulher.

A origem da repressão da mulher, explicada das mais diferentes formas, perpetua-se historicamente e a biologia é indicação de fragilidade. A mulher não nasceu para a submissão, nem para ser inferior. A opressão aparece num determinado momento da história e perpetua-se ao longo da humanidade.

Com certeza, se fizéssemos só uma análise superficial da poesia de Adélia Prado, definiríamos, de forma crítica, a condição feminina. O exame, ou análises mais aprofundadas, demonstram exatamente o conteúdo social da lírica, que é espontânea, universal e materializa a subjetividade.

Há a insubordinação do sujeito poético às regras sociais. Sua obra, até hoje, torna-se “desobediente” quanto mais acentuado é o grau de subjetividade em seus textos.

Ela não reage apenas a coisas impostas pelo mundo capitalista, mas toma para si a negação da tradição estética para que as mulheres criem literariamente. E não significa aceitar as imposições sociais e sim reverter esses mecanismos que asseguram o recurso marginalidade da escrita feminina.

Sua poesia é protesto, é uma vida diferente e espontânea. Em sua poesia individual ocorre a vez da voz da humanidade, a resistência contra a pressão social. É possível

experimentarmos em sua poética algo maior, de uma outra forma, redefinindo a mulher, o homem e as suas relações.

Sua linguagem subjetiva propicia uma identificação do público feminino com sua fala. Refletindo sobre a liberdade e a dignidade individual e universal, sua poesia é de cunho existencial e restabelece à sociedade, transformando-a na imagem que se autentica e reconhece.

E ainda a imagem de Deus, a vertente religiosa, apresenta relação entre a rítmica e a semântica; portanto formas bíblicas e oração se confundem com caráter pragmático de sua escrita. O ser se define pelo novo contexto. Quanto ao ponto de vista semântico, a poesia de cunho religioso se constrói na tradição e na ruptura. São valores éticos e culturais que cultuam a linguagem coloquial como um modo de expressão próprio de ser. Sua linguagem, o cotidiano, a vida comunitária e familiar adquirem a essência e a descoberta do eterno na vida simples e degradada.

A ruptura religiosa da lírica Adélia Prado rompe com a visão da doutrina cristã prescrita dentro de mitos e ritos que sugerem Deus como punitivo e opressor.

A poesia religiosa de Adélia vem dessa história cristã, recupera a voz dos passos e ditos de Cristo. Suas figuras femininas são construídas em torno de tais práticas tradicionais, tanto na vida pessoal quanto aos afazeres domésticos e a humanização do divino perpassa toda a sua obra.

Em Jonathan, verifica-se o comportamento e as fases do namoro, sempre do ponto de vista feminino: declaração, espera, ciúme, reconciliação...

A vinculação entre poesia e Deus, como fontes geradoras de sua lírica, aproxima o fazer poético e a sua tematização vem ao encontro do pensamento místico do Antigo Testamento.

Assim, determinados momentos do passado são recuperados e reatualizados pelas memórias e vivências exemplares, ligadas às relações afetivas e familiares e ancestrais.

É uma emersão do esquecimento, do tempo desdobrado e da criação. Sua repetição contínua no dever fixo e duradouro universalmente, mostra-nos uma nova mulher que surge com as novas décadas, libertando-se das amarras social, religiosa e patriarcalista.

É a mulher voltando a ser ela mesma, forte, lutadora, sem necessitar de um caminho pré-determinado a ser seguido. É Deusa novamente!

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ABADÍA, José Pedro Tosaus. *A bíblia como literatura*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- ADÉLIA PRADO, poeta, cronista. *O Tempo*, Divinópolis, 28 set. 1998.
- ADÉLIA PRADO. *Cadernos de Literatura Brasileira*, São Paulo, n. 9, jun. 2000.
- _____. *Cult - Revista Brasileira de Literatura*, São Paulo, n. 21, abr. 1999. 64 p.
- _____. Entrevista concedida a José Castello. *Jornal de Poesia Online*. Disponível em: <<http://www.secrel.com.br/jpoesia/ad.html>>. Acesso em: 20 jul. 2003.
- _____. In: CENTRO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS DO PARANÁ. *Mídia Curitiba*, 2001. CD-ROM.
- _____. In: CENTRO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS DO PARANÁ. Departamento de Letras da Universidade Estadual de Maringá, 2000. CD-ROM.
- AQUINO, Felipe Rinaldo Queiroz de. *A Virgem Maria: Papa João Paulo II: 58 catequeses do Papa sobre Nossa Senhora*. Lorena: Cléofas, 2000.
- AUBERT, Jean Marie. *La mujer, antifemenismo cristianismo*. Barcelona: Hereder, 1976.
- AUTRAN, Aleixo Maria. *Maria na Bíblia*. São Paulo: Ave Maria, 1992.
- BARBOSA, Márcia Helena Saldanha. O discurso feminino de Adélia Prado em Bagagem. *Revista do Centro de Artes e Letras - Universidade Federal de Santa Maria*, 1989.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Fatos e Mitos. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949.
- BÍBLIA SAGRADA. 38. ed. São Paulo: Paulus, 2000.
- BINGEMER, Maria Clara et al. (Org.). *O rosto feminino da teologia*. Trad. Pe. João P. Gomes. São Paulo: Ed. Santuário, 1990.
- BINGEMER, Maria Clara Luchetti (Org.). *O lugar da mulher*. São Paulo: Loyola, 1990. (Coleção Eva, 4).
- BUCKER, Bárbara Pataro. *O feminino da Igreja e o conflito*. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- CASTELLO, José. Adélia Prado retoma o diálogo com Deus em 2 livros. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 25 mai. 1999. Disponível em: <<http://www.secrel.com.br/jpoesia/castelo.html>>. Acesso em: 20 jul. 2003.

- CASTELLO, José. O incontestável poder das palavras. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 15 ago. 2000. Disponível em: <<http://www.secrel.com.br/jpoesia/castelo.html>>. Acesso em: 20 jul. 2003.
- CAVALCANTI, Raïssa. *O casamento do sol com a lua*. Uma visão simbólica do masculino e feminino. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1993.
- CHODOROW, Nancy. *Estrutura familiar e personalidade feminina*. In: ROSALDO, Michelle Zimbalist; LAMPHERE, Louise (Coord.). *A mulher, a cultura e a sociedade*. Trad. Cila Anker e Rachel Gorenstein. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 65-90.
- COELHO, Nelly Novaes. *A literatura feminina no Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Siciliano, 1993.
- DUBY, Georges. *Eva e os padres*. Damas do século XII. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- FORTUNA, Felipe. *A escola da sedução*. Porto Alegre: Artes & Oficinas, 1991.
- FURLANI, Lúcia Maria Teixeira. *Fruto proibido*. Um olhar sobre a mulher. São Paulo: Uniceb, 1992.
- GALLAZZI, Sandro. *Ester*. A mulher que enfrentou o palácio. Petrópolis: Vozes, 1987.
- GALLAZZI, Sandro & RIZZANTE, Ana Maria. *Judite*. A mão da mulher na história do povo. Petrópolis: Vozes, 2001.
- GREELY, Andrew. *The Mary myth*. In: *The feminity of God*. Seabury Press: Nova York, 1977.
- KOLTUV, Barbara Black. *O Livro de Lilith*. 9. ed. Trad. Rubens Rusche. São Paulo: Cultrix, 1997.
- KRISTEVA, Julia. *Powers of horror: an essay on abjection*. Nova Iorque: Columbia University Press, 1982.
- LAMPHERE, Louise. Estratégias, cooperação e conflito entre as mulheres em grupos domésticos. In: ROSALDO, Michelle Zimbalist; LAMPHERE, Louise (Coord.). *A mulher, a cultura e a sociedade*. Trad. Cila Anker e Rachel Gorenstein. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 121-159.
- LEMO, Cláudia. Poesia e imprensa: uma leitura dos textos para jornal de Adélia Prado. In: CONGRESSO DE HISTÓRIA DO LIVRO E DA LEITURA NO BRASIL, I. Campinas, 1998. *Anais...* Campinas: Unicamp, out. 1998. (CD-ROM).

- LIMA, Manoel Ricardo de. A dança das palavras. *O Povo*, São Paulo, 19 set. 1998. Disponível em: <<http://www.secrel.com.br/jpoesia/disseram.html>>. Acesso em: 20 jul. 2003.
- LUNEN-CHENU, Marie Thérèse; GIBELLINI, Rosino. *Mulher e teologia*. São Paulo: Loyola, 1992.
- MARCÍLIO, Maria Luiza (Org.) *A mulher pobre na história da Igreja Latino Americana*. São Paulo: Paulinas, 1984.
- MESTERS, Carlos. *Rute*. Petrópolis, Vozes: 1986.
- MEYERS, Carol L. As raízes da restrição – as mulheres no Antigo Israel. In: MEYERS, Carol L. et al. *A mulher na Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1988. p. 9-25.
- NESTROSKI, Regis. Manhattan estremece com Adélia. *O Globo*, Rio de Janeiro, n. 82, 4ª semana, 19 a 25 mar. 1988.
- NÊUMANNE PINTO, José. A mineira Adélia Prado, poesia e prosa com fé no chão. *Jornal da Tarde*. São Paulo, 17 abr. 1999. Disponível em: <<http://www.secrel.com.br/jpoesia/jneumanne14c.html>>. Acesso em: 20 jul. 2003.
- NÚÑEZ, Ángel González. *O casal humano na Bíblia*. Trad. Nancy Faria. Petrópolis: Vozes, 1995.
- ORTNER, Sherry B. Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura? In: ROSALDO, Michelle Zimbalist; LAMPHERE, Louise (Coord.). *A mulher, a cultura e a sociedade*. Trad. Cila Anker e Rachel Gorenstein. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 95-118.
- PAIVA, Vera. *As voltas do feminino: Evas, Marias e Liliths*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- PELLÉ-DOUEL, Yvonne. *L'Église et la promotion de la femme*. Paris: Fleurus, 1969.
- PEREIRA, Sylvia B. *Caminho para a iniciação feminina*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1985.
- PRADO, Adélia. *A faca no peito*. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- _____. *Bagagem*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. *Cacos para um vitral*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- _____. *Manuscritos de Felipa*. São Paulo: Siciliano, 1999.
- _____. *O coração disparado*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

PRADO, Adélia. *O homem da mão seca*. São Paulo: Siciliano, 1994.

_____. *O pelicano*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

_____. *Oráculos de Maio*. São Paulo: Siciliano, 1999.

_____. *Os componentes da banda*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. *Poesia reunida*. 10. ed. São Paulo: Siciliano, 2001.

_____. *Solte os cachorros*. 4. ed. São Paulo: Siciliano, 1991.

_____. *Terra de Santa Cruz*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

QUALLS-CORBETT, Nancy. *A prostituta sagrada: a face eterna do feminino*. Trad. Isa F. Leal Ferreira. São Paulo: Paulinas, 1990.

QUEIROZ, Vera. *O vazio e o pleno*. A poesia de Adélia Prado. Goiânia: UFG, 1994.

_____. O vazio e o pleno. *Jornal de Poesia Online*. Disponível em:
<<http://www.secrel.com.br/jpoesia/vqueiro1.html>>. Acesso em: 20 jul. 2003.

QUERÉ, France. *As mulheres do Evangelho*. São Paulo: Vozes, 1984.

RAMALHO, Christina (Org.). *Literatura e Feminismo*. Propostas teóricas e reflexões críticas. Rio de Janeiro: Elo, 1999.

REIMER, Haroldo; REIMER, Ivoni Richter. *Mulher e homem em Paulo: superação de um mal entendido*. Trad. Norbert Baumert. São Paulo: Loyola, 1999.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. São Paulo: Rocco, 1994.

ROSALDO, Michelle Zimbalist; LAMPHERE, Louise (Coord.). *A mulher, a cultura e a sociedade*. Trad. Cila Ankier e Rachel Gorenstein. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

ROSALDO, Michelle Zimbalist. A mulher, a cultura e a sociedade: uma revisão teórica. In: ROSALDO, Michelle Zimbalist; LAMPHERE, Louise (Coord.). *A mulher, a cultura e a sociedade*. Trad. Cila Ankier e Rachel Gorenstein. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 33-60.

SÁ, Jorge de. *Presença de Carlos Drummond de Andrade na poesia de Adélia Prado*. 1982. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1982.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. O sol da meia noite. *O Estado de Minas*, Belo Horizonte, n. 121, p. 8, 03 set. 1987.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. Prefácio de *O coração disparado*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 1978. (Coleção Poiesis).

SANFORD, John A. *Os parceiros invisíveis*. Trad. I. F. Leal Ferreira. São Paulo: Paulinas, 1987.

SENNA, Cimélio. Vivência erótica do cotidiano na poesia de Adélia Prado. In: RAMALHO, Christina (Org.). *Literatura e Feminismo*. Propostas teóricas e reflexões críticas. Rio de Janeiro: Elo, 1999. p. 117-131.

SICUTERI, Roberto. *Lilith: A Lua Negra*. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

SOARES, Angélica. Memória poética e crítica da ideologia em *Bagagem*, de Adélia Prado. In: SEMINÁRIO NACIONAL MULHER E LITERATURA, 7. Niterói, 1997. Mulher e Literatura / Lívia de Freitas Reis, Lúcia Helena Vianna, Maria Bernadete Porto (Orgs.). Niterói, RJ: EDUFF, 1999b. (CD-ROM).

STEIN, Edith. *A mulher: sua missão segundo a natureza e a graça*. Trad. Alfred J. Keller. Bauru: Edusc, 1999.

VAN REIK, Theodor. *Psicanalisi della Bibbia*. Milão: Sugar, 1968.

WADDINGTON, Claudius Bezerra Gomes. O desejo no olhar: o gozo outro na poesia de Adélia Prado. In: SEMINÁRIO NACIONAL MULHER E LITERATURA, 7. Niterói, 1997. Mulher e Literatura/ Lívia de Freitas Reis, Lúcia Helena Vianna, Maria Bernadete Porto (Orgs.). Niterói: EDUFF, 1999. (CD-ROM).

WHITMONT, Edward C. *Retorno da Deusa*. Trad. Maria Silvia Mourão. São Paulo: Summus, 1991.

XAVIER, Elódia. *Adélia Prado*. Disponível em:
<<http://www.secrel.com.br/jpoesia/xavier15.html>>. Acesso em: 20 jul. 2003.